

Manuel Correia de Andrade

Michel Zaidan Filho

Luiz Bezerra de Carvalho Junior

Edmundo Ferraz

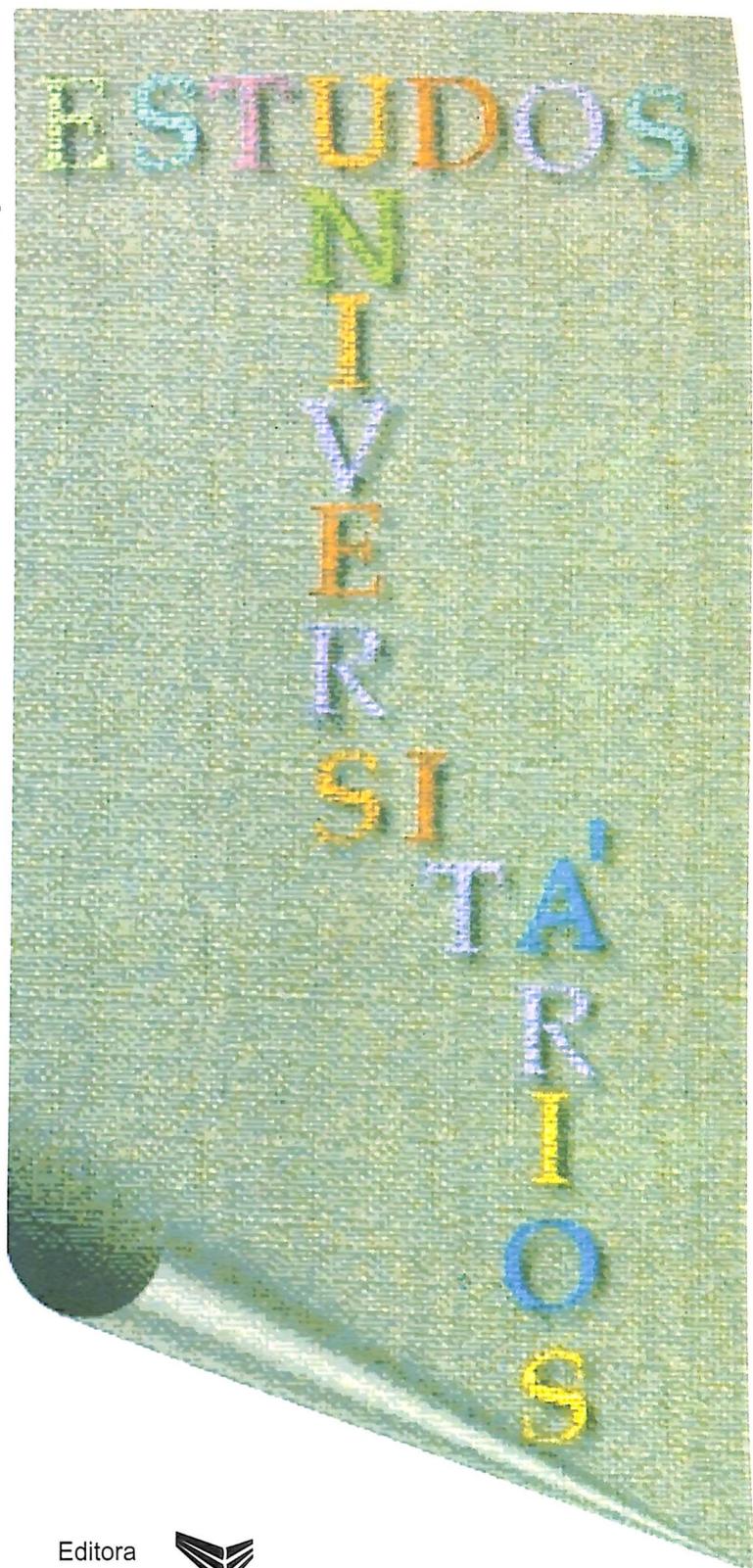
Luciano Oliveira

Yony Sampaio

George Browne Rêgo

César Leal

Débora Brennand



ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

2001

Cursos de Pós Graduação em Direito  
( Mestrado e Doutorado ) UFPE  
Biblioteca

## ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

---

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: *Prof. Mozart Neves Ramos*

Vice-Reitor: *Prof. Geraldo José Marques Pereira*

### DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor: *Prof. George Browne Rêgo*

Diretor Associado: *Prof. Jarbas Maciel*

Editor: *Prof. César Leal*

### COMISSÃO EDITORIAL

*Professores George Browne Rêgo (Presidente),  
César Leal, Jarbas Maciel, Luiz Bezerra de  
Carvalho, Yony Sampaio.*

A

Ar: 208678  
 Ex. 17006483

UFPE/CCJ - BIBLIOTECA FDM

Estudos Universitários; revista de cultura | da | Universidade  
 Federal de Pernambuco | v. XIX n.º 1 | -2- jul./dez., 2001 - Recife,  
 Universidade Federal de Pernambuco | Editora Universitária-

v. em semestral

De jul. 1962 até ago. 1964 foi publicada sob o título Estudos Univesitários  
 revista de cultura da Universidade do Recife.

Diretor: 1962-ago. 1964, João Alfredo Gonçalves da Costa Lima.

Editor: Luis Costa Lima.

Murilo Humberto de Barros Guimarães e Newton Sucupira.

Editor: César Leal. 1964-set.

Diretor Presidente: Prof. George Browne Rêgo 1997-ago

Diretor: Prof. Jarbas Maciel (adjunto).

Editor: Prof. César Leal.

1. Educação superior - periódicos. I. Título.

378.4 (813.4) (05)

CDU (2.ed)

U.F.PE

378.813405

CDU (20.ed)

BC-97-213

Composta e impressa nas oficinas gráficas da  
 Editora Universitária - Universidade Federal de  
 Pernambuco - Av. Prof. Moraes Rêgo, 1235  
 Cidade Universitária.

## ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

### SUMÁRIO

Apresentação ..... 5

#### ENSAIOS

A Globalização e as Perspectivas para o século XXI  
 - *Manuel Correia de Andrade* ..... 15

Globalização e Política  
 - *Michel Zaidan Filho* ..... 31

As Sociedades e suas Fronteiras  
 - *Luiz Bezerra de Carvalho Junior* ..... 53

Globalização e Medicina  
 - *Edmundo Ferraz* ..... 67

Globalização e Teoria Social Clássica  
 - *Luciano Oliveira* ..... 81

Globalização: Seus Impactos Econômicos sobre o Homem e a  
 Sociedade  
 - *Yony Sampaio* ..... 103

#### FILOSOFIA E CRÍTICA LITERÁRIA

Considerações Sumárias Sobre os Conceitos de Experiência e  
 Pensamento reflexivo na Filosofia de Dewey  
 - *George Browne Rêgo* ..... 117

Temas e Motivos de Thomas Mann: de Tônio Kroeger ao  
 Doktor Faustus  
 - *César Leal* ..... 139

#### POESIA

Letras Verdes  
 - *Débora Brennand* ..... 171

## COLABORADORES

### CÉSAR LEAL

Professor Emerito da UFPE, poeta e crítico de poesia, autor dos livros *O Triunfo das Águas*, *Jornal do Verão*, *Constelações*, *Tambor Cósmico*, *Os Cavaleiros de Júpiter*, *Tempo e Vida na Terra*, entre outros. Condecorado com a Ordem do Mérito da República Italiana. Foi relator no Conselho Federal de Cultura do Processo em que os Governos de Portugal e do Brasil criaram o "Prêmio Luís de Camões".

### DEBORA BRENNAND

Autora de numerosos livros de poesias entre os quais *O Cadeado Negro*, *Claridade* e outros. Muito bem recebidos pela crítica que lhe reconheceu um lugar na linha de frente da melhor poesia brasileira contemporânea.

### EDMUNDO FERRAZ

Professor Titular da Cirurgia Abdominal da UFPE. Membro da Academia Pernambucana de Medicina e da Academia Recifense de Letras. Tem participado de congressos internacionais na Alemanha e Estados Unidos.

### GEORGE BROWNE RÉGO

Professor dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFPE, PhD pela Universidade de Tulane (USA) ex-Pró-Reitor de Assuntos Acadêmicos e Reitor (1983-1987) da Universidade Federal de Pernambuco. Autor de vários trabalhos publicados em revistas universitárias do país e do exterior.

### LUCIANO OLIVEIRA

Professor adjunto de Departamento de Ciências Sociais da UFPE. Doutor pela Escola de Estudos em Ciências Sociais. Autor de *Imagens da Democracia e a Vergonha do Carrasco* - Uma reflexão Sobre a Pessoa de Morte, entre outros, e de diversos artigos em revistas do país e do exterior.

### LUIZ BEZERRA DE CARVALHO

Professor Titular de Bioquímica da Universidade Federal de Pernambuco. PhD em Bioquímica pela Universidade de Saint Andrews, Escócia. Diretor do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami. Autor de vários artigos publicados no país e no exterior.

### MANOEL CORREIA DE ANDRADE

Professor Emerito da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Historiador, Diretor do CEHIBRA - Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco da Fundação Joaquim Nabuco. Foi apontado, pela Folha de São Paulo, como autor de um dos melhores 100 livros publicados no Brasil no século XX.

### MICHEL ZAIDAN

Doutor em História pela USP e Professor de Ciências Sociais. Cientista Político, autor de vários livros e colaborador de revistas de cultura do país e do exterior.

### YONY SAMPAIO

Professor do Departamento de Economia/PIMES da Universidade Federal de Pernambuco, PhD pela Universidade de Califórnia, e ex-Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE. Autor dos livros *Política Agrícola no Nordeste*, *Nordeste Rural: Transições para o Capitalismo*, entre outros, e de muitos artigos em revistas especializadas do país e do exterior.

## Apresentação

Desde que voltou à circular, em sua nova fase, a revista *Estudos Universitários* lança mais um número dedicado a tema polêmico: a globalização. Para muitos, ela veio para ficar. Qualquer resistência à pressão de suas forças transnacionais seria inútil. Não adiantaria sequer discutir tal conceito por ser uma realidade de nosso tempo, alcançando todos os aspectos da vida na sociedade moderna. Mas nem todos pensam assim. A maioria dos especialistas não compartilha a idéia de uma vida melhor em um planeta "globalizado". A globalização seria um fenômeno parcial, alcançando apenas uma fração do espaço-tempo, sem poder jamais dominar a totalidade extensiva da vida nas mais diferentes sociedades humanas. As violentas manifestações, em julho, na reunião do Grupo dos 8, em Verona, demonstram o fracasso da "terceira via" de Tony Blair, Anthony Giddens e todo peso da instrumentação acadêmica da *London School of Economics*.

O geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade, Professor Emérito da UFPE, inicia seu ensaio atribuindo à mídia a imagem falaciosa da globalização, que leva grande segmento do público a considerá-la como um remédio milagroso, que veio para nos beneficiar, uma espécie de panacéia capaz de por fim a todos os males humanos. "A globalização é utilizada como se fosse um símbolo da modernidade", do progresso, algo inexorável, a que os governos e as organizações sociais devem curvar-se por lhes ser inútil qualquer resistência à pressão de suas forças gigantescas. Trata-se de estudo altamente didático, mostrando-nos os diferentes aspectos da globalização, sempre bela e sedutora, como o demônio do dramaturgo inglês Marlowe (séc. XVI). Poucos observaram que

“no mundo globalizado, temos uma potência imperial, mais rica e militarmente mais poderosa, os Estados Unidos. Nenhum outro país, isoladamente, tem condições de competir com o seu poder”. Mas o professor Manuel Correia de Andrade lembra-nos que blocos de países se formam ou se formaram à sua sombra, e procuram emergir. Também há outras forças que não estão sujeitas a essa superpotência. Um exemplo seria a China, que apresenta, nos últimos anos, grande crescimento econômico e desenvolvimento cultural. Seu “socialismo de mercado”, diz Manuel Correia, vem mantendo certa autonomia frente às imposições do Ocidente. Militarmente é uma potência nuclear de elevado poder ofensivo. O mundo islâmico é outra incógnita, em face dos grupos fundamentalistas. Todos reconhecem os esforços do mundo ocidental para depor Saddam Hussein. Entre esses povos, há uma força talvez maior do que a do petróleo: “a forte renovação da civilização islâmica, uma civilização onde a fé se aproxima do fanatismo, a partir dos sentimentos religiosos e culturais”. Globalizar o mundo não será fácil, em nome de uma unidade e homogeneização impossíveis. As diferenças existentes entre os povos, trazem lutas, guerras civis, e outros obstáculos cuja força material e espiritual ainda não foi suficientemente avaliada. Os grandes grupos econômicos internacionais não se acham sujeitos a compromissos. Por isso, buscam “exarcebar as diferenças”, estimulando as guerras separatistas. Para o professor Manuel Correia de Andrade, as perspectivas para o século XXI não são claras, confiando, contudo, que não sejam sombrias; “mas não se pode garantir – diz cautelosamente – que o avanço científico e tecnológico seja usado em benefício da humanidade como um todo”.

O cientista político, Michel Zaidan Filho, professor dos cursos de pós-graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal de Pernambuco, em sugestivo ensaio sobre o tema, após

definir os conceitos de globalização e mundialização, mostra-nos serem tais fenômenos bem diversos do Neoliberalismo, como julgam até mesmo alguns estudiosos do fenômeno. Revela-nos porque costuma-se identificar neoliberalismo com globalização, algo que “tende a legitimar aspectos do fenômeno que não são absolutamente unânimes nem consensuais, são polêmicos”. A globalização leva a uma acelerada “desterritorialização” causadora de mudanças e capaz de “subverter as noções tradicionais de espaço e tempo”. As complicações dessas mudanças, ricas em perspectivas e de grandes repercussões na vida dos povos e das nações, tornam o estudo do professor Michel Zaidan Filho indispensável aos que desejam conhecer a globalização, como um fenômeno da *ultra-modernidade*, de que nos fala o filósofo francês Luc Ferry, ou *baixa-modernidade*, na conceituação do ensaísta e pensador Eduardo Portella.

O professor Yony Sampaio, ex-pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE, Ph.D. em Economia, examina três conceitos: *globalização*, *mundialização* e *internacionalização*. Tais conceitos aparecem, com frequência e muito destaque na mídia nacional e internacional. O primeiro seria para os franceses o mesmo que “mundialização”. Circulação ampla de informações, mercadorias, pessoas, deixando à margem as fronteiras dos países, sejam ou não integrados em blocos. Por exemplo: MERCOSUL, União Européia, etc. Para o professor Yony Sampaio, o que melhor caracteriza a globalização e impressiona o usuário das comunicações eletrônicas, é a Internet. É espantoso o milagre do correio eletrônico. Viaja a velocidade da luz. Isso significa que a *constante de tempo* de Max Planck – como dizem os físicos – não demore mais que uma fração de segundo para levar informação a qualquer região do planeta, através da Internet. “Com igual perplexidade assiste-se à veloz circulação de bilhões de dólares entre as bolsas de Londres, Nova Iorque, Hong Kong e São Paulo, sem que existam mecanismos adequados de

controle desses fluxos. É a globalização”. Com objetividade, o autor analisa o conceito de internacionalização. Também revela resultados práticos: melhorias sem precedentes em alguns setores, tais como portos e serviços, etc. Seu ensaio, todavia, lembra-nos de que a idéia de estarmos a viver em um outro mundo é ilusória. A miséria e a fome se expandem com rapidez; até podemos dizer que esses males também se globalizam. A concentração de renda, as disparidades entre ricos e pobres, tornam-se cada vez mais acentuadas com a globalização. As idéias circulam com rapidez, mas a livre circulação de pessoas não existe. Fecham-se as fronteiras para migração. Só o capital circula livremente. Os bens não gozam da mesma liberdade: barreiras tarifárias limitam seus movimentos entre as nações.

O professor Edmundo Ferraz, em ensaio sobre globalização e Medicina, ocupa-se das relações entre ambas, enfatizando o papel exercido pela Internet, na velocidade das informações. Destaca o avanço das descobertas na área médica no decorrer do século XX, revelando o espantoso crescimento dos processos, métodos e técnicas cirúrgicas, avanços no âmbito da cirurgia e domínio das doenças infecciosas, quase tudo a partir da primeira cura com o emprego de antibióticos, quando a penicilina, descoberta por Fleming, em 1928, no início da década de 40 foi empregada pela primeira vez, com êxito no tratamento de um caso de septicemia. Seu estudo, muito bem apresentado, representa contribuição de valor sobre a análise das relações entre os avanços científicos na área médica, especialmente na cirurgia, e a globalização. Inclusive o intercâmbio de conhecimentos entre especialistas das diferentes partes do mundo.

“Globalização e teoria social clássica” é o título do ensaio do professor Luciano Oliveira. Coloca-se, de certa forma, na linha do estudo do professor Michel Zaidan Filho. Ambos analisam os conceitos de globalização e neoliberalismo. O professor Luciano Oliveira indaga sobre “o que tem a ver o processo atual conduzido

sob a égide doutrinária do que veio a chamar-se neoliberalismo, com a teoria do século XIX – Marx a Durkheim, passando, por outros menos conhecidos ( para os não iniciados em sociologia) Ferdinand Tonnies”. Nesta apresentação, independente do valor intrínseco do ensaio, convém destacar o seu estilo, o que é importante em trabalhos divulgados em revistas de cultura. O estudo se desenvolve tendo como suporte forte embasamento cultural, alicerçado nos clássicos. O professor Luciano Oliveira é mais do que um especialista. É um escritor que sabe utilizar bem a língua na exposição de questões técnicas ou científicas. Isso é importante para a comunicação das idéias, tornando-as acessíveis ao leitor comum e não apenas aos especialistas.

Em “As sociedades e suas fronteiras”, o professor Luiz Bezerra de Carvalho Júnior, aborda questões relativas aos fenômenos biológicos, entendendo que sua compreensão contribuirá para um melhor funcionamento das sociedades humanas, filosoficamente concebidas. Tal esforço de biotecnologia sociológica estudaria a “constituição das sociedades, a sua evolução e desenvolvimento, à luz das leis biológicas (sociocibernética). A presença de componentes teóricos nessas proposições é evidente, a começar pela indagação do autor se não seria a biosfera um organismo “pluricelular” resultante da seleção natural em larga escala, e, assim, a célula deve ser entendida como cada indivíduo de cada espécie isoladamente. Após desenvolver amplamente o tema, o biólogo Luiz Bezerra de Carvalho Júnior, escreve: “Enfoque-se com mais vagar as ameaças às nações, decorrentes da diminuição da vigilância das fronteiras, de natureza biológica, naquilo que se poderia delimitar como questão de saúde em tempos de globalização. Concluí seu estudo afirmando que sem humildade necessária à coexistência simbiótica com a vida que lhes cerca, todas as formas de vida existentes sobre a terra desaparecerão. Sua extinção está programada. “Este será o grande desafio do novo milênio”.

Não são esses, apenas, os fenômenos mais sérios provocados pela globalização. O professor Ladislau Dawbor, em artigo publicado na revista *Tempo Brasileiro*, mostra-nos que já em 1995, a circulação financeira internacional atingia um trilhão de dólares por dia, enquanto a troca de bens e serviços era de apenas 20 a 25 bilhões. Revela, assim, o quanto há de especulação, sendo 50 vezes maior aquele valor financeiro do que o realmente necessário para cobrir “atividades econômicas reais”. Cita um fato espantoso: o banco central americano (*Federal Reserve*), confessa não ter competência jurídica, por ter seu campo de atuação limitado ao âmbito nacional. Por outro lado, não possui condições técnicas, “por não dispor os Estados Unidos de computadores, capazes de acompanhar o que está acontecendo”. (Cf. *Tempo Brasileiro*, jul-dez. 1999). Em seu ensaio, o professor Ladislau Dawbor diz que as “instituições que surgiram do Bretton Woods, como Gatt, o FMI e Banco Mundial, foram dimensionadas para ajudar a regular relações internacionais, e se encontram amplamente ultrapassadas”.

#### FILOSOFIA E LETRAS

O ex-reitor George Browne Rêgo, professor dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Direito da UFPE, apresenta nesta seção da revista dedicada às humanidades, ensaio sobre os conceitos de experiência e pensamento reflexivo na filosofia do norte-americano John Dewey. A experiência é um substrato a partir do qual a filosofia deweyana opera, constituindo-se no ponto, a partir do qual, situam-se todos os problemas humanos, possibilitando a análise de cada um e sua solução respectiva. A passagem do orgânico ao âmbito da cultura é o que gera o comportamento intelectual. Com Dewey, as idéias de *experiência e reflexão* afastam-se das conotações tradicionais, para se transformarem nos instrumentos básicos, responsáveis pela construção do novo edifício filosófico. Assim, os dois conceitos são criações puras do intelecto. Ao fazer um paralelo entre atividade artística e a lógica científica, o filósofo norte-americano destaca o papel integrador do conhecimento, em que

inteligência, fantasia, imaginação e razão, com todas as suas potencialidades, constituem efetivamente uma arte, assegura o professor George Browne.

César Leal, poeta e crítico de poesia, Professor Emérito da UFPE, analisa a obra romanesca de Thomas Mann, cujas criações se apresentam ao analista como um dos campos mais férteis para a verificação dos próprios instrumentos de investigação e análise da crítica literária, verificação de seus parâmetros e experimentação contínua da escala de seus valores teóricos. Para o autor do ensaio, Thomas Mann situa-se hoje como um “ponto-limite”: a grande coluna de nosso tempo em cuja extremidade oposta se encontra Homero. Entre esses dois pilares se estende – para falar em termos metafóricos – a literatura do Ocidente. Os materiais artísticos que motivam a atividade de Thomas Mann, são o belo, o amor, a morte, o tempo, a enfermidade, a música, as relações familiares, a própria arte. No *Doktor Faustus*, uma estrutura complexa revela a oposição entre a arte moderna e sociedade burguesa, a tragédia protagonizada pelo Nazismo e o sentido da idéia de “identidade nacional”, que levou a Alemanha a abandonar o sonho de uma Alemanha européia pela trágica realidade de uma Europa alemã. Tais são as linhas gerais do ensaio de César Leal.

#### POESIA

A separata deste número é uma coletânea de poemas da grande poeta Deborah Brennand, autora de numerosos livros de poesia, que por sua estrutura e beleza das imagens, tudo impregnado pelo estilo da lírica moderna, permitiu a crítica reconhecer-lhe um lugar na linha de frente da melhor poesia brasileira de nosso tempo.

Recife, julho de 2001

O Editor

ENSAIOS

## A Globalização e as Perspectivas para o Século XXI

*Manuel Correia de Andrade*

### *01 – A mídia e a globalização*

Uma das expressões mais utilizadas pela mídia, nos dias de hoje, é globalização; ela é utilizada em sentidos diversos, visando convencer o público a respeito de sua inevitabilidade e apresentando-a como benéfica à humanidade.

A globalização é utilizada como se fosse um símbolo de modernidade, como um fato inexorável ao qual os governos e as organizações sociais devem se curvar, por ser inútil e impossível qualquer resistência à mesma. Daí justificar-se uma política neoliberal de exclusão na qual se admite que o mercado é a medida de todas as coisas, justificando-se, face ao mesmo e ao seu poder, a necessidade de uma política excludente, que viola os direitos adquiridos pelos vários grupos sociais, em anos de luta entre o capital e o trabalho. Com ela, tenta-se eliminar a evolução histórica e procura-se negar a existência de conflitos de classes, da chamada luta de classes e dos grupos sociais. A defesa dos interesses dos grupos organizados e de sua importância para a evolução histórica é condenada em nome da eficiência do sistema neoliberal, sob a acusação de corporativismo.

Em nome da luta contra o corporativismo, eliminam-se os direitos elementares conquistados pelos cidadãos e inscritos nas constituições, o que provoca, naturalmente, a falência e a substituição do estado de direito, tão defendido e aceito no século XX, por formas mais ou menos ditatoriais de governo. Daí, o crescimento

da dívida dos países, tanto a externa como a interna, o aumento do desemprego e da coação sobre as organizações sindicais. Daí, também, a pregação da falência do socialismo, fazendo confundir a ideologia socialista com o comunismo real dos soviéticos, e a inexorabilidade do capitalismo, como mais perfeita forma de organização social.

Com isto, procura-se minimizar os princípios nacionalistas, como arcaicos e ultrapassados, substituindo-os por princípios que negam importância à soberania dos estados e procuram até diminuir a importância da história, como fez Fukiama, em livro que se tornou famoso (1992). Surge daí, entre grupos empresariais fortes, ligados politicamente aos países imperiais, a idéia de uma nova redivisão de fronteiras, fazendo desmembrar os estados nacionais e substituí-los por mini-estados que seriam mais dóceis aos grandes grupos econômicos (1994).

## *02 – Processo de globalização*

É necessário que se analise as características da fase histórica em que vivemos para que se compreenda que a história não evolui em sentido linear e que o produto da evolução histórica não se consolida em organizações permanentes. A história é um processo que vai se sucedendo de tal forma, que no momento presente sente-se a influência do passado e pressentem-se as indicações do futuro. É o chamado tempo tribio de Gilberto Freyre (1983). Desse modo, ninguém no presente está alienado do passado e descompromissado com o futuro.

Neste fim de século, vive-se o momento em que o sistema capitalista alcançou a sua maior pujança; mas, ao mesmo tempo que apresenta essa pujança, ele vai apresentando grandes aspectos negativos que, naturalmente, serão o gérmen de sua destruição ou de sua substituição por outro sistema mais racional. O homem, ao

mesmo tempo em que domina a mais alta tecnologia, não consegue eliminar os grandes desníveis sociais nem preservar a natureza, provocando uma taxa de exclusão cada vez maior, uma degradação mais acentuada nas condições de vida e a destruição de elementos naturais cada vez mais escassos e mais necessários à sua sobrevivência. Vivendo no planeta, onde há uma grande abundância de água, o homem a usa de forma tão irracional, degradando-a de tal forma que, tudo indica, um dos maiores problemas da humanidade, dentro de poucos anos, será a falta de água potável; também numerosas endemias e epidemias que causavam grandes impactos à vida no planeta e que já haviam sido praticamente extintas, nos meados do século XX, estão reaparecendo de forma generalizada. E tudo isto porque o capitalismo privilegia o interesse econômico acima de qualquer outro, minimizando as necessidades sociais.

Admitimos que o capitalismo, que teve expressão a partir dos séculos XV e XVI, com a decadência do feudalismo, desenvolveu-se na Europa à proporção que o mesmo ia sendo eclipsado, e teve como sua principal característica a expansão europeia sobre os outros continentes e a uniformização, até certo ponto, da superfície da terra. Esta uniformização foi realizada, sobretudo, na infra-estrutura econômica, de vez que as superestruturas sociais e culturais – religiões, sistemas familiares, línguas, crenças, valores sociais, etc – subsistem em grandes porções da superfície da Terra e refazem-se nos momentos de crise do sistema de dominação.

O domínio do mundo pelos países europeus – portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses, belgas, alemães, russos etc. – foi inicialmente feito com o estabelecimento de feitorias costeiras nas áreas de clima tropical e com pequenas colônias de povoamento nas áreas de clima temperado, ambas baseadas em sistemas de domínio e de exploração econômica que se chamou de

colonialismo. Neste processo de colonização os povos colonizados foram, em grande parte, eliminados – a maioria dos indígenas da América -, ou aprisionados e forçados a migrar para áreas distantes, como aconteceu com os escravos africanos para as Américas e com indianos e chineses, em forma de semi-escavidão, para as Antilhas e as ilhas da Oceania.

No século XIX os povos colonizadores passaram a ampliar as áreas de suas colônias e a organizar estados dependentes, ora como protetorados, quando mantinham as instituições internas tradicionais, ora como simples colônias, quando ficavam inteiramente sob o controle do país colonizador. Passou-se, assim, do colonialismo para o imperialismo. E os impérios coloniais mais poderosos foram o inglês e o francês. Em escala menos expressiva havia impérios como o alemão, belga, holandês e português, que conseguiram se manter até a segunda metade do século XX. O império russo apresentava características próprias, por ter sido construído em terras contínuas que se estendiam do Báltico ao Pacífico e incorporava a metade da Ásia. Ele sofreu um abalo com a Revolução Russa e foi parcialmente destruído com a queda da União Soviética.

O surgimento de uma consciência nos países colonizados e de lutas entre os países colonizadores provocou um certo desequilíbrio nas relações entre metrópole e colônia, levando os países colonizadores a desenvolver a chamada política de descolonização que era, na verdade, uma reformulação do sistema colonial decadente. Uma forma de sobrevivência da dominação que se acentuou durante a guerra fria, quando a então União Soviética e a República Popular da China passaram a intervir no tabuleiro político dos países considerados subdesenvolvidos.

Nas últimas décadas do século XX, quando a liderança capitalista passou a ser exercida por uma potência imperial, sem ser

contestada por outras, como acontecera nos períodos que antecederam às duas guerras mundiais e se continuaram na Guerra Fria, esta potência passou a ter o domínio quase exclusivo da superfície da Terra. Os grupos econômicos capitalistas, domiciliados nos países ricos da América do Norte, da Europa e do Japão, passaram a ditar uma política econômica única, em função dos seus interesses, e a desenvolver uma forte contestação aos sentimentos nacionais. O estado nacional que havia sido consagrado nos fins do século XIX e consolidado com a Primeira Guerra Mundial passou a ser execrado em função dos interesses econômicos do Grande Capital.

### *03 – A geopolítica da globalização*

No mundo globalizado, temos como potência imperial, mais rica e militarmente mais poderosa, os Estados Unidos. Nenhum outro país, isoladamente, tem condições de competir com ele; existem, porém, blocos de países que se formam ou se formaram à sua sombra, que procuram emergir.

Os Estados Unidos, com uma grande extensão territorial (9.363.502 Km<sup>2</sup>), uma população bastante expressiva (270.700.000 hab) e o PIB mais elevado do mundo (7.433.587 (??) US\$), com um forte interesse sobre o continente americano e o mundo do Pacífico, estende os seus negócios por toda a superfície da terra. Para isto, ele associou-se ao Canadá e ao México, na NAFTA, e procura absorver totalmente o continente americano com a ALCA, pondo em risco as associações de países latino americanos, como o Mercosul, o Pacto Andino, o CARICOM e outras associações. O sistema de relações internacionais procura sempre acentuar a rivalidade entre o Brasil e a Argentina, no MERCOSUL, e retardar o ingresso do Chile e da Bolívia no pacto meridional.

Na Europa, a chamada União Europeia, formada inicialmente como uma Comunidade de que participavam seis países, é hoje formada por 15 – Reino Unido, França, Itália, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Irlanda, Luxemburgo, Espanha, Portugal, Suécia, Grécia, Alemanha, Áustria e Finlândia -. Numerosos países tentaram dela participar, como a Turquia, a Polónia, a República Checa e a Hungria. No oriente europeu, numerosas das repúblicas soviéticas se aglutinam na Comunidade de Estados Independentes – Federação Russa, Bielo Rússia, Ucrânia, Moldávia, Arménia, Geórgia, Azerbadjão, Kazaquistão, Quiegizia, Tadjiquistão, Turcomênia – embora se observe uma grande diferença entre os países eslavos e cristãos ortodoxos, e os muçulmanos. Certamente, estes terão uma tendência a se associar a países asiáticos e maometanos, como o Irã ou mesmo a Turquia.

No Extremo Oriente, o Japão exerce uma certa liderança, hoje disputada pela China, que apresenta, nos últimos anos, um grande crescimento económico e desenvolvimento social. Na verdade, a China, desenvolvendo o chamado “socialismo de mercado”, vem mantendo uma certa autonomia frente às imposições ocidentais. O continente indiano, hoje com uma população superior a 1 bilhão e meio de habitantes, é dividido por fortes rivalidades entre a Índia e o Paquistão e apresenta problemas com o Sri-Lanka e a Bengala. A Indochina e a Insulíndia, com características próprias e, após o impacto da crise económica que destruiu o mito dos “tigres asiáticos”, tem problemas, inclusive, de instabilidade política, sofrendo grande atração da China e do Japão.

O mundo islâmico é uma incógnita, sobretudo com o crescimento dos grupos fundamentalistas que dominam vários países, demonstrando um grande poder de resistência, como se observou na guerra do Golfo; ainda hoje o mundo ocidental não conseguiu depor Saddam Hussein. Além disto, há uma forte

renovação da civilização do Islã, a partir dos sentimentos religiosos e culturais.

A África continua sendo o mais espoliado dos continentes; ela vem sendo colonizada, em parte, à margem dos grandes investimentos naquelas áreas que não são produtoras de matérias primas de alto valor, como petróleo, manganês, ouro e diamantes. Em função disto, o continente negro vive em permanentes guerras civis, travadas entre nações que se odeiam e que foram colocadas pelos colonizadores europeus dentro de uma mesma fronteira. É muito difícil manter uma unidade dentro de territórios de repúblicas como a Nigéria, o Sudão, a República Popular do Congo ou Angola.

O que se vê é que o mundo globalizado, que parece a caminho da unificação e da homogeneidade, é, na realidade, um mundo em que as forças centrífugas são tão fortes quanto as centripetas e tende a uma divisão, a uma pulverização, considerando-se as características de alguns países e regiões.

#### *04 – Estados e nações: a questão da soberania*

Um dos temas mais afetados pela globalização é o das relações entre estados, o das relações entre estados e nações e até entre estados e regiões. Isto porque, o princípio de que cada estado constitui uma nação, permaneceu em uma posição teórica, nem sempre se efetivou; existem os estados nacionais relativamente uniformes, como o Uruguai ou a Dinamarca, e os estados formados por várias nações. Entre estes há os que têm uma nação hegemônica e nacionalidades diferentes e aqueles em que algumas nações se equivalem em expressão e poder, resultando a unidade de um equilíbrio entre os mesmos. No primeiro caso, temos a Federação Russa, onde os russos, que são maioria absoluta, controlam o poder político e submetem os povos dominados a um verdadeiro colonialismo interno – Tchecênia, Darguestão, Tartária, etc – ou

como ocorria com a Iugoslávia, antes do desmembramento, entre sérvios, croatas, eslovenos, bósnios, montenegrinos, macedônios e kossovares; ou com numerosos países africanos, como a Nigéria, com huassas, ibos e iorubas ou a República Popular do Congo, ou a Tazânia. Na China, o segundo país do mundo em superfície e primeiro em população, observa-se o domínio absoluto dos hams, submetendo os mandchus, os tibetanos, os uigures e os mongóis.

Há países multinacionais, aqueles em que coexistem grupos de origem étnica diferentes, como se observa na África do Sul, com brancos – britânicos e holandeses – e nações negras; no Canadá, com os anglo-canadenses, os franco-canadenses, os indígenas e os inuits; ou como alguns países andinos onde convivem os criolos, de origem espanhola, e os povos indígenas, quéchuas e aimarás, sobretudo.

No Extremo Oriente, convivem vários países de minorias chinesas que, na Malásia, chegam a ser majoritárias sobre os malaios e fazem com que Cingapura, na Insulíndia, seja uma cidade e também um estado chinês.

A Espanha é um estado multinacional em que convivem, em sistema federado, castelhanos, catalães, andaluzes, galegos e bascos, hoje organizados em uma federação, e em países do Norte da África onde convivem árabes e bérberes.

Ao mesmo tempo, ocorrem casos de vários estados ocupados por uma mesma nação. Perguntaríamos se poderíamos considerar como estados-nações alguns países árabes que representam um passado feudal, com ligações hierárquicas entre povos e soberanos? Ou haveria uma nação árabe dividida em vários estados que um dia poderão se unificar? O mesmo não ocorreria na América Latina com países de colonização espanhola e com identidade de língua e de religião? Que diferenças existiriam entre uruguaios, argentinos e chilenos que os caracterizassem em nações, a não ser a organização

político-administrativa? Ou entre o Equador, Peru e Bolívia, com uma superestrutura crioula, de origem espanhola e uma grande população indígena – quéchua e aimará – fiel a seus costumes e tradições? Por acaso, a diferença étnica e cultural entre um Quéchua peruano ou equatoriano e um crioulo não será maior do que a entre dois quéchuas, um peruano e outro equatoriano?

No caso brasileiro, em cujo território se encontra ainda um contingente indígena expressivo – cerca de 250.000 pessoas – e uma população formada por descendentes de europeus e de africanos, não se pode falar em uma unidade cultural. A própria expressão cultura luso-brasileira é autêntica para os habitantes do Norte, do Nordeste e da porção setentrional do Sudeste, mas seria autêntica para a população do Espírito Santo, de São Paulo e dos estados sulinos, que sofreram forte influência de migrantes europeus? Não haveria uma cultura luso-brasileira, ao lado de uma ítalo-brasileira, teuto-brasileira, polaco-brasileira, ucraino-brasileira e até nipo-brasileira?

Daí haver uma forte corrente de pensadores, de cientistas sociais e de historiadores defendendo a existência de uma forte diversificação regional no Brasil, diversificação esta que resultou do fato de que em nosso país, graças à visão genial de José Bonifácio, o estado antecedeu à nação (ANDRADE, 1998). O próprio José Bonifácio conduziu o movimento de separação Brasil-Portugal, preservando a forma monárquica de governo e a dinastia de Bragança, a fim de evitar o desmembramento do Reino do Brasil em vários estados, conforme as tendências regionais ou nativistas, muito fortes em províncias como a de Pernambuco, a de Minas Gerais e a do Rio Grande do Sul. E ele próprio, já em 1822, chamava a atenção para a necessidade da realização de uma política que levasse a cidadania aos povos negros e indígenas, muito numerosos, a fim de

que o país se integrasse. Seria esse o caminho para que o estado produzisse a nação.

O caso da Argentina é semelhante ao do Brasil, quando o Vice-Reinado do Prata foi se desmembrando, formando países independentes, como o Paraguai, com forte influência guarani, a Bolívia, com influência aimará e o Uruguai com pretensões a controlar as bacias do Paraná e do Uruguai em torno do porto de Montevideu. Sonho que certamente não foi concretizado devido à intervenção do Brasil, derrotando os planos de Artigas e estendendo seus domínios até o Prata. Além disto, a história das Províncias Unidas do Rio da Prata foi, durante muitos anos, uma história da luta entre Buenos Aires, porto cosmopolita, e as províncias do Pampa que procuravam fugir à sua dominação, bem expressada no clássico livro de Sarmiento contra o caudilhismo de Facundo Queiroga.

A globalização, com a sua visão de unidade e de homogeneização, vem sendo imposta a vários países, visando à unificação do mercado internacional dentro dos princípios neoliberais; mas, como toda pressão provocou uma reação, ela vem dando margem, em toda a superfície da Terra, a uma exacerbação das diferenças existentes, provocando guerras civis e a dissolução de estados. Os dois grandes exemplos são a antiga União Soviética e a Iugoslávia; no primeiro caso, o grande império comunista se desmembrou formando quinze países independentes, dos quais apenas três consagraram uma separação radical – Estônia, Letônia e Lituânia – e os demais adquiriram soberania mas se agruparam em um bloco econômico denominado de Comunidade de Estados Independentes. Estes estados, porém, continuaram com sérias tendências ao esfacelamento, como já ocorreu no caso da Federação Russa e ocorre também em países como a Geórgia, com a Ossétia e a Abkásia, no Azerbadjão, com Nagorno Karabach, e na Ucrânia, com

os tártaros e com as diferenças entre os próprios ucranianos orientais e ocidentais.

Os grandes grupos econômicos internacionais não têm compromissos com o passado nacional e muito menos com os interesses dos povos que procuram explorar; em consequência, procuram exacerbar as diferenças existentes, estimulando movimentos separatistas. Esses movimentos se tornaram cada vez mais fortes, como se observa com os bascos na Espanha, com os galenses e escoceses na Grã Bretanha, com os bretões e os corsos na França, com os lombardos na Itália, com os valões na Bélgica, etc. E têm uma grande repercussão na África onde as divisões entre os estados foram feitas por fronteiras traçadas no período colonial, sem levar em conta as diferenças étnicas existentes.

O perigo que advém para o Brasil é o de que, havendo interesses divergentes entre regiões brasileiras, seja estimulado o pensamento separatista que ocorre desde o período colonial; isto poderá fazer com que as regiões mais pobres, como o Norte e o Nordeste, tendam a se separar do Sudeste, ou que os estados do Sul procurem se separar do resto do país, devido não só às suas origens étnicas como aos seus interesses econômicos, estimulados por uma política de integração com a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. E na Bolívia, até que ponto a atração exercida pelo pólo econômico de São Paulo não poderá provocar uma atração da porção meridional do país, separando-a da porção andina, bem mais próxima culturalmente do Peru. Ou no oeste da Argentina, quando regiões andinas podem ser atraídas para o Chile devido à proximidade e as ligações já existentes entre províncias como Salta, Jujui, Tucuman e Mendoza com o país andino?

Como se explica, hoje, a balcanização dos países insulares do Caribe e da Oceania que, ao se libertarem juridicamente da dominação imperial tendem a formar países independentes – quase

um estado para cada ilha – e não uma federação de ilhas. O fato é olhado com apoio das grandes potências que seguem o princípio romano de dividir para dominar.

### *05 – O impacto sobre as estruturas sociais*

O mundo viu, durante o século XX (ANDRADE, 1994), a luta intensa que houve entre o capitalismo e o socialismo como forma de organização social; nesta luta houve espaço ou brechas, como diriam os povos de língua espanhola, que foram utilizadas pelas classes menos favorecidas para obter alguns direitos sociais. Daí o estabelecimento de garantias no emprego (estabilidade), de aposentadoria, de direito a férias, a repouso semanal remunerado, de assistência à maternidade e à infância etc. que oneravam a produção, elevavam o custo da produção.

Estas reivindicações foram efetivadas com maior ou menor intensidade nos vários países, conforme se posicionassem como socialistas, sociais democratas ou liberais democráticos. Também deram margem ao surgimento de ditaduras estruturadas em posições filosóficas – o nazismo, o fascismo, o franquismo, o salazarismo, etc – ou em simples controle absoluto do poder estatal. Mas também deram margem ao surgimento do estado de bem estar social, à social democracia, em que a riqueza nacional era mantida em mãos da propriedade privada mas onde os assalariados tinham acesso a várias estâncias do poder e obtinham garantias mínimas para os direitos sociais. A Suécia e a Dinamarca, entre outros países, foram e são exemplos de efetivação da social-democracia. Em alguns outros, passado o temor de uma pressão soviética, do socialismo real, com a debacle da União Soviética, grupos dominantes passaram a intensificar o acesso ao lucro, a minimizar os custos de produção e, em nome da eficiência, a eliminar os direitos adquiridos, mesmo quando consagrados pelas constituições.

O impacto da tecnologia, altamente desenvolvida e controlada pelos grupos detentores do poder político e econômico, minimizaram o papel do trabalho como fator de produção e passaram a substituir os trabalhadores, em atividades essenciais, por robôs. O fato diminuiu o poder de pressão dos sindicatos e pôde multiplicar os lucros dos bancos e das grandes empresas, que passaram a se associar para minimizar a concorrência.

Estes fatos levaram à anestesia da opinião pública, à pressão da mídia sobre a população e à exacerbação do homem trabalhador e da natureza. Daí vivermos sob a ameaça de duas tragédias: a generalização do desemprego, provocando a dissolução da sociedade, e a destruição da natureza, devastada e degredada pela exploração desenfreada e pelo lançamento de resíduos industriais nas águas continentais e marítimas. Para obter maior produtividade agrícola passou-se a utilizar agrotóxicos, com impactos mortais sobre os animais e os homens. Lembre-se, como exemplo, o caso do rio Madeira, na Amazônia, um dos mais caudalosos do mundo e que se encontra contaminado pelo lançamento do mercúrio em suas águas.

Não se pode deixar de lembrar que epidemias que atacavam as populações nos séculos passados, como, entre outras, a varíola, a febre amarela, o cólera, a bubônica, etc, haviam sido praticamente erradicadas nos fins do século XIX e início do século XX, voltaram a incidir fortemente sobre as populações pobres que levam uma vida miserável e não podem fugir à promiscuidade e à mendicância na periferia das cidades. E os rios morrem, fazendo pesar sobre a humanidade a inanição por falta de água potável.

### *06 – Quais as perspectivas para o século XXI?*

Estamos iniciando, a 01 de janeiro de 2001, um novo século e um novo milênio. A data é psicologicamente marcante e homens, como D. Hélder Câmara, que já se preocupavam com o futuro da

humanidade, pugnavam para que o novo milênio fosse iniciado sem fome e sem miséria. Isto em um momento em que dois terços da humanidade não têm o que comer nem como se prevenir contra as doenças.

Como se pode organizar uma sociedade em que os interesses da humanidade se sobreponham aos dos grandes grupos econômicos e em que os governos se preocupem não só em manter como também em ampliar os direitos humanos? Como se pode orientar a juventude levando-a a substituir as drogas e a violência por preocupações culturais e sociais? Como coibir o uso de agrotóxicos que provocam a destruição do próprio homem, ou de substâncias químicas que poluem o ar e chegam a atingir a camada de ozônio que protege a Terra da ação dos raios ultravioleta? Mas, sobretudo, como se pode eliminar as discriminações entre os homens, fazendo desaparecer os preconceitos de raça, de cultura e de classe? Quando os homens se conscientizarão da necessidade de utilizar a natureza sem destruí-la nem degradá-la? Quando as empresas se cristianizarão, procurando controlar o lucro, respeitando os direitos da natureza, dos homens e até dos animais?

As perspectivas para o século XXI são as de que o mesmo será conduzido visando beneficiar a Terra e a humanidade como um todo, ou de quê, com o desenvolvimento tecnológico, este e o capital utilizados para que alguns grupos exerçam o poder ditatorial e despótico sobre o homem e a natureza? Fato que se tornará mais pernicioso porque o poder pode ser exercido em escala mundial e não em parcelas da superfície da Terra, formada pelos estados.

Esperamos que as perspectivas para o século XXI não sejam sombrias, mas não podemos garantir que o avanço científico e tecnológico seja usado em benefício da humanidade como um todo.

#### Referências bibliográficas:

- 1994 – Naisbitt, John – *Paradoxo Total*. Rio de Janeiro. Campus;
- 1992 – Fukiama, Francis – *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro. Rocco;
- 1983 – Freyre, Gilberto - *Insurgências e Ressurgências Atuais. Cruzamento de sins e nãoos em um mundo em transição*. Porto Alegre. Globo;
- 1994 – Andrade, Manuel Correia de – *Uma Geografia para o Século XXI*. Campinas. PAPIRUS.

## Globalização e Política

*Michel Zaidan Filho*

A primeira coisa a dizer sobre o tema é que essa palavra *globalização* é de origem anglo-saxã. Apresentada muitas vezes como uma tendência, um processo inevitável, onde a população só pensa em ajustar-se passivamente, não havendo muita base de manobra em relação a esse processo.

Entretanto, a globalização não é um destino, que as pessoas tem naturalmente de carregar. Os franceses, por exemplo, em vez de globalização, usam a palavra *mundialização*, exatamente para tentar retirar o peso da ideologia que esta expressão contém.

A mundialização, no âmbito da globalização é um processo resultante de uma série de transformações objetivas, que é preciso considerar como sendo parte da história contemporânea. Ao contrário do neoliberalismo que não se constitui propriamente em positividade empírica, mas se situa no campo das práticas discursivas, numa elaboração teórica, política, ideológica, cuja tendência é justificar ou racionalizar aspectos dessa propensão do mundo atual.

Essa é uma distinção didática que se faz entre *mundialização* e *globalização* que é bem diferente do *Neoliberalismo*. Contudo, é interessante destacar, porque às vezes identifica-se muito rapidamente um processo com o outro e dá a impressão que o neoliberalismo já é a própria globalização em ação.

Essa visão tende a legitimar determinados aspectos da globalização que não são absolutamente unânimes nem consensuais, são polêmicos.

A partir desta referência, podemos em primeiro lugar, dizer que a globalização implica em um processo de desterritorialização que provoca mudanças e subverte as noções tradicionais de espaço e tempo.

Passamos por um momento de reorganização do espaço político e social, de uma ordem econômica e política internacional que não mais se assenta em Estado-Nação, porém em unidades supra nacionais e sub nacionais, ou seja, a desterritorialização, sugere a formação desses grupos ou blocos de interesses econômicos e políticos, tais como: União Européia, Mercosul, NAFTA, o acordo dos Tigres Asiáticos, APEC e ALCA.

Portanto, essa nova ordem já é produto de uma mudança desse espaço geo-político (o Estado-Nação); não são mais as nações que constituem os pólos de organização desse universo. É uma mistura tanto política como territorial ou unidades sub nacionais.

Estamos numa época em que apesar de se falar muito em globalização o que temos é um movimento de fragmentação muito grande de unidades geo-políticas, abandonamos o plano do Estado Nacional na tentativa de superá-lo em unidades mais amplas ou reduzi-lo a unidades menores com os Estados e Municípios.

Temos, então algumas grandes cidades estratégicas que se sobressaem nesse cenário como elementos estruturadores dessa geopolítica da *mundialização*. Esse é um fato que devemos considerar tendo em vista que a vida municipal passa a ter um papel que até então não exercia.

Acostumamo-nos a ver as cidades como sendo o lugar do caos urbano, onde deságuam todas as desgraças do país, o êxodo, a violência, a pobreza, a exclusão, a prostituição, o tráfico e etc. Agora, elas passam a ser atores políticos por excelência, num quadro onde a nova ordem não se assenta mais no poder nacional, introduzindo

assim, uma geo-política formada por gestões municipais com função estratégica nesse novo tabuleiro. Não é sem razão que hoje, tem se falado muito do renascimento das cidades, as quais vem surgindo no bojo de uma crise dessas unidades maiores.

O segundo ponto, bastante importante, que vale a pena salientar sobre essa questão da mundialização, diz respeito a financeirização da riqueza. Assistimos, ao final deste século, a um modo de circulação de produção de riqueza que não tem mais haver diretamente com a produção de mercadoria.

A financeirização em alguns casos, ultrapassa de muito o Produto Interno Bruto – PIB de diferentes nações civilizadas e ricas, provocando conseqüências muito sérias para a autonomia e a soberania dos governos nacionais. De certa maneira compromete bastante o raio de ação e a margem de manobras desses governos, causando a desintermediação bancária. Os bancos deixam de ser hoje, os mediadores e os intermediários da circulação desse capital financeiro, perdendo com isso o controle desse fluxo.

Esse processo foi altamente potenciado por um certo dogma do pensamento único, como diz o sociólogo francês Alain Touraine: esse dogma é receituário das agências multilaterais no percurso de ajustamento de estabilidade econômica dos países, não só do Terceiro Mundo, através do controle do déficit público, da dívida externa, das privatizações e sobretudo da desregulamentação do mercado financeiro, de grande repercussão na economia mundial.

Portanto, temos um tripé básico desse receituário do pensamento único ou regime globalitário, constituído pela desregulamentação, as privatizações e a abertura comercial.

A desregulamentação do mercado financeiro juntamente com a financeirização da riqueza e sobretudo com a revolução das

tecnologias de informação tem provocado um quadro extremamente problemático para a regulação dos Estados Nacionais. Não há como, efetivamente, governos, ministros e instituições, regularem esse fluxo financeiro que chega a casa de 1 trilhão de dólares, por dia.

Dessa forma, globaliza-se a riqueza, sobretudo a financeira, expõem-se as economias nacionais a um sério ataque especulativo de grande proporção, a cada uma das moedas, que hoje estão praticamente indexadas, ancoradas no dólar.

Essa ancoragem é de grande complexidade na medida em que se solidariza a economia interna com a economia externa, expondo-a ao mesmo tempo às crises mundiais.

Não há muito como evitar o dogma do pensamento único, ele inibe a capacidade dos gestores de tomar iniciativas que possam minimizar os efeitos dessas crises especulativas praticadas contra as moedas nacionais, com receio de afugentar os investimentos. Como esse modelo de desenvolvimento é bem aceito em si mesmo, atraindo capitais de curto e médio prazo para financiamento da economia, qualquer medida tendente a minimizar, monitorar, acompanhar as oscilações cambiais, pode realmente provocar um verdadeiro “estouro da boiada”.

O mercado é muito sensível, basta um pequeno toque no comando de um computador pelo mundo afora, tem-se automaticamente a transferência de milhões e milhões de dólares de uma bolsa de valores para outra e não há controle. Costuma-se dizer que nem os bancos centrais estão aparelhados para fazer essa fiscalização do ponto de vista da tecnologia de informação.

Certamente, esse processo debilita a capacidade de fazer política monetária, cambial, emprego e renda ou mesmo política industrial nos Estados Nacionais, na verdade ocorre o que os países que têm se inserido de maneira passiva nessa nova ordem, estão

deixando de realizar políticas ativas no que diz respeito a esses itens, ou seja, o seu potencial para criar política é muito limitado.

Outro aspecto seria pensar essa integração na perspectiva de um projeto nacional, a partir do qual se negocie a vinda de investimentos, sabendo-se objetivamente onde investir, qual a contra parte (regiões pobres, ricas ou médias), tipo de vocação e assim por diante. Entretanto essa inserção vem se dando sem uma contrapartida dos poderes nacionais, sem projeto de desenvolvimento que leve em consideração a indústria, o trabalho e a população.

Estava lendo um artigo da Folha de São Paulo, que dizia estarmos voltando ao governo Dutra; por incrível que pareça depois de 40 anos, a inflação baixa, mas com um déficit na balança comercial bastante comprometido e com uma pauta de importação altamente desenvolvida. Quer dizer parece que já houve anteriormente a opção pela industrialização, agora estamos optando pela desindustrialização do país, naturalmente isso tem tudo haver com essa nova ordem baseada nesse tripé da desregulamentação do mercado financeiro, das privatizações e sobretudo da abertura comercial, feita quase sem nenhum critério, provocando a destruição da indústria.

Enfim, a idéia da mundialização se estabelece, inicialmente com a relativização dos Estados Nacionais, dos gestores, dos projetos de desenvolvimento nacional. A concepção de nação não como cultura, mas um Estado com organização político-administrativa.

Perdemos também uma das características fundamentais dos Estados Modernos, o seu caráter fordista, baseado na relação produção – consumo, onde as políticas públicas em geral, eram voltadas para um tipo de cidadão, que era ao mesmo tempo produtor e consumidor. Intervinha-se na produção através de estímulos,

encomendas, políticas industriais, aumentando a produtividade: maior consumo, maior produtividade, maior salário e assim por diante.

Portanto, o tipo de Estado que está sendo reconstruído a partir da globalização, não é mais o Estado Fordista, aquele que produz bens e serviços, mas um outro de natureza gerencial, preocupado apenas com o empresariamento da distribuição destes bens e serviços.

Existe, cada vez mais, uma tendência para que o Estado deixe de ser o provedor direto da oferta da produção de bens e restrinja-se ao papel de gerente, empresário, de um técnico que consiga efetivamente garantir que essa distribuição se faça com a melhor eficiência possível, sem, entretanto, entrar diretamente nesse processo. Esse modelo corresponde de fato ao ideal de propriedade e de cidadania que não tem mais nada a ver com o cidadão do Estado Fordista. Ele vai se dirigir para um tipo de cidadão voltado para o consumo, diferentemente daquele que é usuário, capaz de desfrutar, usufruir os serviços e bens públicos ou privados.

O Estado passa, então, a adotar um outro perfil em função dessa cidadania, que por sua vez também leva a um outro tipo de participação política na sociedade. Pouco a pouco os partidos, sindicatos, as associações sindicais, congresso, vão deixando de ser o lugar por excelência da disputa e de luta pelas demandas. Esse cidadão irá lutar nos conselhos de usuários, porque como consumidor, sua inquietação hoje é essencialmente com a qualidade do serviço público. Ele não está mais preocupado com o monopólio, a posse e nem com quem produz.

O mais interessante é que está havendo uma certa convergência de pensamento face a esse modelo. As organizações sociais aparecem agora como sendo realmente as agências

substitutivas, digamos assim, do Estado ou dos seus vários organismos através dos quais eram feitas as prestações dos serviços públicos, com características também muito especiais.

Dentro dessa nova ordem parece que o Estado benfeitor esgotou-se em conseqüência da crise fiscal e não tem efetivamente mais condição de implementar o que quer que seja, nem tão pouco como se auto-financiar, por isso, deixa de prestar serviços, passa a gerenciá-los, transferindo essa obrigação para terceiros, efetivamente através de várias modalidades, diversos contratos e diferentes parcerias.

Portanto, é um modelo muito mais flexível, voltado para o gerenciamento e para uma cidadania apenas de consumo. O problema é que essa cidadania ainda não é tão ampliada, tão inclusiva, mas ela é, sobretudo excludente.

Porém, os entusiastas desse processo, acreditam que a crise no Estado Nacional, principalmente, das políticas compensatórias, no que diz respeito às medidas tendentes de diminuir a desigualdade regional ou social, devem levar realmente a uma potenciação muito elevada dos núcleos ativos dinâmicos da economia mundial.

A potenciação desses núcleos dinâmicos deverá gerar a automaticamente a circulação e distribuição de mais bens e serviços, inclusive para aqueles que não tem renda, ou seja, para os não-incluídos nessa sociedade de consumidores.

A idéia de querer ainda, fazer políticas nacionais, industriais e de trabalho, que contemplem a desigualdade entre os indivíduos ou a desigualdade entre regiões é um desestímulo, e mais que isso, é um fardo que os países têm de carregar tornando suas economias muito menos competitivas para disputar no mercado globalizado.

O melhor seria fazer ao contrário, ao invés de gastar tempo, esforço, dinheiro com políticas de compensação para distribuir de

uma maneira mais eqüitativa a riqueza entre indivíduos, deveria concentrar os pólos dinâmicos dessa economia, de maneira a potenciar mais o dinamismo, a produtividade e a competitividade para que esses núcleos possam gerar muito mais riqueza, bens e serviços, favorecendo aqueles que estão digamos, nas fimbrias, nos interstícios dessa sociedade de consumo.

Como é possível pensar num modelo de desenvolvimento econômico ou social que não leve em consideração o Estado ou a Nação? Como se fosse possível prescindir dessas políticas e desses gestores, para levar a frente um plano de desenvolvimento. Porém parece ser essa a tendência: não se ajustar mais os Estados Nação, nem as políticas redistributivas.

Esse é um grande problema, pois na medida em que o Estado nação perde esse papel, a unidade desse movimento, as políticas redistributivas deixam de ter qualquer importância na perspectiva de um projeto nacional que contemple o território, as regiões, as cidades e sobretudo para combater as desigualdades sociais.

Esse fato tornou-se uma espécie de arcaísmo. As pessoas não querem falar sobre essas questões, isto inibe os investidores. Fala-se de políticas industriais como se fossem políticas de proteção à indústria nacional, considerada pouco competitiva, ruim, atrasada, deficiente etc. Fala-se de políticas proativas quando se quer tratar das políticas industriais. Se bem que, ultimamente, tomaram medidas de proteção no setor têxtil, brinquedos, auto-peças e etc., contudo existem contradições.

Esse processo não é unilinear, não é um movimento de mão única, que vai passando por cima de tudo, não é assim. Existem contradições, aqui no Brasil, há contradições inclusive no Ministério do Governo Federal.

Se bem que, a linha de ação predominante ainda seja a do ajustamento passivo, da âncora cambial, da estabilização em detrimento da agricultura, da indústria e dos demais setores.

Não se sabe até quando vai se administrar efetivamente os déficit das contas públicas, da balança comercial e do desemprego. Mas, enfim é uma opção do governo com receio de provocar uma manifestação de desconfiança por parte dos investidores que possa vir a provocar abalo ainda maior na bolsa de valores.

Na globalização, não só existem aspectos positivos, mas também fatores negativos. Temos que tomar cuidado para não haver uma crise cambial, e não sermos vítimas do "estouro da boiada". Isto seria uma tragédia para o Presidente da República que está ocupado com a sua reeleição. Essa é a dose amarga que teremos de engolir até a eleição, como acontece na Argentina, com o segundo governo Menem.

Essa é uma estratégia de conciliação, principalmente se não mudar a situação internacional, taxa de juros americana, possibilidades de investimentos em outros países.

Certamente, existem fatores que são imponderáveis e que o governo não tem poder de controle, elementos externos, sobretudo num governo globalizado. Porém, há internamente um exercício de monitoramento das crises internacionais, muita discussão, as quais não temos acesso, sobre o que fazer como por exemplo, adotar medidas tópicas, pequenas mudanças para ir ajustando lentamente o câmbio.

O problema maior é o descompasso acelerado da defasagem cambial. Nesse sentido, de acordo com os governantes, a medida adotada tem sido a de alargar as bandas cambiais, de forma que seja sempre possível fazer pequenas desvalorizações, quase imperceptíveis, para que a médio e a longo prazo as exportações reajam.

Entretanto, para a resolução desse problema é preciso que ocorra o retorno do crescimento econômico, o aumento da produtividade e sobretudo o dinamismo nas exportações brasileiras, sem isso não haverá salvação.

A expectativa de que a privatização irá gerar concretamente oportunidades de investimentos na faixa de 90 bilhões, não se dará, caso não se tenha posteriormente um processo continuado do crescimento econômico sustentável.

Se privatizar tudo, haverá uma desregulamentação na economia, e, ela só reagirá com a diminuição da taxa de juros, estimulando as exportações, vendendo mais do que recebendo dólares.

Além disso, outra medida que o governo não adota, seria o ajuste fiscal. Haja vista, que o problema do debilitamento das contas públicas é o de gastar sem receber. Gasta-se cada vez mais, a despeito do discurso de austeridade. As despesas com viagens, a ajuda dada aos bancos privados (aumento em 50% a dívida), a sonegação fiscal tem agravado ainda mais o montante da dívida.

O que se fala é que a equipe econômica do governo através das microdesvalorizações vai pagando as dívidas externas, mas ainda temos o setor das telecomunicações e eletricidade a privatizar. Ou seja, a reserva cambial do país até agora é bastante considerável. O medo é depois da eleição, vide o exemplo de alguns países asiáticos, muito embora, ao contrário do Brasil, eles tenham capacidade de tomar medidas preventivas de beneficiar-se com as coisas que estão acontecendo no mundo.

Outra característica de conseqüência bastante séria na perspectiva da organização do espaço, seja nacional, estadual ou municipal diz respeito à desvalorização do trabalho, enquanto elemento criador de riquezas.

Até então, o Estado era voltado um pouco para reposição da força do trabalho, as políticas de certa maneira eram dirigidas nesse sentido, tudo que vinha, por exemplo, da educação e saúde eram salários indiretos.

No entanto, a partir do momento que se passa a ter um modo de circulação de riqueza que não se fixa na valorização do trabalho, vai criando-se uma exclusão, uma desinserção social, passa-se a criar guetos, dualizações na sociedade, formando um caldo de cultura muito favorável a todo tipo de movimento fundamentalista, movimentos que são de um irracionalismo fora do comum, profundamente autoritários, comprometendo inclusive o próprio regime democrático.

A sociedade brasileira tem 30 milhões de pessoas excluídas. Não pode haver legitimidade no contrato social dessa sociedade; ninguém pode, a não ser que essa pessoa esqueça, feche os olhos totalmente, ao que se passa em torno de si e viva em outro mundo, achando que não tem nada que ver uma coisa com a outra, mas é impossível que cada cidadão não se sinta minimamente responsável ou cúmplice até pela omissão do que se passa com cada um de nós. Afinal de contas, um bilhão desempregados não é mil desempregados, são muitos desempregados, carregando com eles todas as seqüelas que o desemprego traz.

Este é o passivo que a globalização está deixando, juntamente com o déficit fiscal que os governos ainda não sabem como enfrentar. Parece que o desemprego nessa nova ordem veio para ficar na medida em que esse padrão baseia-se na prescindibilidade do trabalho e não apenas na qualificação, mas sobretudo na extinção dos postos de trabalho. Evidentemente, é preciso qualificar, melhorar a mão-de-obra, contudo, isso é uma medida paliativa, não é resposta para a crise de emprego.

Certamente, os governantes, as agências serão forçados a encontrar uma alternativa para esse problema, nem que seja a redução da jornada de trabalho, de forma que as pessoas possam trabalhar menos para trabalhar mais, de acordo com o grande conselho do governo socialista francês.

Por outro lado, terá também que aumentar a carga tributária das empresas, para poder proteger as vítimas desse desemprego. Não há outra saída.

Criar alternativas econômicas, promovendo espaços para os micro-empresário, os artesãos, os trabalhadores do mundo da cultura, as atividades ligadas ao turismo, as empresas de saúde e ONGS que têm se tornado também um setor, onde se absorve muita mão-de-obra, inclusive, aquelas que cuidam dos desempregados, curiosamente, através de fundos públicos internos ou externos. Enfim, de uma certa maneira, os governantes serão obrigados a enfrentar esse desafio do desemprego.

A questão da globalização passa a ser um processo extremamente real e não mais a trajetória de alguns grupos cuja, visão era de que nós íamos nos contrapor ao movimento da globalização, uma concepção imatura, imaginar que qualquer Estado Nacional pudesse se colocar fora desse processo. Porém, parece ser muito pouco discutido, a forma pela qual vamos nos inserir nesse movimento, tanto dentro do poder público como nas organizações não governamentais. A principal constatação é que ela se completa com a descentralização.

Tanto os espaços dos Estados da Federação, como o das cidades, são subprodutos da reorganização territorial provocada pela globalização dos Estados, à medida que eles deixam de ser unidades de um pacto federativo maior, com redes de solidariedade entre si e identidade cultural única, para se tornarem realmente enclaves, solto

pelo mundo e atrelados a um mercado. Os Estados começam a se tornar realmente fragmentos dessa unidade maior que é o Estado-Nação.

O que assistimos hoje, é aquilo que se chama de guerra fiscal, uma espécie de *striptease* tributário, que os estados vêm fazendo, visando a sua viabilidade econômica às custas das redes de solidariedade mútuas e também da própria identidade cultural. Cada um aparece para oferecer mais vantagens, mais benefícios, mais privilégios aos “potenciais investidores”.

Vimos, há pouco tempo, alguns processos movidos pelo Ministério Público contra governos que, inclusive, ferindo a Constituição Estadual, pagaram as empresas montadoras, para se instalarem em seus territórios, o Rio Grande do Sul, o Paraná e Minas Gerais. Essa política hobbesiana de absoluta concorrência e competição entre as unidades da Federação tem destruído toda e qualquer possibilidade de um projeto integrado de política regional.

Qualquer tentativa, nessa direção, implicaria efetivamente, uma reorganização do pacto federativo, uma desconcentração tributária, um fortalecimento na autonomia dos Estados.

Nunca os estados da Federação estiveram tão debilitados e tão frágeis. Assim sendo, a palavra descentralização precisa realmente passar por uma depuração semântica. O que ela significa no contexto de uma federação destruída, onde os governos enfrentam um processo de ingovernabilidade fiscal, que é a base da crise política em decorrência da ausência de recursos para a administração, tendo agora, a militar, em função da crise de segurança que toma conta do país como um todo?

A palavra *descentralização* tem sido soletrada como uma panacéia para enfrentar realmente a crise do Estado e da sociedade,

efetivamente ela só tem um significado, deixar cada Estado entregue a sua própria sorte e livre para resolver sua crise.

Não existe mais um governo que tenha responsabilidades constitucionais em manter o corpo político da federação, inclusive através de políticas regionais, que vão desconcentrando riquezas, os investimentos, a circulação de bens, etc. Não tem isso, os Estados estão de fato entregues a sua própria sorte sob a alegação de um movimento de descentralização, que curiosamente se dá com a reconcentração da capacidade contributiva pela União, compreendido até na prorrogação do FEF.

Sem dúvida, é muito contraditório falar em descentralizar, no momento em que as unidades federativas estão caindo em pedaços, literalmente arruinadas.

Segundo Emerson Capaz, secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e um dos dirigentes do pensamento de base empresarial, num artigo da Folha de São Paulo, os estados estão hoje praticando no Brasil um Robin hodismo às avessas, tirando dos pobres para dar aos ricos.

Essa é a verdade, porque cada estado que oferece receitas com a finalidade de viabilizar investimentos, está realmente imprimindo à sociedade um modelo perverso de desenvolvimento, que se instala na ausência de um projeto nacional que procure equilibrar equitativamente as desigualdades entre regiões e cidades. Conseqüentemente, cada um age por debaixo do pano, oferecendo o que tem e aquilo que não possui.

Cada estado da Federação agora resolveu fazer seu "book", assim como fazem as candidatas à manequim, eles oferecem às missões comerciais estrangeiras o clima, as praias, a população, a mão-de-obra, o gás, a infra-estrutura, o dinheiro, as receitas e etc.

Enfim, esse é o padrão de desenvolvimento no qual a descentralização tem que se inserir.

Portanto "*cada um por si e Deus por todos*", não há verdadeiramente compromisso e nem responsabilidade, todos copiam o mesmo modelo como exemplo, podemos citar Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará e outros que vão tentando trilhar o mesmo caminho do Rio Grande do Sul. Aquele que mais praticar o Robin hodismo às avessas será campeão desse padrão de desenvolvimento regional. Esse comportamento não se limita apenas ao estado, sendo incorporado também pelos municípios; o mais grave é que essa atitude vem em cadeia.

A destruição das redes de solidariedade começam do topo. O Estado-Nação, na ausência de um projeto nacional desagregando-se através dos estados, que por sua vez também começam a se desagregar como unidade cultural ou mesmo do ponto de vista, de uma sociedade mais ampla, o que termina rebatendo no local.

Quanto mais falecem as políticas públicas de caráter mais universalista, incluem-se aí as urbanas e as regionais, mas se estimula a autonomia. Sem dúvida, é muito conveniente, incitar a autonomia local, a criatividade, a inventividade, a heterodoxia da localidade, pois não há regras nem parâmetros, os gestores estão com as mãos livres para estabelecerem as parcerias, os acordos que quiserem com vistas a se viabilizarem.

Naturalmente, o governante eleito tem compromissos que deseja cumprir como gestor, e aí o céu é o limite das práticas urbanas inovadoras porque não há parâmetros. Mas quais serão esses parâmetros? São modelos de sociabilidade ainda ligados com a Nação, a religião e/ou a classe social?

As redes de solidariedade estão destruídas, o que faz a Nação e o que constrói a identidade regional é o mesmo entre os municípios

e isso está acabado. Então, o que pode ocorrer a partir dos escombros desse modelo? É a construção de uma nova sociabilidade, de uma cidadania emergente, de uma nova ordem de âmbito político, econômico e mundial.

É importante situar nesse momento os novos modelos de gestões no mundo atual. Eles apontam efetivamente para ampliação de espaços públicos, com os movimentos sociais atuando através dos Conselhos Setoriais, das Associações e Federações de Bairros, na formulação de políticas públicas ou no controle de fiscalização dessas políticas, através de parcerias, de contratos feitos com a sociedade civil e com as agências multilaterais, que não levam muito em consideração as prioridades sociais, sejam escolhidas ou votadas pela população.

Entramos numa espécie de linguagem comum, numa cultura política trivial onde todos procuram uniformizar as suas falas, contudo as práticas são diferenciadas.

De acordo com Tarso Genro, as continuidades que teriam levado os políticos a fazer sucessores, são administrativamente distintas. Por exemplo. Recife, Porto Alegre, São Paulo e Curitiba sempre foram modelos, mas adotam formas de gestão variadas, com outras prioridades, com arranjos diferentes entre o Estado e a sociedade, com outros graus de participação; não se pode nivelar e dizer há um único modelo de gestão.

Na verdade, vivemos um momento no qual está havendo a falência de um determinado modelo de gestão, sem ainda o surgimento de um outro, logo, são práticas administrativas diversificadas entre si que não apontam para nenhum padrão propriamente dito.

Mas com certeza, a ênfase no local, no municipal se explica em decorrência da crise desse modelo de sociabilidade e de política. É

necessário entender que ou estamos realmente no limiar de outro tipo de Estado, sociedade e cidadania, ou então ficaremos nos movendo num empirismo cego e compilando exemplos de gestões, como se isso por si só nos levasse a entender o rumo do processo desse final do século.

Como já disse anteriormente, a retomada do poder local ocorre no bojo de uma crise aguda, onde provavelmente a cidade do futuro não será a dos trabalhadores, nem os espaços públicos de atuação da cidadania serão os mesmos, conseqüentemente o próprio conceito de cidadania e os direitos do cidadão serão revisados.

Outros direitos serão contratados, compreendidos aqui como direitos republicanos, que corresponderá a esse perfil de cidadão e a uma nova prática de se fazer política cuja prioridade seriam o cuidado com o meio ambiente, o combate a sonegação fiscal, a corrupção e ao nepotismo, caracterizando assim a cidadania do século XXI.

Os cidadãos estarão preocupados com o bem público, com a república sobretudo, o que significa estarem atentos em relação ao patrimônio público. Provavelmente, teremos um formato de cidade bastante diferente desta do século XX.

A grande novidade nesta discussão é a construção de uma esfera pública apropriada, diferenciada, mais rica, com mais espaço de participação que poderá provocar uma grande mudança nas políticas públicas e na ação do Estado.

Provavelmente, essa construção irá demandar um imenso esforço para se obter uma outra postura política e outro tipo de cidadania, na expectativa dos direitos republicanos, do patrimônio público, da moralidade administrativa, do meio ambiente e etc. O novo cidadão precisa ser recriado, reeducado para ocupar esse espaço, até mesmo em conseqüência do comportamento dos próprios

gestores, que tendem a sobrecarregar, manipular e utilizar esse ambiente de participação para outros fins.

Outro dia, estava lendo um artigo do Helenaldo Teixeira, professor da UFBA, na revista da ABONG, onde ele fazia uma análise muito sensata sobre a questão da descentralização centralizada. Neste sentido, podemos observar que atualmente criam-se conselhos com a finalidade de receber determinados recursos, sejam eles estaduais ou federais. Muitos deles são fundados sem a menor discussão, sem debate, os conselheiros são indicados e sequer sabem as suas competências.

Evidentemente, é como diz Lúcia Pontes, Presidente do Centro Josué de Castro, estamos diante da emergência de uma esfera pública diferenciada, rica inclusive. Entretanto, o cidadão e até mesmo os gestores que irão ocupá-la não estão bem preparados para ela.

Por conseguinte, a cultura política desses gestores também precisa mudar, eles estão acostumados com a centralização, com a política da trocas de favores.

Por outro lado, os conselhos convalidam muitas vezes a administração municipal. Como diz Salvador Soler, em seu livro: *Administrações do Povo e Para o Povo*, os conselhos tornaram-se o lugar de metodologias de formação do consenso em torno de políticas que a sociedade não tem muita clareza pelo que seja efetivamente. Realmente os Conselhos perdem essa função de se tornarem o espaço de uma nova cidadania, de um cidadão com a consciência republicana.

Não queremos que os Conselhos sejam palcos figurativos ou cenários para uma encenação de uma democracia participativa com efeitos televisivos. Desejamos realmente que os canais emergentes de participação sejam sinônimos do dissenso, conflito, luta por direitos e

que não levem a uma fragmentação do campo público, de forma que não perca o desenho mais amplo da gestão, o mapa das prioridades, o orçamento, etc.

Pois esse é um outro grande risco, são tantos Conselhos no mundo, tantas competências, delegações, que depois como é que esse cidadão tão fragmentado setorialmente vai se recompor, pensar a cidade na sua totalidade. É preciso ter um momento em que verdadeiramente essa articulação ocorra, seja nos fóruns ou em plenárias, para que possam corrigir essa fragmentação e o risco da corporativização. Caso contrário, os Conselhos podem não levar à formação de uma nova cidadania, mas a uma corporativização tendo em vista a inquietação apenas com sua localidade, seu bairro, seu território sem ter a visão de totalidade da cidade.

A confluência da criação desses espaços dependerá do compasso da aprendizagem da sociedade, não tem tempo marcado, nem calendário fixo, fica muito ao sabor das lutas, da correlação de forças, principalmente da relação estabelecida pelo país com o resto do mundo.

Outrossim, tem ocorrido uma contratendência no mundo, se pegarmos por exemplo, as eleições na França, na Inglaterra, no México, o Movimento Sem Terra ou até mesmo a greve da polícia no Brasil, veremos que esses fenômenos embora bastante preocupantes expressam uma reação da sociedade contra os diversos níveis de empobrecimento e da degradação.

Estamos assistindo a um movimento que não é unilinear, não vai unicamente em uma direção, mas possui contratendências no mundo, buscando com isso ampliar a esfera pública e o aprendizado da sociedade em utilizar esses mais recentes espaços. As pessoas estão discutindo, procurando encaminhar os seus direitos.

Enfim, é preciso ver se esses fatores cristalizam uma mudança em todo o universo, pois o mesmo está carente de um

projeto mais amplo de transformações civilizatórias, hoje ele está um pouco à deriva.

É importante que o somatório das experiências tendam efetivamente para elaboração de modelos civilizatórios, porque por mais genuínas, que sejam as experiências locais, elas são carentes de utopias sociais mais abrangentes e mais conclusivas e não podemos ficar inteiramente órfãos dos padrões referenciais. É preciso uma reutopização, digamos assim, do pensamento político e social para que possamos manter uma referência.

Isso evitará que se diga que não existe mais direita nem esquerda, que se pode dizer e fazer o que quiser, pensar como desejar, ficamos assim numa indiferenciação enorme, como se fosse o fim da política.

É como diz Tasso Genro: ... que conversa é essa que acabou a política, a ideologia; de jeito nenhum. A política é o campo de escolha, das opções e esta envolve naturalmente uma escala de valores, uma visão.

Acredito que o mundo está carente da sistematização de grandes visões que possam de fato alavancar experiências vivenciadas. Não podemos crer que o poder local seja a nova utopia do século XXI, pois essa é expressão ambígua.

Desde o início da República que se fala em poder local, mas ainda não conseguimos saber na verdade o seu significado. Porém, não é essa expressão ambígua que pode servir para nos acalentar nessa nossa orfandade de grandes utopias. É um poder sobretudo muito complicado.

Por fim, gostaria de fazer uma observação sobre a relação de concorrência entre os parceiros federados, ou seja, do Estado ou do Município, tomando como exemplo o setor saúde. Os municípios

brigam entre si por recursos, apresentando seu sistema como bem melhor do que o dos outros, entretanto não permitem que o cidadão de outra localidade receba os serviços que estão sendo ofertados com mais qualidade.

A mesma coisa acontece com o sistema financeiro internacional, quando impõe ao país, certas condições como exigência para obter um determinado financiamento. Então, repassa-se o dinheiro para o governo federal, estabelecendo regras, que têm de ser cumpridas, provocando com isso a privatização, uma avalanche de concessões oferecidas ao serviço público.

Até mesmo a União através do Fundo Monetário Internacional – FMI – tem adotado essas práticas, exigindo por exemplo que o Estado destroe o seu sistema financeiro, seu sistema bancário e seu livre comprometimento da receita com o funcionalismo público. O mesmo procedimento ocorre quando este vai repassar verbas para o município, é um funcionando como o FMI do outro.

É bastante preocupante e alarmante o caminho que o Estado está tomando. Ele tinha algumas funções preponderantes que atualmente estão sendo retiradas e tornando-se apenas um “gerentezinho” de crises. É bem verdade que vem ele sendo checado em suas obrigações básicas, tributo, segurança, moeda e sobretudo cuidar da população.

Portanto, um Estado que não cuida da sua população, realmente encontra-se numa crise de ingovernabilidade muito séria. E ao falar do local, do estadual ou no meio disso é preciso ter cuidado para não racionalizar uma situação que é de fato caótica.

## As Sociedades e suas Fronteiras

*Luiz Bezerra de Carvalho Junior*

A compreensão dos fenômenos biológicos vem proporcionando ao homem o melhor emprego desses processos para prover objetos necessários à sua sustentação e conforto, naquilo que se costuma denominar de biotecnologia. A vantagem dessa estratégia decorre do fato que os procedimentos em biologia, hoje observáveis, são frutos de bilhões de anos de tentativas e acertos, em que as características deletérias foram eliminadas e sobreviveram apenas aquelas vantajosas, fenômeno que se conhece como Seleção Natural (Darwin, 1859).

Estou convencido de que do entendimento dos eventos biológicos há muito que se aprender, entender e aplicar aos fenômenos sociais. Poder-se-ia rotular esse esforço de *biotecnologia sociológica*, desde que se procuraria estudar a constituição das sociedades humanas, a sua evolução e desenvolvimento à luz das leis biológicas [sociocibernética]. De partida caberia logo a seguinte questão: não seria a biosfera um organismo “pluricelular” resultante da Seleção Natural em larga escala? A “célula”, neste caso, deve ser entendida como cada indivíduo de cada espécie isoladamente. Se isto for verdade, suspeito que estejamos subestimando a capacidade da vida na terra se adaptar a algumas mudanças promovidas pela ação humana, provocando um clamor superdimensionado em algumas questões ecológicas. Seria o equivalente a uma queimadura de primeiro grau causada por exposição excessiva ao sol motivar preocupações quanto à iminência de morte a curto prazo do indivíduo. Estas concepções têm sido reunidas sob o nome de Teoria de Gaia, deusa grega que conduziu o mundo vivo do caos, por James

Lovelock, que inspirado na atmosfera única do planeta Terra, elaborou a teoria de que ela é por si própria um organismo vivo capaz de regular seu clima e sua composição química para o conforto dos organismos que o habita. A teoria de Gaia prevê que esses componentes da Terra são mantidos constantes, por um processo semelhante ao que em Biologia se denomina de homeostase, por longos períodos de tempo, até que alguma perturbação interna ou externa cause um salto a uma nova estabilidade.

Os sistemas biológicos têm umas propriedades muito interessantes e que vale a pena enumerar algumas delas. Trata-se de sistemas abertos dotados de elevado grau de organização. Conseguem tal proeza às custas da permanente incorporação de ordem do seu meio ambiente e da eliminação de desordem para esse meio (Figura 1).

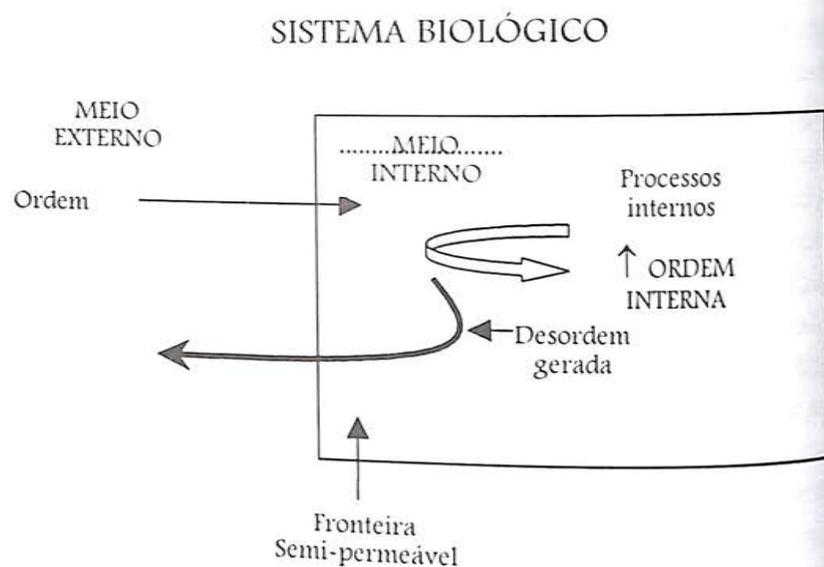


Figura 1 - Representação Esquemática de um Sistema Biológico como aberto e Dotado de Elevado Grau de Organização.

A este equilíbrio se chama de estacionário, para distinguir do termodinâmico, que é aquele em que se atingiu o caos total e não se tem mais para aonde ir. O primeiro poderia ser comparado ao do equilibrista que se mantém na corda bamba, mediante o esforço de muitos dos seus músculos (consumidor de energia), e o segundo alcançado quando ele cai e do solo não mais pode prosseguir (não consumidor de energia). Ademais, os sistemas biológicos transferem essas propriedades a outros deles derivados, naquilo que se denomina de reprodução. Mais ainda, conforme foi dito anteriormente, aqueles sistemas em desvantagens são excluídos do jogo, permanecendo os mais habilitados.

O substantivo "sistema", adjetivado pela expressão "biológico", para rotular essas entidades, é muito adequado, desde que se entenda por sistema o conjunto de elementos que mantêm algum grau de relacionamento entre si. Logo, todo o sistema contempla uma fronteira virtual ou física que o delimita daquilo que se chama de meio externo. A aplicação da teoria dos conjuntos ao entendimento dos sistemas biológicos constitui-se de um atrativo exercício intelectual com válidas interpretações ao seu funcionamento.

A fronteira do sistema permite de partida sua classificação em duas modalidades: o fechado e o aberto, ou seja, aquele que não mantém trocas com o seu meio externo e o que as permite, respectivamente. Já foi anunciado lá em cima que os sistemas biológicos são do tipo aberto. As leis que se aplicam aos sistemas abertos são extrapoláveis aos biológicos. Por exemplo, se suas trocas com o meio externo resultam em saldo positivo interno tende a incrementar suas dimensões, e no caso de sua grandeza ter expressão material seu crescimento levará à explosão. De modo inverso, ele tende ao desaparecimento no caso do saldo interno das trocas ser negativo. Conseqüentemente, ele só se estabilizará quando o saldo

das trocas for zero. Aplicando-se estes princípios aos sistemas biológicos entende-se porque dietas com saldos calóricos e plásticos positivos resultam em engorda, e inversamente, as com saldos negativos conduzem aos processos de emagrecimento. Um sistema aberto pode, obviamente, utilizar-se desses desequilíbrios de saldos para incrementar ou diminuir, porém, sempre intercalando equilíbrios estacionários para se preservar. Os biológicos recorrem a esses expedientes, como nos "desequilíbrios fisiológicos de saldo" observados na infância, puberdade, gravidez, mudanças de estágios em algumas formas de vida etc.

Considere-se outro componente relevante nos sistemas abertos: suas fronteiras. Elas podem ser permeáveis ou semi-permeáveis, isto é, permitindo ampla e irrestrita troca com o meio externo ou estabelecendo mecanismos de seleção. Nos seres vivos, as fronteiras estão representadas pelas membranas plasmáticas, peles, mucosas etc., e são do tipo semi-permeáveis ou seletivas. Essas fronteiras seletivas são essenciais às suas existências. Uma franca e generalizada troca com o meio externo é incompatível com a sua existência, pois contrariaria o princípio de que eles precisam captar ordem. A desordem também ingressaria por essas cancelas escancaradas. A seletividade da fronteira nos sistemas biológicos também é fundamental no mecanismo de eliminação de desordem. A saída inespecífica dos elementos desses sistemas, de elevado padrão de organização, acarretaria também a saída da ordem incorporada. Em suma, para a sua preservação há que se buscar a ordem lá fora e despejar em retorno a desordem gerada em seu interior, decorrente do cumprimento à Segunda Lei da Termodinâmica, que estabelece existir a cada processo um aumento de desordem.

Vale a pena ressaltar que as fronteiras dos sistemas biológicos são providas, em muitos casos, de mecanismos bombeadores de ordem e de desordem, com vistas ao aumento da eficiência das trocas seletivas.

Com base na linha de pensamento até aqui desenvolvida, considere-se as modalidades de interações que se pode especular ocorrer entre os sistemas biológicos. Elas vão desde da inexistência à necessidade imperiosa, desde que a ordem externa essencial à criação e manutenção da ordem interna dos seres vivos inicia-se com a luz solar, e no processo evolutivo da vida surgiu uma hierarquia nessa interdependência, conforme revelado por aquilo que se convencionou denominar de cadeia alimentar (Figura 2).

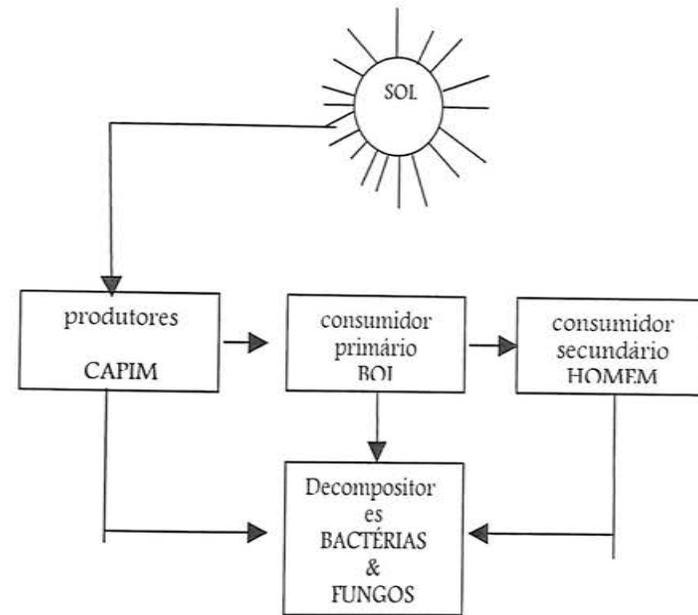


Figura 2. Cadeia alimentar ou trófica.

Na luta pela ordem (comida) apareceram várias modalidades de relacionamento entre os sistemas biológicos.

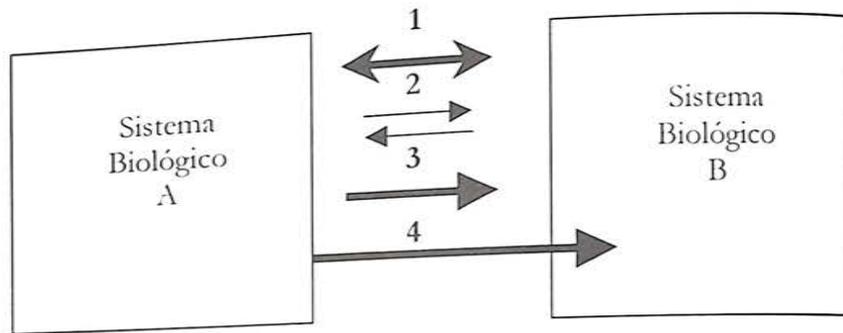


Figura 3. Modalidades básicas de inter-relacionamento entre os sistemas biológicos.

1. Os dois envolvidos são beneficiados e a associação é necessária para a sobrevivência de ambos (mutualismo);
2. Os dois envolvidos são beneficiados, porém, eles podem existir de modo independente sem que isso possa prejudicá-los (protocooperação);
3. apenas um dos sistemas se beneficia sem, no entanto, prejudicar ou beneficiar o outro. Neste tipo de relação, um deles se alimenta daquilo que é rejeitado pelo outro (comensalismo) e
4. Onde um sistema é beneficiado e o outro é prejudicado (parasitismo).

Elas, como indicado na figura, são conhecidas como mutualismo, protocooperação, comensalismo e parasitismo. Para melhor ilustrá-las, citem-se alguns exemplos na natureza. A associação de algas e fungos, formando os líquens (Neste caso, os fungos abrigam as algas e as mesmas alimentam os fungos) constituiria um exemplo de *mutualismo*, situação em que os dois

envolvidos são beneficiados e a associação é necessária para a sobrevivência de ambos. A inter-relação da ave palito com o crocodilo representaria uma *protocooperação*, em que os dois envolvidos são beneficiados, porém, eles podem existir de modo independente sem que isso possa prejudicá-los. Nela a ave palito retira restos de alimentos e sanguessugas existentes entre os dentes do crocodilo. O crocodilo, dessa forma, fica livre deste "incômodo" e nunca tenta predá-la. A inter-relação entre o urubu e o homem poderia ser citada como *comensalismo*, em que apenas um dos sistemas se beneficia sem, no entanto, prejudicar ou beneficiar o outro, desde que o urubu alimenta-se dos restos deixados pelo homem, seja em lixões, aterros, etc.. A infestação do homem pela lombriga (*Ascaris lumbricoides*) seria um exemplo de *parasitismo*. No parasitismo o sistema biológico beneficiado, chamado parasita, vive no corpo do outro, chamado de hospedeiro, incorporando ordem (alimentando-se) dele.

Podem ser inferidas algumas observações interessantes sobre essas modalidades de convivência, tais como: o mutualismo representa a maneira perfeita de cooperação entre os seres vivos; parasita "inteligente" é aquele que expolia seu hospedeiro, mas não o inviabiliza, do contrário isto representaria sua inviabilidade. Pode-se sem dificuldades constatar essas modalidades de inter-relações na cadeia trófica mostrada na Figura 2.

Os sistemas biológicos quando numerosos, coexistindo em harmonia dentro de um mesmo espaço e tempo, formando um conjunto maior (macro-sistema), isto é, representando uma sociedade dotada de elevado grau de organização, somatório das organizações de suas unidades acrescidas daquelas geradas pelas interações dessas unidades (o todo é maior do que a soma de suas partes), dão margem a outra modalidade de interações que se pode resumir com o lema dos três mosqueteiros: todos por um e cada um

por todos. Em sociedades desse tipo surgem novas questões adicionais a serem administradas, como: transporte, comunicação e controle. A cibernética, movimento surgido na década dos quarenta, liderado por Norbert Wiener, que poderia ser definido como o controle e a regulação dos sistemas, muito contribuiu para o entendimento dessas questões. Há que se prover ordem a todas as unidades menores; recolher as desordens geradas por elas, de sorte a alijá-las do sistema agora pluricelular e administrar essas trocas, no que implica em estabelecer mecanismos eficientes de transporte, comunicação e controle. Entendido esses detalhes do funcionamento dos sistemas biológicos pluricelulares complexos, como o organismo humano, pode-se apreciar como instigantes vêm a ser tais processos cibernéticos. Foge ao escopo desse ensaio adentrar em tão palpitante tema, mas há que se imaginar quão desafiante e encantador é a compreensão desses fenômenos.

Entendido esses detalhes do funcionamento dos sistemas biológicos, está na hora de se iniciar o exercício de aplicação de tão simples e fundamentais processos à compreensão de fenômenos biológicos mais complexos, como aqueles que dizem respeito aos conjuntos de sistemas biológicos, as sociedades, com particular atenção à sociedade humana.

Desconfio que o “organismo social humano” está ainda na fase de um sistema biológico incipiente, desprovido de mecanismos de controle eficientes do porte de um animal complexo como o primata, mais particularmente, o homem. Ele, na sua dimensão isolada, é uma máquina maravilhosa, porém, quando agrupado não reproduz o mesmo efeito. Todavia, não sejamos pessimistas. Ocorreram progressos promissores quando se analisa a evolução da sociedade humana no decorrer dos tempos. Abolimos, por exemplo, a escravatura, modalidade de parasitismo social ineficaz e ineficiente. Mesmo que subsistam modalidades de escravatura, a

civilização humana se indigna, contrariamente à admissão de que se tratava de algo natural como há cerca de 150 anos se costumava pensar, conforme registra o Diário de Pernambuco diariamente em sua coluna “Há 150 Anos”.

O Cristianismo é indubitavelmente uma proposta mais do que identificada com aquela modalidade de inter-relação entre os indivíduos acima designados como mutualismo. O amar ao próximo como a si mesmo é a expressão máxima da coexistência harmoniosa, pacífica e proveitosa entre sistemas biológicos. Trata-se da superação da vontade de existir acima de tudo pelo viver entre e com os seus semelhantes.

Os sistemas sociais humanos, quer sejam agrupamentos regionalizados de indivíduos, como as agremiações, quer sejam os mais amplos, como as nações, podem ser compreendidos como sistemas abertos dotados de um certo grau de organização. Não se tratam de modo algum de sistemas submersos no caos total, pois tal ocorrência representaria suas extinções. Como nas células, a menor unidade biológica operante independente, essas sociedades têm fronteiras semi-permeáveis, do contrário seriam entidades amorfas e não identificáveis dentro do seu meio ambiente. São bastante conhecidas nessas sociedades as manifestações daquilo que se costuma chamar de “spirit the corps”, bairrismo, regionalismo, nacionalismo etc.

As sociedades humanas, portanto, não podem ter fronteiras impermeáveis, mas, por outro lado, serão inviáveis se não estabelecerem um processo de seleção nas trocas que mantêm com o seu meio externo. Têm que se circunscrever de mecanismos protetores dos influxos que venham a periclitir sua ordem interna. Mais ainda, têm que instalar em suas fronteiras instrumentos facilitadores de internalização de ordem, ou seja, daquilo que venha a incrementar seu grau de organização.

Este é o maior desafio das sociedades humanas em tempos de quebras de fronteiras em decorrência das conquistas da ciência e da tecnologia, fenômeno esse usualmente denominado de *globalização*. Pode-se antever, desde então, a interligação de tudo que foi dito acima, embora sem o aprofundamento ideal e desejado, acerca dos sistemas abertos, suas características e seu funcionamento, com esse movimento que se intensifica com o passar do tempo, impulsionado pelos avanços das telecomunicações, da informática e dos meios de transportes.

Em reflexões dessa natureza cabe, inicialmente, definir termos para que as idéias não se percam. A expressão *globalização* tem sido empregada com certa freqüência para expressar a indefinição das fronteiras das nações dos tempos hodiernos. Entretanto, essa indumentária tem sido frouxamente empregada para vestir várias idéias, pelo que tem perdido sua validade semântica.

Oportuno parece o alerta feito por Carl H. A. Dassbach do Departamento de Ciências Sociais do "Michigan Technological University Office", Estados Unidos, que considera essa expressão inútil porque tornou-se um modismo nos discursos modernos e que vem sendo usada em sentidos diferentes, e se refere a processos diferentes. Ela descreve um leque de processos diferentes e que têm apenas em comum o fato de ocorrerem através e dentro dos diferentes espaços nacionais. Diz ele: "*So, as far as I am concerned, because the term globalization refers almost everything that occurs across/within different national spaces, it means nothing – it has no specificity and should be avoided. I suggest abandoning the term "globalization" and returning to the earlier terms.*" Em poucas palavras, não há uma relação biunívoca entre esse termo e a(s) idéia(s) que ele quer expressar.

Designemos *globalização*, portanto, o fenômeno que consiste no aumento da permeabilidade das fronteiras nacionais aos influxos

das outras nações. Parece-me atrativa a diferença que se faz entre *globalização* e *internacionalização*, atribuindo-se ao primeiro vocábulo a idéia daqueles processos que ocorrem contra a vontade das nações (evento inexorável, contra o qual nada se pode fazer!), cuja invasão dá-se de modo involuntário, enquanto que no segundo entenda-se como aquele que se dá mediante acordos, tratados, convenções, convênios etc., entre as nações. O primeiro é quase um ato de violência, enquanto que o segundo decorre de consentimentos entre nações soberanas.

Seja qual for o caso, voluntário ou não, consentido ou não, tratam-se, ambos, de quebra de fronteiras, mudanças das delimitações entre os sistemas. Seriam tais eventos benéficos ou maléficis aos sistemas invadidos? Depende. Se eles representam aumento da ordem interna dos sistemas que sejam bem vindos. Muito pelo contrário, se tratam de conquistas extremamente vantajosas devem ser incorporadas mediante mecanismos facilitadores, mais do que o simples "*deixa entrar*". Todavia, se eles significam o incremento da entropia dos sistemas há que se prover fronteiras. Assim nos ensinam os sistemas biológicos. Entretanto, registre-se que as fronteiras nestes sistemas são dispositivos criados por eles próprios, e não algo que se forme a partir do meio ambiente. Tais estratégias têm se mostrado no decorrer dos bilhões de anos, essenciais à evolução da vida (dos sistemas biológicos) que se iniciou nos oceanos até alcançar o grau de complexidade dos organismos pluricelulares.

As ameaças à ordem interna das nações (sistemas abertos dotados de certo grau de organização), que adentram através de suas fronteiras, geralmente, contra a sua vontade, são de diversas naturezas: econômicas, políticas, culturais e de saúde. Contemplando-se o que foi dito anteriormente sobre os sistemas abertos com elevado grau de organização, e cotejando aquelas

informações com essas ameaças, pode-se e muito especular sobre as implicações do relaxamento da natureza semipermeável das fronteiras das nações, suas origens e mecanismos de preservação da ordem interna das nações.

Enfoque-se com mais vagar as ameaças às nações, decorrentes da diminuição da vigilância das fronteiras, de natureza biológica, naquilo que se poderia delimitar como a questão da saúde em tempos de globalização.

Com o presente aumento dos intercâmbios materiais involuntários, entre as nações, em maior escala, menor intervalo de tempo e com um raio maior de alcance, decorre o ingresso de micro-sistemas dentro dos macro-sistemas (ecossistemas) com características distintas das invasões do passado. Alguns desses distúrbios da ordem interna de uma nação podem ser comparados ao ingresso de um microrganismo (parasita) em um outro sistema biológico (hospedeiro) interferindo na sua ordem interna ao estabelecer uma modalidade de inter-relação anteriormente designada como parasitismo. As conseqüências dessa invasão podem evoluir para diversos estados. A mais otimista seria o caminho do mutualismo e a mais pessimista a da inviabilidade dos sistemas invadidos, resultando o encaminhamento deles ao caos total, equilíbrio termodinâmico, a morte.

Do entendimento de tudo que foi dito acima pode-se proporcionar uma metodologia de abordagem dos inúmeros questionamentos resultantes daquilo que se procurou rotular adequadamente como globalização, processos que ocorrem contra a vontade das nações, diferentemente da internacionalização, aqueles em que se dá mediante acordos, tratados, convenções, convênios etc., entre as nações.

Se no planeta Terra as sociedades humanas são sistemas que ao compartilharem o mesmo espaço e tempo constituem tecidos de um mesmo organismo; mais ainda, que dele fazem parte às demais *sociedades*, como aquelas que são capazes de fixar a energia solar na síntese da ordem necessária a todas as sociedades terráqueas, há que se imbuir os homens da humildade necessária à coexistência simbiótica com a vida que os cerca. Do contrário, sua extinção está programada. Este é o grande apelo que se impõe ao se iniciar um novo milênio.

Em biologia, a resposta à questão das sociedades e suas fronteiras está posta ao se analisar suas evoluções no decorrer dos tempos. Cabe à sociedade humana encontrar a sua. O êxito deste achado representará sua preservação e evolução, porém, o fracasso determinará sua extinção. Só o tempo dirá qual das alternativas adotamos.

#### Referências Bibliográficas.

Darwin, Charles (1998) *The Origin of Species*. Greg Suriano (Editor). Hardcover, Grammercy.

## Globalização e Medicina

*Edmundo Ferraz*

A *Medicina* é um dos ramos do conhecimento mais afetados ou beneficiados pela *globalização*.

Globalização implica uma maior participação ou democratização para utilizar um termo politicamente correto, expandindo o conhecimento em sua área, porém, trazendo em sua expansão uma série de mazelas, típicas do crescimento desordenado que escapou de qualquer tentativa de direcionamento ou de ordenação.

O *conhecimento*, inicialmente restrito ao ambiente acadêmico, oriundo das bancadas dos laboratórios de investigação ou dos Centros de Excelência da produção científica, escapou dos limites da Universidade e dos Centros de pesquisas. Após a revolução industrial permeou a indústria e invadiu o ciberespaço disseminando-se como uma nova e incontrolável epidemia, impossível de ser limitada ou detida.

A compreensão do fenômeno da *globalização* constitui um conhecimento fundamental para que se possa compreender o presente, tentar direcionar o futuro e procurar corrigir os efeitos colaterais indesejáveis que acompanham o progresso.

*Tony Blair*, Primeiro-Ministro inglês afirmou em março de 1998 que, “o que interessa é o que funciona. Se não tomarmos essa atitude, a mudança nos surpreende, paralisa ou derrota.”

*André Malraux* também havia feito uma advertência quando referiu que “estávamos vivendo a civilização do conhecimento mas

não a da sabedoria. A sabedoria é o conhecimento temperado pelo juízo”, não necessariamente integrados com o processo da *globalização*.

Esta afirmativa antecedeu o disparo do gatilho desse fenômeno descrito por *Marshall McLuhan* ocorrido na segunda metade do curto século XX de *Eric Hobsbawm*, que se encerrou com a queda do muro de Berlim em 1989, cristalizando uma das ironias do estranho século descrito por esse Historiador que considerou que a Revolução de Outubro cujo objetivo era a derrubada global do capitalismo culminou em salvar seu antagonista.

Será que a *globalização* traz em seu bojo uma tentação totalitária como procurava advertir *Jean François Revel* ou representa a abertura necessária de que fala *Alain Touraine* na sua carta aos socialistas quando comenta sobre a necessidade de mudança na França e refere: “Só venceremos esse medo se conseguirmos romper com a mistificação do passado, se aceitarmos a abertura do mundo, que de resto, nada garante que tenha forçosamente de ter conseqüências catastróficas, uma vez que o rápido avanço das economias emergentes abre imensos mercados e poderosos recursos financeiros aos países de alto nível tecnológico. Admitamos de uma vez por todas que não é o Estado que deve dirigir a Sociedade como a locomotiva puxa o comboio, mas que é o conjunto dos atores sociais, incluindo os atores políticos e administrativos que devem contribuir para uma boa adaptação à mudança e as inovações eficazes, o que pressupõe a capacidade permanente de conceber, discutir, negociar e atingir os objetivos traçados”.

E o homem como fica nisso tudo: como uma “peça frágil na engrenagem da máquina” como referia *William Berardinelli* ou obsoleto, como considerava *Luiz Fernando Veríssimo* em magistral crônica publicada no *Jornal do Brasil* de 25-02-1997, analisando a

clonagem da ovelha Dolly em Edinburgo e “já se sentindo como se fora um disco de vinil”.

Claro, que o homem é o ator social que impulsiona pelos mais variados motivos, o fenômeno da *globalização*. É claro que esse mesmo homem, nem sempre “sapiens”, o que pode ser facilmente comprovado na História passada e recente, já tentou e tentará sempre estabelecer mecanismos de domínio e controle de seus semelhantes o que abaliza a importância da participação efetiva de diferentes atores que controlam uma possível ação predatória desse novo fenômeno social e político.

*Caetano Veloso* já advertia de que de perto, ninguém é normal.

Pois bem, que a *globalização* venha de perto e de longe, pelo menos para atenuar em parte esse justificado receio tropicalista.

Se a *globalização* é inaceitável e inexorável, não temos porque temê-la na Medicina.

Por ocasião do nascimento de *Cristo*, há 2.000 anos, a terra tinha cerca de 250 milhões de habitantes. Atingiu aproximadamente o dobro, no ano do nosso descobrimento, alcançando 1 bilhão de habitantes, por volta de 1800. Nos dias atuais, aproximadamente esse número de habitantes (1 bilhão) não tem acesso a água potável, esgostos, educação e saúde, estimando-se que 2050 a população de países desenvolvidos representem cerca de 12,5% e dos países subdesenvolvidos 87,5% de uma população estimada de 9,4 bilhões de habitantes, predominantemente urbana.

A população rural diminuiu drasticamente, particularmente nos países desenvolvidos. Na Inglaterra, desde o século passado, caiu a população rural que migrou para as grandes cidades em busca dos empregos criados pela industrialização.

Ocorre que o fenômeno da *globalização* está ligado a tecnologia e ambos são poupadores de mão de obra, pela transformação que acarretam nos meios de produção.

Enquanto a sociedade aprende e adapta-se, aumenta o desemprego particularmente, nos países menos desenvolvidos, aumentando a pobreza por ele provocada. Porém a *globalização* e a tecnologia geram emprego e desenvolvimento em outras áreas de conhecimento. Diminui a oportunidade na indústria automobilística, porém, aumenta na área de computação e robotização dessa mesma indústria.

O mesmo ocorre com a *globalização* na *Medicina*.

O médico generalista tornou-se obsoleto (como o disco de vinil...) e ocorreu uma irreversível tendência para a formação do especialista que pratique uma medicina de “ponta”, estimulando jovens doutores a aprenderem uma “competência” que quanto menor, mais assegura ao “especialista” o domínio de uma pequena faixa de conhecimento como referiu *Diário Birelino*.

Isto provoca a necessidade de juntar “especialistas de pequenos conhecimentos” o que origina o tratamento pela “equipe” que dilui responsabilidades, despersonaliza a relação médico-paciente, aumenta extraordinariamente o custo, sem que esse aumento tenha qualquer compromisso com a eficiência.

Em recente Editorial que escrevi para a *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões* analisando a Alta Tecnologia em Cirurgia, considere: “Um aspecto importante relacionado com os procedimentos de alta tecnologia é a despersonalização da assistência.

O paciente perde a sua cidadania e passa a ser um número de série. Desfaz-se a relação médico-paciente sob a justificativa de

que não há mais tempo para que ela se estabeleça. Nada mais falso e não menos perigoso. E como temos assistido essa perversão tecnológica que representa o médico jovem não mais saber palpar ou auscultar o abdome do paciente na veleidade de que a ultrasonografia ou tomografia computadorizada revelem o que ele deveria desvendar através de um exame clínico minucioso, valendo-se de uma tecnologia de ponta e alto custo como substituto (muitas vezes inútil) para um conhecimento que deveria ser inerente ao próprio exercício de sua especialidade.

Empobrecido e sem acesso à informática, o médico passa a conhecer a nova tecnologia através de programas como o “Fantástico” e da imprensa leiga, o que não possibilita o seu acesso ao emprego da nova tecnologia.”

Ocorre também que alta tecnologia ou de ponta, encontra-se no Brasil na iniciativa privada ou nos Hospitais públicos (na maioria, universitários) que ainda dispõem de “ilhas de eficiência”.

Desse modo, iniciamos uma análise crítica da *globalização* na *Medicina* pela porta de entrada de uma distorção do seu emprego.

Um outro elo importante neste cenário da *globalização* é a mudança de participação de um dos atores, o paciente.

Com a *globalização* ocorreu um fenômeno facilmente constatável na sociedade brasileira, a explosão da utilização da Internet.

O aumento do desemprego e o empobrecimento da população, se por um lado não evitaram esse fenômeno, por outro, aumentaram a inadimplência dos usuários de planos de saúde, particularmente na classe média, superlotando o atendimento, principalmente nas “ilhas de excelência” do Serviço público.

Esses pacientes acessam a Internet, têm conhecimento do diagnóstico, das diferentes alternativas de tratamento cirúrgico e procuram o médico com um nível de informação que não existia no passado. O médico passa a ter de falar de seus resultados e complicações, o que gera um novo tipo de relacionamento mais salutar pela participação ativa (e não mais de aceitação) por parte do paciente. Este fenômeno ocorre igualmente no hospital público e nos consultórios privados.

Não raramente, recebo pacientes que conhecem os resultados do tratamento cirúrgico em hospitais como o *Johns Hopkins* (considerado o melhor Hospital americano) em Baltimore, *Memorial* em New York ou *O.M.D. Anderson* em Houston, o que sem qualquer dúvida dignifica o diálogo e enriquece a relação médico-paciente, sem qualquer prejuízo da consulta com o humilde dos enfermos que pode e deve ser extremamente enriquecedor para o médico e o paciente.

Se a *globalização* interferiu com os atores, o médico e o paciente, mais ainda interferiu com a *Medicina*, o ramo de conhecimento que serve de cenário para essa atuação que passou a sofrer a ação de variáveis como a quantidade e a velocidade com que é gerada e difundida a informação médica.

Existem cerca de 20.000 revistas médicas produzindo cerca de 300.000 artigos por ano.

O tempo de espera de um artigo aceito para publicação em revista indexada é de cerca de um ano.

Os livros publicados apresentam uma defasagem média de dois anos, o que gera uma enorme pressão seletiva sobre os periódicos e obriga os especialistas de cada linha de pesquisa a conhecerem e interagirem com os seus colegas que publicam

mesma linha para tomar conhecimento do que vem sendo produzido na bancada do laboratório.

O livro científico sofreu grande modificação.

Os mais de 10 volumes da Enciclopédia Britânica foram convertidos em um CD-Rom.

Livros, jornais e revistas científicas, vem sendo cada vez mais publicados na Internet e estocados em CD e no Winchester, ficando os leitores mais velhos ainda atrelados ao hábito de folhear, riscar e marcar seus livros, sendo que alguns são promovidos à categoria de relíquia e guardados com fervor religioso (no meu caso, fundamentalista) nas prateleiras, evitando os famigerados empréstimos que violam um dos mais sagrados direitos de propriedade que *globalização* alguma irá modificar.

Esta análise discute uma visão macro do processo de *globalização* e sua interação com a *medicina*.

Será que o fenômeno interfere com o cotidiano da atividade médica modificando a educação e o desempenho individual?

Certamente que sim.

Na primeira metade do século XX era possível a um profissional da medicina, particularmente aos pertencentes à Academia, manter um excepcional nível de atualização em uma ampla área de conhecimento como a Clínica Médica, a Cirurgia, a Pediatria, a Fisiologia ou a Patologia.

O conhecimento processava-se progressivamente e as modificações eram lentamente introduzidas no processo do aprendizado.

Contudo, a velocidade da informação e a especialização dominaram em duas décadas o microcosmo do especialista,

permitindo um conhecimento global atualizado, porém não mais de "ponta" em múltiplas áreas.

O conhecimento de "ponta" é a informação gerada recentemente na bancada do laboratório, específica de uma área do conhecimento e geralmente restrita a um grupo diminuto de pesquisadores.

Não raramente ainda não foi publicada em revista indexada.

Difere da tecnologia de "ponta" que significa o equipamento de última geração disponível para utilização nos usuários.

A necessidade de acompanhar a rápida mudança da informação modificou o mecanismo de busca da "verdade" biológica cada vez mais transitória e atropelada por novos conhecimentos, impedindo a formação de uma unidade ampla e compreensível de pensamento.

O que ainda se imaginava como um conhecimento inatingível, começa a ser modificado com o projeto *Genoma* que inicia a textura de informações que irão alterar profundamente a existência humana e valores até aqui estabelecidos como definitivos.

No limiar desta nova era de descobrimento é fundamental não esquecer o aprendizado de que a trilha do conhecimento traz consigo a descoberta de novos caminhos, problemas e indagações a serem investigados.

Do ponto de vista individual posso citar o meu caso como exemplo, pois, interferiu no meu cotidiano fazendo com que procurasse obter conhecimento de "ponta" na área de concentração da *Infecção* em cirurgia.

Nesta linha, encontram-se mais de 70% de minha produção científica, sendo essa área comum a vários especialistas que trabalham com biologia molecular, bioquímica, fisiologia, patologia.

imunologistas, infectologistas, intensivistas, cirurgiões e outros especialistas com interesse no tema.

Foi exatamente a *globalização* que permitiu o aprendizado de um novo caminho em busca do conhecimento.

Com o objetivo de encurtar a velocidade da informação foi fundado uma Sociedade nos Estados Unidos, a *Surgical Infection Society*, onde especialistas do mundo inteiro reúnem-se anualmente, por 3 dias em um hotel de uma cidade americana para discutirmos assuntos de nosso interesse, a infecção cirúrgica.

Ocorre apenas uma Conferência Magistral sobre tema de grande atualidade e uma Mesa Redonda sobre temas polêmicos sendo discutidos cerca de 50 trabalhos, com grande interesse, sem superposição de horário, existindo um perfeito entrosamento entre 250 a 300 membros que anualmente participam desse evento.

Os trabalhos discutidos e aprovados neste Congresso são publicados cerca de um ano após, em uma Revista de grande impacto, o *Archives of Surgery*.

Este é um dos aspectos benéficos da *globalização* que encurta o tempo de conhecimento da informação, gera uma aproximação que permite uma troca extremamente proveitosa de experiência e interação, que constituem uma das faces mais generosas da *globalização*.

Recentemente, estive em nosso País, a bióloga brasileira *Andrea Kauffmann-Zeh*, de 34 anos, membro do Conselho Editorial da revista inglesa *Nature* que, juntamente com a americana *Science*, constituem as duas revistas científicas de maior impacto no mundo.

A revista *Nature* recebe cerca de 100 a 120 artigos por semana dos quais 70% são rejeitados na primeira triagem e 30% são enviados para avaliação dos pares.

No final, apenas 3 a 5% dos artigos são publicados na revista. A maior parte dos artigos são originados nos Estados Unidos que são responsáveis por 50% da produção científica mundial (Brasil, 1%).

Recentemente, tive notícias de um amigo, professor de Cirurgia em Munique que estava muito feliz por ter um trabalho aceito para publicação na Revista "Science".

O trabalho versava sobre uma proteína identificada pelo autor como responsável pela hipertermia no Choque Séptico.

Após receber o trabalho, os experimentos foram repetidos por determinação do Corpo Editorial em outro Laboratório. Confirmados e repetidos os resultados, foi comunicada ao autor a aceitação do trabalho para publicação.

Claro que, nem sempre, essas revistas são infalíveis em seu processo de seleção. O trabalho que valeu o Prêmio Nobel de Medicina a Hans Adolf Krebs, sobre o ciclo de Krebs, foi rejeitado pela revista *Nature* servindo como uma lembrança indelével de que não existe julgamento perfeito.

Porém, uma outra grande modificação induzida pela globalização foi a velocidade de difusão da informação, encurtando o período em que a novidade fica disponível para a sua utilização.

Como exemplo, tivemos a descoberta, por acaso, da Penicilina realizada por Alexander Fleming em 1928 e publicada no ano seguinte, o que levou Pasteur referindo-se a Fleming considerar que "o acaso somente favorece mentes preparadas".

Somente em fevereiro de 1941, foi a Penicilina utilizada pela primeira vez em Oxford em um policial que se feriu com a lâmina de um barbeador e entrou em septicemia.

Foi a primeira cura produzida pela Penicilina, treze anos após a sua descoberta.

Em 1987, surgiram os primeiros trabalhos na Literatura sobre os anticorpos monoclonais que seriam a "Magic Bullet" que levantaria os mecanismos de defesa do paciente contra a infecção gerando uma corrida como a busca do "Santo Graal", nas bancadas dos Laboratórios de estudo sobre infecção.

Em 1990, assisti durante um Congresso da *Surgical Infection Society* em Cincinnati a apresentação de um estudo multicêntrico sobre o uso de anticorpos monoclonais na sepse em humanos induzida por toxinas de microorganismos gram-negativos. Seis meses após (fevereiro de 1991), os anticorpos monoclonais foram utilizados pelo Corpo Médico americano na Guerra do Golfo Pérsico, em soldados portadores de infecção sistêmica produzida por bactérias gram-negativas.

Impressionante também, foi o "boom" da cirurgia videolaparoscópica ocorrido recentemente.

A cirurgia videolaparoscópica foi retomada na França em 1986 e desenvolveu-se fora dos Serviços Universitários.

Em 1987, foi praticada por apenas dois cirurgiões nos Estados Unidos. Quatro anos após (1991), foram realizadas 400.000 colecistectomias videolaparoscópicas nos Estados Unidos praticadas por 16.000 cirurgiões.

Cabe então a indagação: tudo que é novo é necessariamente bom para o paciente? Sabemos que não.

Vários avanços tecnológicos não trouxeram qualquer benefício para os pacientes.

A velocidade da informação faz com que, muitas vezes o método atrole os resultados e, parecendo tão óbvio o progresso, fica dispensado o estudo comparativo, que passa a ser a posteriori.

Um outro agravante. A avaliação da nova tecnologia é patrocinada pela indústria e não mais passa pelos estudos prospectivos randomizados liderados ou avaliados por Serviços Universitários. J. L. Pensky em documento apresentado ao *American College of Surgeons* em 1994, considerou: "Pioneiros entusiasmados ou representantes da Indústria podem sugerir a introdução de novas tecnologias ainda não avaliadas totalmente no laboratório ou em estudos clínicos controlados".

Também deve ser assinalado que estudos clínicos controlados não são infalíveis como se pretendia para o julgamento do Corpo Editorial da revista *Nature* antes da rejeição do trabalho sobre o ciclo de *Krebs*.

Convém referir que após a descoberta da penicilina e a epopéia de sua purificação e utilização terapêutica, *Norman Heatley*, que estabeleceu as unidades Oxford, realizou em 25-05-1940 um experimento em 8 ratos infectados divididos em dois grupos de quatro animais, injetando penicilina em um grupo, sobrevivendo dois ratos contra nenhum no grupo em que não foi injetado antibiótico. O estudo não teve cálculo prévio do  $\bar{n}$  utilizado, não houve qualquer análise estatística (teste de Fisher ou chi quadrado), nem foi prospectivo ou randomizado com controle de variáveis como ração, isolamento, temperatura ou condições de trabalho e mesmo assim constituiu um marco na investigação científica que culminou com a utilização clínica da penicilina.

Um exemplo definitivo da importância da *globalização em Medicina* é a Telemedicina.

A mesma já vinha sendo largamente utilizada para Teleconferências mesmo em Congressos Internacionais. Recentemente, hospitais de alta tecnologia desenvolveram sistemas de telemedicina e realizam "joint-ventures" com reuniões conjuntas para

discussão de casos e troca de experiência em tempo real sendo a língua universalmente utilizada é o inglês.

O *Hospital das Clínicas da UFPE* já transmitiu Conferências e Intervenções Cirúrgicas para outras cidades do Estado através da Telemedicina. Há 3 meses atrás, foi firmado um convênio com a *Universidade de Lyon* e deveremos estabelecer uma reunião clínica conjunta entre o *Serviço de Cirurgia Geral* e o Grupo de Transplante Hepático do HC-UFPE com os mesmos grupos do Hospital Universitário em Lyon.

O intercâmbio se fará em língua inglesa.

A esse respeito, é importante assinalar que a língua inglesa estabeleceu-se definitivamente com a Internet como a língua universal da globalização.

Recentemente, participamos como convidado de um Congresso Mundial sobre Infecção Cirúrgica em Munique, na Alemanha. Havia 1500 médicos alemães inscritos e a língua oficial foi o inglês, sem tradução simultânea.

O mesmo ocorre em Paris, com Congressos Internacionais e há 2 meses participamos do Congresso Internacional de Infectologia, e em Buenos Aires, onde também, a língua oficial foi o inglês, não existindo tradução simultânea.

Certamente que os alemães e franceses representavam os últimos bastiões na área médica que se insurgiam contra a não-utilização de seus idiomas nacionais.

Isto passou a ser coisa do passado.

Qualquer Serviço Clínico ou Cirúrgico que mantenha intercâmbio internacional e receba convidados estrangeiros, de qualquer nacionalidade, realiza visitas e reuniões clínicas em inglês como já fizemos em inúmeras oportunidades em nosso Serviço de

Cirurgia no Hospital das Clínicas da UFPE, preparando nosso Corpo Clínico e de residentes para esse intercâmbio internacional que é vital para nossa Instituição.

Desse modo, a *globalização* veio para ficar, não deve ser temida e sim utilizada para difusão do conhecimento em tempo real.

Encontra uma ampla e completa parceria com a *Medicina* pela necessidade de integração, treinamento, de análise crítica de experimentos e procedimentos tendo como resultante o progresso da própria *Medicina*, que, como ciência e arte, será beneficiada pela *globalização*.

## Globalização e Teoria Social Clássica

Luciano Oliveira

O que tem a ver o processo atual de globalização, conduzido sob a égide doutrinária do que veio a chamar-se neoliberalismo, com a teoria social do século XIX - de Marx a Durkheim passando, entre outros, pelo menos conhecido (para os não iniciados em sociologia) Ferdinand Tönnies? Exposta de forma muito elíptica, a questão padece de certa obscuridade que é necessário esclarecer. Ao falar em globalização, estou me referindo não à totalidade do processo, mas a alguns de seus traços - talvez os mais dramáticos -, aqueles ligados à desarticulação do chamado mundo do trabalho na sua forma clássica, mundo no qual os indivíduos, chegados à idade adulta, se inseriam de forma mais ou menos permanente até a velhice, inserindo-se também, por esse mesmo processo, no próprio mundo *tout court*.

Não se trata aqui, obviamente, de idealizar o mundo pré-globalizado como um paraíso de felizes trabalhadores empregados na indústria ou no comércio. Crises de desemprego, afinal, sempre foram fenômenos recorrentes nas sociedades industriais e seu modo de produção específico, o capitalismo. Mas tais crises sempre foram encaradas como tal: isto é, como *crises*, vale dizer, como problemas a serem superados, mantendo-se sempre a perspectiva de todos terem um emprego seguro como um ideal a ser atingido. Ora, o que parece haver de novo é o fato de que a globalização, processando-se num contexto político e ideológico marcado pelo fim das experiências socialistas, tem sido realizada sob o patrocínio doutrinário do liberalismo econômico mais desenfreado, donde a onda atualmente

em voga do enaltecimento, se não da insegurança e do desemprego explícitos, pelo menos de medidas que a eles levam, como privatizações, diminuição drástica da máquina administrativa, flexibilização e desregulação das relações trabalhistas etc. E o que tudo isso tem a ver com os clássicos da sociologia?

Em relação a Marx, qualquer pessoa apenas medianamente informada diria que tem tudo a ver. Marx, afinal, é um nome que sintetiza mais do que qualquer outro as mais contundentes críticas que se possa fazer ao sistema capitalista e sua doutrina, o liberalismo econômico. E, de fato, as maiores críticas que se fazem à globalização sob égide liberal, no campo intelectual ou no terreno da militância sindical, nutrem-se mais ou menos de teses marxistas. Mas Marx não é apenas o iracundo inimigo do capitalismo enquanto sistema econômico, que todos conhecem, mas também o teórico (ou, melhor dizendo, um dos teóricos) do sistema *social* engendrado pelo capitalismo, e é como tal que ele aqui comparece. Mas não apenas ele. Passo, assim, a esclarecer o sentido do segundo termo do título deste artigo.

Ao me referir à teoria social de autores tão diversos e mesmo doutrinariamente opostos como Marx e Durkheim (passando por Tönnies, mas também por Comte, Simmel, etc.), estou cingindo-me a certos aspectos relevantes do pensamento de uns e de outros onde é possível captar, malgrado as diferenças e eventualmente divergências, uma visão comum. Refiro-me, especificamente, à visão que todos mais ou menos partilham acerca da existência de dois modelos de organização social seqüenciando-se na história, tendo por marco divisor o duplo advento da revolução industrial e do capitalismo. Muito concisamente, estamos falando da passagem do mundo feudal para o mundo moderno.

Ora, um dos aspectos mais salientes desse mundo novo é a libertação dos indivíduos dos constrangimentos de todo tipo

(religiosos, intelectuais, profissionais etc.) inerentes às sociedades tradicionais, como ocorria na Idade Média. Instaure-se, com a modernidade, a liberdade religiosa e de consciência, e editam-se as grandes Declarações de Direitos. Inaugura-se, em resumo, aquilo que Kant belamente chamou de “maioridade do homem”. Correlatamente, expande-se até quase universalizar-se a experiência do chamado trabalho livre. O trabalhador, no mundo moderno, já não é o escravo ou o servo preso à casa ou à gleba, nem o artesão preso à corporação: ele se torna um trabalhador livre detentor de um emprego na indústria, no comércio ou, mais modernamente, no setor de serviços, emprego esse que ele obtém num mercado de trabalho regido, como todo mercado, pelas áleas da economia. Esta, por sua vez, autonomiza-se em relação à moral e à religião, tornando-se um setor à parte das outras atividades humanas, dotado de exigências e leis próprias. Numa palavra, a economia, antes presa à rede social de costumes e interditos, se “objetiva”. Simmel sintetiza esse processo, para ele fruto da expansão do dinheiro enquanto mediador das relações humanas, da seguinte forma:

*Se a sociologia quisesse formular a contradição da época moderna, especialmente em oposição à época medieval, então poderia tentar como se segue: Na Idade Média, o homem encontrava-se encadeado numa relação com uma comunidade ou com uma propriedade feudal, com uma associação, ou com uma corporação; sua personalidade era incorporada nos círculos de interesses práticos ou sociais. O caráter destes círculos era formado pelas pessoas que os constituíam de maneira imediata. Esta unidade foi destruída pela época moderna. Por um lado, ela possibilitou a autonomia da personalidade e deu a ela uma liberdade de movimentos interna e externa incomensurável. E deu, por outro lado, em compensação, um caráter objetivado*

*incomensurável aos conteúdos práticos da vida. [...] Assim, a época moderna conseguiu separar e autonomizar o sujeito e o objeto, para que ambos realizassem o próprio desenvolvimento de forma mais pura e mais rica!*

Mas a riqueza desse processo não é apenas positividade, pois essa objetivação dos “conteúdos práticos da vida” traz consigo a possibilidade de o homem, tal e qual o fáustico mas desastrado aprendiz de feiticeiro, ser dominado pelas forças que desencadeou e que não domina mais. A economia, criada pela atividade humana, subverte a ordem natural das coisas e passa a submetê-la a seus caprichos. O próprio trabalho humano, ao poder ser comprado e vendido no mercado, torna-se uma mercadoria igual às outras, como tal submetida à lei universal da oferta e da procura. Noutros termos, estamos diante daquilo que Marx chamou de “fetichismo da mercadoria”. Ora, a mercantilização do trabalho significa que ele pode tanto ser valorizado quanto desvalorizado. A depender das circunstâncias, ele pode até não ter valor algum, tornar-se um insumo dispensável como qualquer outro. Ou seja: a libertação dos grilhões da escravidão ou da servitude, a princípio - e mesmo em princípio - um progresso da individualidade humana, traz consigo a possibilidade de um subproduto perverso e, propriamente falando, desumano: o indivíduo não encontrar quem queira comprar o seu trabalho, e assim encontrar-se sem emprego! Noutros termos, a liberdade moderna traz consigo um ovo da serpente: a insegurança...

Esse aspecto do mundo moderno enquanto portador de uma crise no mundo laboral foi assinalado por todos os clássicos que citei. Na verdade, todos os observadores da sociedade do princípio do século XIX têm a atenção atraída para as grandes mudanças que se

<sup>1</sup> Citado por Jessé Souza e Berthold Oelze (orgs.), *Simmel e a Modernidade*, Brasília, Editora UNB, 1998, p.23. A obra maior de Georg Simmel, de onde foi retirada a citação, *A Filosofia do Dinheiro*, não está traduzida no Brasil.

operam com o processo de industrialização em curso, ocasionando problemas sociais novos como o surgimento das massas operárias, a oposição entre patrões e empregados, as crises de superprodução criando pobreza no meio da abundância etc. E é a existência dessa gama enorme de problemas que vai sugerir a Augusto Comte a necessidade da constituição de uma “física social” capaz de, com métodos científicos, estabelecer os princípios de uma organização “positiva” da sociedade, superando a anarquia do livre jogo da concorrência<sup>2</sup>. Noutras palavras, os problemas sociais decorrentes da desorganização do mundo medieval tradicional e da concomitante instauração do capitalismo industrial moderno - entre os quais a crise do trabalho -, não são apenas alguns dos temas de predileção da nova ciência, a sociologia; mais do que isso, eles são *uma das razões de ser da constituição da própria disciplina*, que nasce com a preocupação de resolvê-los.

Com isso quero chamar a atenção para o seguinte: as críticas atualmente feitas à desarticulação do mundo do trabalho na sua forma clássica, operada pelo processo de globalização sob égide liberal em curso, não são simples (ou pelo menos não são apenas...) lamentações de sindicalistas retardados ou de epígonos do marxismo saudosos do socialismo, como dão a entender os artigos sempre bem-humorados e eruditos do nosso maior liberal, o professor Roberto Campos. Ao contrário, a crise de insegurança que atualmente percorre o mundo do trabalho tem a ver com algo bem mais profundo do que um simples confronto entre empresários bem escanhoados e sindicalistas com a barba por fazer da CUT. Não se trata de um simples confronto cheio de lugares-comuns entre esquerda e direita, pois o problema da desorganização do trabalho, enquanto problema (quase diria *ontológico*) da modernidade, não é

<sup>2</sup> Sobre a influência desses problemas na constituição da sociologia de Augusto Comte, ver Raymond Aron, *As Etapas do Pensamento Sociológico*, S. Paulo, Martins Fontes, 1993, especialmente pp. 79-80.

exclusivo da esquerda. Prova-o o fato de que ele não foi um monopólio do marxismo ou do socialismo de um modo geral, na medida mesma em que constituiu-se uma das preocupações centrais nas obras de clássicos fundamentais da sociologia como foram Comte e Durkheim, os quais propuseram soluções exatamente opostas àquelas propugnadas pelo socialismo...

Na verdade, desde que ultrapássemos os *slogans* dominantes nas querelas em curso, veremos que a discussão suporta um outro recorte, abrigando ao mesmo tempo esquerda e direita, pois ambos os lados do espectro político partilham a mesma visão crítica a respeito do modelo societário vigente na modernidade, do qual o problema do trabalho "livre" - na verdade parte de uma questão mais abrangente: a separação do homem da comunidade onde estava antigamente inserido - é um dos elementos constitutivos. Nesse caso, e para além de suas enormes divergências, Marx e Durkheim, entre outros, são autores em quem se encontram insuspeitadas afinidades. Senão, vejamos.

Falei, no início, de dois modelos de organização social seqüenciando-se na história, mais ou menos presentes na obra de ambos, dos quais já avancei alguns elementos. Em termos mais sistemáticos, a designação clássica desses dois modelos foi estabelecida não por um nem pelo outro, mas pelo alemão Ferdinand Tönnies: refiro-me aos modelos da *comunidade* ("Gemeinschaft") de um lado, e da *sociedade* ("Gesellschaft") de outro<sup>3</sup>. Muito resumidamente, a comunidade seria uma forma de relações humanas fundadas num conjunto de estados afetivos, hábitos e tradições partilhados por todo o grupo, enquanto a sociedade seria

<sup>3</sup> *Comunidade e Sociedade*, justamente, vem a ser a tradução literal do título do livro de Tönnies (em alemão: *Gemeinschaft und Gesellschaft*), aparecido em 1887 e, ao que eu saiba, jamais traduzido integralmente no Brasil, embora trechos do mesmo sejam disponíveis entre nós em coletâneas e livros didáticos de sociologia. Neste trabalho, valho-me da tradução francesa (*Communauté et Société*, Paris, PUF, 1944).

uma forma de relações cuja natureza se funda no interesse individual, racional de cada um. Enquanto a forma comunitária teria prevalecido na Idade Média e nas sociedades pré-modernas de um modo geral, a forma societária prevalece nas sociedades modernas saídas da revolução industrial e seu regime econômico específico: o capitalismo.

É verdade que, como lembra Robert Nisbet<sup>4</sup>, a utilização do termo *sociedade* (tradução literal de "Gesellschaft") para designar essa realidade moderna se presta a alguma confusão, pois o conceito de sociedade, seja no inglês, seja nas línguas latinas, normalmente se refere a todo tipo de agrupamento humano, recobrindo, assim, uma realidade bem mais larga do que aquilo que Tönnies designa como tal. Ou seja, a própria *comunidade* seria uma sociedade no sentido largo do termo... Mas, como quer que seja, a utilização do termo *sociedade*, para se referir a um modelo específico de organização social oposto ao modelo comunitário, já está consagrado pelo uso, razão por que o utilizo.

Tönnies foi bastante influenciado pela obra de Marx<sup>5</sup>, de quem recepcionou vários elementos da teoria econômica: a força de trabalho como uma mercadoria que os operários são obrigados a vender para sobreviver, o valor dessa mercadoria como correspondendo ao mínimo necessário para a manutenção e reprodução do trabalhador, a mercantilização geral das relações sociais que se dá sob o capitalismo etc. A sua especificidade em relação ao marxismo<sup>6</sup> residiria no fato de que Tönnies, mais especificamente sociólogo do que Marx, deste acolheu os traços gerais com que descreve o sistema capitalista, e centrou sua atenção sobre o tipo e a qualidade das relações sociais que aí se dão.

<sup>4</sup> Robert A. Nisbet, *La Tradition Sociologique*, Paris, PUF, 1984, p. 100.

<sup>5</sup> Num Anexo que acrescentou ao seu livro em 1911, Tönnies reconhece expressamente que

"o sistema marxista [...] influenciou o seu conteúdo".

<sup>6</sup> De um modo análogo, aliás, ao Simmel de *A Filosofia do Dinheiro*.

Como vimos, Tönnies distingue a *sociedade* da *comunidade*. Haveria três tipos desta última, conforme sejam formadas pelos laços do parentesco, da vizinhança ou da amizade. A primeira tem como local próprio a casa familiar; a segunda, a aldeia; a terceira, a cidade medieval. E a cada uma delas corresponde um tipo dominante de atividade econômica: à casa, a economia doméstica; à aldeia, a agricultura de base comunista; à cidade medieval, as corporações de artes e ofícios artesanais. Em nenhuma delas, a atividade econômica constitui um mundo à parte, regido pelas leis frias e racionais do cálculo monetário. Ao contrário, todas elas estão envolvidas por uma atmosfera onde os valores religiosos, morais e estéticos têm uma presença determinante, e os indivíduos que as compõem estão presos à tradição e ligados entre si por laços afetivos e morais. Já a *sociedade*, que lhe sucede, Tönnies define como

*“... um grupo de homens que, vivendo e permanecendo, como acontece na comunidade, de uma maneira pacífica uns ao lado dos outros, mesmo assim não estão organicamente ligados, estão organicamente separados; [...] Aqui, cada um é por si e está num estado de tensão em relação a todos os demais. [...] Uma tal conduta negativa é normal, ela é o fundamento da posição desses ‘sujeitos-forças’ uns em relação aos outros, e caracteriza a sociedade no estado de paz. Ninguém fará alguma coisa por um outro, ninguém de bom grado permitirá ou dará o que quer que seja a outro, salvo se isso é feito em troca de um serviço ou de algo estimado pelo menos equivalente”.*

O seu *habitat* é, primeiro, a cidade industrial moderna, depois o país e, finalmente, o mundo inteiro ligado pelo mercado mundial - o que hoje chamamos de globalização. Disso não se deve deduzir que a *sociedade* já não abrigue em seu interior nenhuma

<sup>7</sup> Ferdinand Tönnies, op. cit., p. 39.

forma de *comunidade*. Afinal de contas, os seus três elementos constitutivos - o parentesco, a vizinhança e a amizade - continuam existindo mesmo nas nossas moderníssimas megalópoles. A família, a associação de amigos do bairro, a ordem religiosa etc., são formas de comunidade. Mas a sociedade de um modo geral - onde, com razão, vige o ditado popular “amigos, amigos; negócios à parte” -, não.

Análoga visão dicotômica percorre a teoria social de Marx. É verdade que, aqui, não se encontra a visão idílica que Tönnies tem sobre o mundo anterior ao capitalismo. Lembremos, por exemplo, que os mestres e companheiros, que Tönnies vê unidos pela amizade na comunidade da corporação medieval, são arrolados por Marx logo no começo do *Manifesto Comunista* como dois irreconciliáveis inimigos envolvidos na luta de classes que se desenrola desde o início da história. Mas, sob a designação genérica de “formações econômicas pré-capitalistas”, Marx também estabelece uma diferença entre as relações sociais que se dão antes e depois do advento da sociedade industrial moderna. Num e noutro caso, a separação do indivíduo da comunidade figura como um dos laços distintivos por excelência. Isso aparece de forma evidente num texto célebre em que Marx empreende uma crítica devastadora do que ele chama de “pretensos direitos do homem”, ao dizer que nenhum deles

*... ultrapassa o homem egoísta, o homem enquanto membro da sociedade burguesa, isto é, um indivíduo separado da comunidade, ensimesmado, preocupado apenas com o seu interesse pessoal, obedecendo unicamente à sua arbitrariedade privada*<sup>8</sup>.

Ora, uma visão igualmente crítica do individualismo moderno encontra-se num autor de quem não se pode dizer - como

<sup>8</sup> Karl Marx, *A Questão Judaica*, Lisboa, Cadernos Ulmeiro, 1978, p. 39.

se pode dizer de Simmel e de Tönnies - que tenha nutrido qualquer simpatia pelo marxismo. Refiro-me a Durkheim, um pensador certamente anti-socialista, mas que, analisando os possíveis efeitos perniciosos provocados pela divisão do trabalho no mundo moderno, chegou a considerar que "uma sociedade composta por uma poeira infinita de indivíduos desorganizados [...] constitui uma verdadeira monstruosidade sociológica". Durkheim, como se sabe, era um entusiasta dessa divisão, propiciadora do aumento das riquezas e do desabrochar da personalidade individual, mas sabia dos perigos que o isolamento dos indivíduos uns dos outros, sem um correspondente antídoto, podia acarretar - inclusive um aumento na taxa de suicídios, objeto de uma de suas obras mais célebres, que ele atribui, entre outras razões, à "inquietação" reinante na sociedade industrial<sup>9</sup>. Retomemos rapidamente as grandes linhas de sua reflexão.

Também Durkheim possui um esquema dicotômico através do qual observa as sociedades humanas. Sem estar praticando uma hiper-interpretação, creio poder-se dizer que a *comunidade* tönniesiana corresponde ao que o autor francês via como sociedades de baixa divisão do trabalho social, onde vigia a chamada "solidariedade mecânica"; e a *sociedade* tönniesiana corresponde às sociedades de grande divisão do trabalho social - basicamente a sociedade industrial moderna -, onde vige o que ele chama de "solidariedade orgânica". Orgânica porque composta de órgãos separados, ainda que funcionalmente integrados. Mas como pode a separação produzir solidariedade? Pelo viés da integração funcional. Isto é: quanto mais o trabalho se especializa, quanto mais as pessoas se dedicam a uma atividade apenas, mais elas necessitam do trabalho dos outros. O problema é que enquanto a solidariedade mecânica é

<sup>9</sup> Émile Durkheim, *Da Divisão do Trabalho Social* (Prefácio da Segunda Edição), S. Paulo, Abril Cultural (Coleção "Os Pensadores"), 1973, p. 321.

imediatamente "sentida" pelos membros do grupo - que têm sentimentos comuns e agem como um só corpo -, a orgânica não possui essa materialidade imediata, sendo mais presentida pelo sociólogo do que propriamente vivida pelos indivíduos, que na realidade estão apartados uns dos outros. Mais uma vez sem pretender super-interpretar, ela lembra a "mão invisível" de Adam Smith - que existe, mas ninguém vê...

Acresce dizer que nessas sociedades industriais as funções econômicas desenvolveram-se e adquiriram uma importância em níveis nunca vistos, passando as funções militares e religiosas, antes tão importantes, a segundo plano. Libertada dos antolhos de então, a economia passou a girar segundo suas próprias leis, generalizando-se a concorrência desenfreada. Ora, argumenta Durkheim,

*... a ausência de toda disciplina econômica não pode deixar de estender seus efeitos além do mundo econômico propriamente e de introduzir consigo, por conseguinte, uma diminuição da moralidade pública<sup>10</sup>.*

Daí a sua conhecida afirmação acerca do "estado de anomia jurídica e moral na qual se encontra a vida econômica atualmente". E continua Durkheim - num trecho que dir-se-ia adredemente dirigido aos atuais teóricos da desregulamentação das relações trabalhistas:

*Que uma tal anarquia seja um fenômeno mórbido, é evidente, pois que ela vai contra o próprio fim de toda sociedade, que é o de suprimir ou ao menos de moderar a guerra entre os homens, subordinando a lei física do mais forte a uma lei mais elevada. [...] a liberdade [...] é ela*

<sup>10</sup> Idem, op. cit., p. 307. Vale lembrar que, como observa Galliano (*Introdução à Sociologia*, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1981, p. 127), Durkheim escreve em fins do século XIX, "quando na maior parte do mundo era praticamente nulo o desenvolvimento da legislação trabalhista, industrial e comercial".

*própria o produto de uma regulamentação. Eu não posso ser livre senão na medida em que outro é impedido de se beneficiar da superioridade física, econômica ou outra da qual dispõe para submeter a minha liberdade, e somente a regra social pode pôr obstáculo a esses abusos de poder. Sabe-se agora que regulamentação complicada é necessária para assegurar aos indivíduos a independência econômica sem a qual sua liberdade não é senão nominal<sup>11</sup>.*

Poderia alguém ser mais anti-neoliberal? Mas revolucionário também não era. Nesse ponto, Durkheim está mais próximo de um outro conservador - Comte - do que de Marx. Comte parecia acreditar piamente que poderia convencer as "classes superiores" (banqueiros e industriais, que seriam os chefes temporais da nova sociedade) a adotarem sua Filosofia Positiva, na qual prescrevia que as "relações industriais, em vez de continuarem à mercê de um empirismo perigoso e de um antagonismo opressivo, devem ser sistematizadas segundo as leis morais da harmonia universal"<sup>12</sup>. A sua concepção de organização social aparenta-se ao modelo medieval, onde a Igreja Católica detinha um incontestável poder espiritual capaz de manter essa "harmonia".

Durkheim é, sem dúvida, menos crédulo. Mas ele também, buscando soluções para superar a anomia da sociedade industrial moderna, volta-se para uma instituição de inspiração medieval: a corporação, instituição capaz de cumprir funções profissionais, certo, mas também educacionais, recreativas e assistenciais ao mesmo tempo<sup>13</sup>. Durkheim considera que se ela foi destruída pela economia mercantil, não o foi por razões lógicas intrínsecas à mesma, mas tão somente por razões conjunturais passíveis de

<sup>11</sup> Idem, op. cit., p. 306.

<sup>12</sup> Citado por Raymond Aron, op. cit., p. 118, nota 9.

<sup>13</sup> Durkheim, op. cit., p. 320.

superação. As corporações, entidades municipais agregando grupos pequenos de artesãos, simplesmente não souberam adaptar-se à rapidez de expansão das indústrias. Estas, não cabendo nos limites da economia local, expandiram-se fora dos quadros corporativos, e as corporações, ligadas ao artesanato em decadência, soçobraram juntamente com ele. Mas as funções que elas exerciam continuaram e continuam sendo fundamentais, daí a necessidade de sua renovação:

*Uma nação só pode se manter se, entre o Estado e os particulares, se intercalar toda uma série de grupos secundários que sejam bastante próximos dos indivíduos para atraí-los com força à sua esfera de ação e encadeá-los assim na torrente geral da vida social<sup>14</sup>.*

A nova corporação imaginada por Durkheim, vale enfatizar, é bem mais do que um simples sindicato profissional defendendo interesses corporativos, pois as funções integradoras que ela é chamada a assumir dão-lhe uma feição pública e sugerem para elas um papel ativo na própria organização da sociedade como um todo:

*Há mesmo motivo para supor que a corporação está destinada a se tornar a base ou uma das bases essenciais de nossa organização política. [...] Ela foi outrora a divisão elementar da organização comunal. Agora que a comuna, de organismo autônomo que foi no passado, se perdeu no Estado como o mercado municipal no mercado nacional, não é legítimo pensar que a corporação deveria também sofrer uma transformação correspondente e se tornar a divisão elementar do Estado, a unidade política fundamental?<sup>15</sup>.*

<sup>14</sup> Idem, op. cit., p. 321.

<sup>15</sup> Idem, op. cit., p. 320.

Pouco importa, para os fins deste ensaio, a opinião eventualmente irônica que tenhamos sobre a idealização da *comunidade* em Tönnies, ou sobre as formas passadistas de organização social propostas por Comte e Durkheim. O que importa reter é que uns e outros detectaram nas sociedades modernas um fenômeno de desagregação dos indivíduos como sendo um problema maior a ser resolvido. E resolvido com fórmulas comunitárias, seja tiradas diretamente, seja inspiradas pelo passado. E isso inclui Marx, cujo projeto de uma sociedade *comunista* (o nome já diz tudo) conjuga “num tremendo ato de força e de fé”, como lembra Kamenka, “a afirmação do desenvolvimento industrial e a aspiração pela fraternidade e comunidade de uma aldeia agrário-feudal”<sup>16</sup>.

Ou seja: os grandes - quiçá os maiores - teóricos da modernidade apresentam, malgrado suas enormes diferenças, uma preocupação comum acerca dos efeitos perversos produzidos pelo capitalismo industrial sobre os indivíduos, e todos eles, cada um à sua maneira e com sua linguagem própria (*comunismo* em Marx, *corporação* em Durkheim), são por assim dizer portadores do “apelo à comunidade” vaticinado por Tönnies como uma saída para o sistema capitalista mundial, sob pena de a sociedade “tornar-se a exploração de um puro negócio”<sup>17</sup>. Entretanto, a despeito de Marx - mas também de Comte, de Tönnies, de Simmel, de Durkheim -, a globalização em curso, como vimos, tem até agora patrocinado a expansão ilimitada da *sociedade*, em detrimento da *comunidade*. E isso, como os clássicos já tinham nos advertido, não é bom... Com o que voltamos ao nosso ponto de partida.

Minha intenção não é simplesmente a de produzir um discurso a mais contra o neoliberalismo, opondo-lhe virtudes do

<sup>16</sup> Eugene Kamenka, “Humanismo Socialista e a Crise na Ética Socialista”, in Erich Fromm (org.), *Humanismo Socialista*, Lisboa, Edições 70, p. 135.

<sup>17</sup> Ferdinand Tönnies, op. cit., p. 194.

desmoralizado coletivismo. Tanto mais que - não há como negar - o fracasso do socialismo tal qual o conhecemos deveu-se, entre outras razões, ao naufrágio de um modelo econômico que em seus estertores só produziu marasmo. Uma volta a ele é hoje em dia, simplesmente impensável. Mas isso, de outro lado, não deve fazer-nos esquecer os enormes problemas humanos que uma economia de mercado capitalista - onde a força de trabalho é nada mais do que um insumo do processo produtivo - ocasiona. Especificamente, pois é isso o que mais nos interessa, o problema da insegurança do emprego.

O fenômeno da liberação de mão-de-obra é hoje um fenômeno mundial, capaz de abalar as economias mais ricas e os países dotados das mais sólidas e tradicionais estruturas de inclusão via emprego. Num país como a França, por exemplo, um especialista como Robert Castels estima que cerca de 70% das pessoas entram atualmente no mercado de trabalho sob formas mais ou menos atípicas, ocasionando o que ele considera uma “fragilização completa da condição salarial”<sup>18</sup>. Ora, soluções para problemas dessa magnitude só poderão ser encontradas se os homens agirem mediante intervenção do poder político organizado - vale dizer, do Estado, - o que vai na contra-mão da onda atual de desprestígio teórico das estruturas públicas estatais.

Na ausência de uma intervenção desse tipo, não será certamente o livre funcionamento das engrenagens econômicas atualmente vigentes que irá resolver as graves questões aqui afloradas. Não são as leis do mercado, por exemplo, que irão encontrar uma solução para o fato de que na cidade de São Paulo, atualmente, existem cerca de 50 mil pessoas trabalhando para o narcotráfico - um número maior do que os empregados na indústria

<sup>18</sup> Robert Castels, “L'avènement d'un individualisme négatif”, entrevista publicada em *Magazine Littéraire*, Paris, n. 334, julho-agosto de 1995, p. 19.

automobilística<sup>19</sup>. Para a lógica da acumulação capitalista, é indiferente que o mercado seja de cinquenta ou de cem milhões de consumidores (desde que ela venda aos primeiros pelo dobro do preço que venderia aos segundos...), da mesma forma que lhe é indiferente que 10 operários trabalhem 12 horas por dia, ou que 20 trabalhem apenas 6 (desde que ela pague aos segundos a metade do que pagaria aos primeiros...) - e assim por diante.

Por outro lado, é óbvio que denunciar, na esteira dos clássicos, os perigos da *sociedade*, não significa desejar que o Estado assuma literalmente o papel de *comunidade* nacional, organizando a produção e o consumo, e arrolando todo mundo em listas de emprego... De certa forma, foi isso o que fizeram os países socialistas, com os resultados que se conhecem. Hoje, depois de encerrada a experiência do socialismo de estado, já há clima intelectual para se reconhecer, mesmo no terreno da esquerda, que a planificação total da economia não podia dar certo, constatação a que muito cedo chegou, aliás, um dos maiores líderes da revolução bolchevique: Trotsky. Já em 1932, o maior responsável pela economia de guerra na Rússia cometeu a heresia de duvidar do planejamento central nos seguintes termos:

*Se existisse uma inteligência universal do tipo que se projetasse na fantasia científica de Laplace - uma inteligência capaz de registrar simultaneamente todos os processos da natureza e da sociedade, capaz de medir a dinâmica de seu movimento, capaz de prever os resultados de suas interações -, essa inteligência seria decerto capaz, a priori, de traçar um plano econômico perfeito e completo, que começasse no número de acres de trigo e acabasse no último botão de um paletó. [...] Mas até mesmo a combinação mais acertada de todos esses elementos permitiria apenas*

<sup>19</sup> Cf. Folha de S. Paulo, caderno "Cotidiano", 11 de maio de 1997, p. 1.

*traçar uma estrutura imperfeitíssima de plano, nada mais. Seria preciso que os inumeráveis participantes da economia, coletivos e individuais, informassem acerca de suas necessidades e do peso relativo dessas necessidades, não só por meio de determinações estatísticas das comissões do plano, mas também pela pressão direta da oferta e da procura. É o mercado que testa o plano, e até certo ponto o realiza -*<sup>20</sup>

Não se trata, assim, de uma impossível e indesejável volta ao socialismo. Tanto mais que a própria tradição brasileira no trato da chamada coisa pública não autoriza a pensar que de uma experiência de estatização da economia deva sair algo de mais grandioso do que clientelismo e empreguismo. No Brasil, aliás, a figura do funcionário público pachorrento e improdutivo, independentemente de sua realidade sociológica, é um arquétipo bastante comum no imaginário nacional. Na própria literatura brasileira é bastante encontrada esse personagem, cujo tipo-ideal poderia ser o Amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos. Funcionário lotado por influência de um parente numa Secretaria do Fomento que nada produz, Belmiro gosta de contemplar o edifício onde trabalha ao pôr-do-sol, ocasiões em que não pode conter "um movimento de ternura" quando se lembra da "promessa honrada, que nos faz o Estado, de uma aposentadoria condigna"<sup>21</sup>.

Trata-se, sem dúvida, de um sinecurista. E poder-se-ia mesmo, só para argumentar, considerar a hipótese cínica de que todo mundo tem uma vocação secreta para a sinecura. Mas, provavelmente, as pessoas têm uma vocação ainda maior para a segurança. Ponha-se Belmiro ante a perspectiva do olho da rua, e ele

<sup>20</sup> Citado por Robin Blackburn, "O Socialismo após o Colapso", in Blackburn (org.), *Depois da Queda*, S. Paulo, Paz e Terra, 1993, pp. 145-46.

<sup>21</sup> Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, 8a. edição, p. 29.

certamente trabalhará. Num outro tom e noutra registro, a hipótese da segurança como um valor máximo é demonstrado quando os dois mil e oitocentos operários da Ford demitidos em dezembro de 1998 propõem diminuir o próprio salário em troca da manutenção do emprego. Sem dúvida, o apego à segurança é uma motivação humana muito forte, capaz de se encontrar nos locais mais inesperados... Dou um exemplo até certo ponto anedótico.

Em 1938, um jovem procedente dos confins do Mato Grosso chega ao Rio de Janeiro para tentar ganhar a vida. Como ex-seminarista, tem uma boa bagagem cultural e torna-se professor. Cansado de dar aulas em colégios particulares que de tão bagunçados que eram sequer asseguravam o pagamento no fim do mês, faz concurso para o Itamaraty e passa - em sétimo lugar. Estando habituado a sempre ser o primeiro no seminário de onde vinha, se sente humilhado. Depois, numa conversa com um colega que tinha um nome parecido com o seu, e que tinha obtido uma nota ótima numa prova em que ele, contra sua expectativa, tinha obtido uma nota baixa, firma a convicção de que tinha havido um erro na identificação das provas. Pensa entrar com um recurso para reaver o que considera um direito seu. Mas: "Feliz com meu êxito no concurso e a segurança de emprego que dali adviria, absteve-me de pedir reconsideração da banca julgadora" - grifei. O autor dessas linhas não é um amanuense qualquer. Trata-se do Professor Roberto Campos, principal doutrinador no Brasil de um liberalismo à *outrance*, que nos conta o episódio no seu livro de memórias<sup>22</sup>. Como diria Machado de Assis, "Suporta-se com paciência a cólica do próximo"...

Antes de concluir, uma última reflexão, esta mais política. O problema da insegurança moderna - aqui abordado pelo viés específico da insegurança do emprego - não é um problema menor.

<sup>22</sup> Roberto Campos, *A Lanterna na Popa*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1994, p. 31.

Ele é capaz de engendrar dramas pessoais e familiares terríveis, e só isso já seria razão suficiente para ser visto como uma aberração da modernidade. Mas, para além disso, a insegurança moderna é também capaz de engendrar um clima favorável a imensas tragédias coletivas. A experiência totalitária é uma delas. Gostaria aqui de lembrar um autor egresso da Escola de Frankfurt, hoje um tanto esquecido, mas que foi no pós-guerra, e até os anos 60 - inclusive no Brasil -, um dos mais lidos ensaístas da época. Refiro-me a Erich Fromm. Especificamente a um de seus livros, *O Medo à Liberdade*, onde ele examina a influência que teve o problema da insegurança na gestação do ovo da serpente que foi o nazismo.

Fromm, como outros antes dele, observa que o homem moderno, "emancipado dos grilhões da sociedade pré-individualista que simultaneamente lhe davam segurança e o cerceavam, não alcançou a liberdade na acepção positiva de realização do seu eu individual", e vê nessa insegurança uma "das razões para a fuga totalitária da liberdade". O que ele diz, em resumo, é que o homem entregue ao desespero está pronto a dele se livrar a qualquer preço - inclusive ao preço da própria liberdade. Foi o que fizeram os alemães nos anos 30, que abdicaram da democracia entregando o seu destino nas mãos de um demagogo que prometia ódio tribal e pleno emprego...

Frankfurtiano um tanto desgarrado, Fromm aclimatou-se muito bem nos Estados Unidos, inclusive aderindo resolutamente aos valores da democracia moderna, em relação aos quais, dizia, não poderia haver transigência. Mas era também bastante "europeu" para continuar insistindo sobre a necessidade de uma economia planificada que pudesse resolver os enormes problemas sociais causados por uma economia de mercado - inclusive o problema do trabalho. Daí que, segundo suas próprias palavras,

*Tampouco podemos transigir no mais novo princípio democrático segundo o qual não se deve deixar ninguém à míngua, de que a sociedade é responsável por todos os seus membros, de que ninguém deve ser submetido pelo terror e perder seu brio humano com medo de ficar desempregado ou morrer de fome - 23*

Ainda uma vez, essas reflexões não significam a defesa de uma economia socialista do tipo que conhecemos neste século. Num certo sentido, aliás, parece haver uma incompatibilidade estrutural entre a idéia de comunismo e o mundo moderno. Este, como sabemos, é cada vez mais composto de formações sociais extensas e complexas, caracterizadas pela intensa divisão social do trabalho, pela concentração urbana, pela organização da produção a partir de grandes empresas etc. Nessas condições, o conhecimento entre as pessoas, se ainda é possível e perdura em nível de pequenos grupos - como na família, por exemplo -, torna-se impossível e impensável no nível da formação social geral que é, cada vez mais, uma *sociedade* no sentido tönnesiano do termo. Ou seja: considerada globalmente, a sociedade moderna não está ligada nem por laços de parentesco, nem de vizinhança, e muito menos de amizade. As pessoas não estão ligadas por laços afetivos e morais entre si. Ora, a idéia de comunismo - os "produtores livremente associados", segundo a célebre fórmula - parece exigir exatamente isso...

Mas não mais acreditar no socialismo - sobretudo no socialismo de estado - não nos libera de enfrentar problemas que, por ele não resolvidos, continuam a interpelar as democracias liberais - liberais e capitalistas... A perda da ambição de realizar o paraíso sobre a terra não significa, *ipso facto*, o abandono da perspectiva de tornar a terra um lugar menos infernal para se viver. A própria experiência histórica da social-democracia européia neste

<sup>23</sup> Erich Fromm, *O Medo à Liberdade*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1960, pp. 10 e 222.

século - pelo menos aquela que perdurou entre o fim da Segunda Guerra e os anos 70 - mostra muito bem que é possível uma salutar combinação de liberdade econômica e redução (até porque toda eliminação é impossível) da insegurança. Resumindo: não se trata de destruir a *sociedade*, mas de introduzir, nela, princípios de *comunidade* - sem os quais a primeira corre severos riscos.

Os clássicos que rapidamente visitamos, cada um à sua maneira, dizem mais ou menos isso. Talvez por isso é que continuem clássicos no sentido forte do termo - isto é: o de autores exemplares cuja obra continua irrigando nosso próprio pensamento.

# Globalização: Seus Impactos Econômicos Sobre o Homem e a Sociedade

*Yony Sampaio*

## *1. Introdução*

O conceito de globalização que o francês chama de mundialização, aparece com destaque na literatura nos últimos quinze anos. Por globalização ou mundialização entende-se o processo amplo de circulação de informações, de pessoas, de dinheiro e de bens, ignorando as fronteiras dos países, seja os integrados em blocos ou os isolados. Nada melhor caracteriza esta globalização que a Internet, permitindo a conversa simultânea de internautas localizados em diversos continentes, a busca de informações nos sites mais recônditos, a compra de livros recém lançados. Com igual perplexidade assiste-se à veloz circulação de bilhões de dólares entre as bolsas de Londres, Nova Iorque, Hong Kong e São Paulo, sem que existam mecanismos adequados de controle desses fluxos. É a globalização.

Os céticos dessa mundialização apontam para o fenômeno da internacionalização e da expansão das empresas multinacionais no pós guerra como origem do processo atual, havendo uma distinção apenas de escala e não de natureza do processo em si. Os mais históricos buscam no mercantilismo e nas colônias a gênese do processo de interpenetração das economias e das sociedades. Pretende-se mostrar que esses fenômenos são distintos. Pretende-se explorar igualmente alguns impactos econômicos dessa globalização sobre o processo de produção e circulação da riqueza, sobre o

homem e sobre a sociedade. Entender um pouco o fenômeno é o primeiro passo para melhor controlá-lo.

## 2. Os Contornos da Globalização do Ponto de Vista Econômico

Economia fechada, sem troca de recursos e bens, só existe nos livros-texto, sob o rótulo curioso de Economia de Robinson Crusoe. Nenhum país é uma ilha. A troca de bens, inclusive recursos humanos (especializados ou força bruta – escravos) e financeiros (moeda), sempre ocorreu entre os povos desde a mais remota antiguidade. A colonização permitiu a construção de uma nova sociedade por decalque e o controle pleno das colônias pelas metrópoles, em favor destas. Eventuais tratados comerciais com potências mais poderosas, como entre a Inglaterra e Portugal, apenas deslocavam parcialmente os centros de controle. Esse mundo simples de metrópoles e colônias também o era dos produtores de manufaturas versus produtores de minérios e produtos agrícolas, usualmente exportados *in natura*. Houve grandes migrações assim como inversão de recursos estrangeiros na melhoria dos serviços básicos – portos, transportes, saneamento e mais recentemente comunicação e eletricidade, com destaque para o papel desempenhado pela Grã-Bretanha no século XIX.

O fenômeno da internacionalização que se segue aprofunda a interpenetração das economias. A divisão de trabalho assume uma escala quase mundial. As grandes empresas ultrapassam fronteiras não mais exportando bens mas produzindo-os onde for mais conveniente. As tentativas de brechar o processo resultam quase inócuas: as empresas dominam os mercados de fora sem ao menos internalizar os ganhos decorrentes da produção interna.<sup>1</sup> Apesar de os governos mais fracos sofrerem influência direta das grandes

<sup>1</sup> Jean Jacques Servan Schreiber. O desafio Americano.

empresas, o processo ainda permanece sob relativo controle, embora a um custo às vezes bastante elevado. Tentativas de nacionalização das empresas estrangeiras levam quase sempre à estagnação econômica. Embora nenhum país seja uma ilha, as fronteiras são ainda perfeitamente demarcadas. Poucos são cidadãos do mundo que circulam com facilidade pelos diversos continentes. A entrada de capitais externos é relativamente controlada embora a fuga ocorra e movimentem os chamados mercados paralelos com câmbio negro e outras formas de remessas ilegais. A circulação de bens se aprofunda, apesar das barreiras, tarifárias ou não, e as multinacionais dão-se o desprazer de produzir componentes em diversos países. O conceito de fronteira, legal ou econômica, começa a cair.

A grande novidade é o mercado comum. Abolir as fronteiras entre os países do mercado europeu até leva-los a uma moeda comum, o Euro. Muitos países e uma só economia. Neste mercado comum não há restrições ao fluxo de recursos, de pessoas, de produtos, a informação está disponível, a televisão se interliga. O grande desafio está em manter a diversidade em meio à homogeneidade.

O que ocorre quando o conceito de mercado comum pretende-se transplantado para todos os continentes? Primeiro, a desigualdade entre países é imensa. No mercado comum europeu, o processo de integração foi lento, os subsídios para equalização elevados, o investimento em recursos humanos fundamental. Parte-se para a globalização sem qualquer preparo, sem que haja mecanismos supranacionais de controle, como existiu na Europa. Por fim, os mais preparados mantêm seus mecanismos de controle enquanto os mais frágeis são induzidos a uma abertura que nunca tiveram, que pouco entendem e na qual têm participação limitada.

Do ponto de vista econômico, a globalização implica informação imediata e simultânea. As TV's por satélite e a cabo e a

Internet dão a falsa ilusão que já se vive em um mesmo mundo. Nada mais falso. Implica circulação livre das pessoas. E aí começa a primeira desilusão: nem todos são aceitos para circular em qualquer país. As fronteiras para migração são mais fechadas que no passado. Implica a livre circulação dos capitais. Seu significado ainda está para ser visto. Implica enfim a livre circulação de bens: embora haja compromissos e esteja finalmente criada a Organização Mundial do Comércio – OMC, há inúmeras barreiras tarifárias e não tarifárias, em torno das quais manifestam-se poderosos interesses que explodem no conflituoso encontro de Seattle em 1999.

Este trabalho enfocará três áreas principais: 1. O comércio internacional de bens e serviços; 2. As migrações internacionais; 3. O mercado de capitais de risco. Estes são três dos principais problemas para a globalização.

### 3. *O Comércio Internacional de Bens e Serviços*

O comércio mundial tem crescido a taxas elevadas. Em conseqüência, ocorre acelerada uniformização na oferta de bens, um fenômeno dos últimos anos, em escala mundial. Na década de setenta ainda era marcada a especialização dos mercados, mesmo na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Era possível importar quase qualquer produto, mas não era usual. Hoje, na grande maioria dos países, há lojas, especializadas ou não, ofertando produtos de quase todo o mundo. Não é preciso mais viajar para comprar os produtos mais sofisticados da informática ou o artesanato africano e asiático ou ainda “delicatessen” culinárias do leste europeu. Há exceções, é claro. Principalmente os países menos desenvolvidos e com moedas não conversíveis ou taxas de câmbio fixo, que apresentam grandes dificuldades para importar.

Longe se está, porém, de um mercado livre de bens e serviços a nível mundial. Há sérias diferenças entre países mais desenvolvidos

e entre países mais e menos desenvolvidos. Todos querem a eliminação de todas as barreiras comerciais, menos as próprias. A Europa, os Estados Unidos e o Japão mantêm barreiras, tarifárias ou não, para diversos produtos, ao mesmo tempo em que pressionam os menos desenvolvidos a diminuir seu protecionismo. Os países menos desenvolvidos têm o temor de uma maior abertura que venha eliminar as suas ainda incipientes indústrias.

Há áreas tradicionais de comércio bastante conflituosas, entre as quais destaca-se a agricultura. É fácil entender por que. Há maior especialização na indústria, especialização que foi precedida pela expansão das multinacionais. Há conflitos, claro, predominantemente entre países mais desenvolvidos. Na agricultura, há menor especialização e, além disso, os países mais desenvolvidos mantêm sua agricultura com elevados subsídios. As conseqüências para os países menos desenvolvidos são dramáticas. Não só não conseguem exportar o suficiente para atender suas necessárias importações de bens manufaturados, como, às vezes, são pressionados a importar os mesmos produtos agrícolas que exportam. Como a agricultura tem peso relativamente mais elevado nesses países, as implicações em termos de emprego e renda atingem uma parcela substancial da população e são uma das causas da pobreza que apresentam. Apesar de se ter chegado a alguns compromissos no final da rodada do Uruguai, pouco se avançou, no geral (Ingco, OECD,). Esta, incidentalmente, foi uma das motivações para as barricadas de Seattle e as perspectivas parecem pouco animadoras para os próximos anos. Há ainda conflito entre a Europa, os Estados Unidos e o Japão em relação aos subsídios agrícolas, as políticas de competição e de anti-dumping.

Uma questão relacionada refere-se à melhor estratégia em um cenário de teoria dos jogos. Embora a estratégia de abertura global traga os maiores benefícios sociais para todos os participantes

pode não constituir um equilíbrio de Nash (Sampaio, 1998). Nestas circunstâncias a abertura unilateral, como vem sendo pregada por órgãos internacionais para os países em desenvolvimento, pode não ser a melhor estratégia, a depender da situação particular de cada país.

Outras áreas de conflito envolvem aspectos e produtos não tradicionais, como o comércio eletrônico, padrões de trabalho e serviços ligados ao turismo, como áudio-visuais e transporte aéreo. Essas são questões não previstas na rodada do Uruguai mas que podem, progressivamente, ser negociadas.

De modo geral, o comércio de bens e serviços está bastante globalizado, mas não se antevê a eliminação dos conflitos remanescentes em um período breve. Na agricultura, subsídios e barreiras devem ser mantidos enquanto, por questões de segurança alimentar ou de preservação de uma parcela de população no campo, não for possível conferir competitividade com renda mínima aos agricultores dos países mais desenvolvidos.

#### 4. *As Migrações Internacionais*

Fluxos migratórios sempre foram elemento de interpenetração cultural e de equalização de rendas. Nos primórdios da revolução industrial, excedentes populacionais sem emprego e de baixa renda, buscaram oportunidades em países mais promissores, freqüentemente com fronteiras em expansão, como os Estados Unidos, a Austrália, a Nova Zelândia, o sul do Brasil, a Argentina e o Chile, entre outros. Esses fluxos, como vasos comunicantes, aliviavam tensões nos países de origem e viabilizaram expansão econômica nos países de destino. Com a globalização, como usualmente se diz, nunca foi tão fácil e barato viajar. Mas continua sendo difícil migrar, principalmente se não se tem renda, nível

educacional elevado e se tem origem em áreas rurais. É possível falar-se em globalização de bens e serviços, incluindo matérias primas e capital, se as pessoas enfrentam barreiras a migrar?

As conseqüências são claras. A divisão internacional dos mercados de produção requer ajustes nos mercados de fatores e transfere as correspondentes rendas. O trabalho e sua remuneração, isto é, o emprego e a renda, devem fluir na direção das especializações. Este elemento equalizador, as migrações, é essencial para diminuir as gritantes disparidades entre países. Se vedado, implica em transferências de bens e recursos de um lado, deixando desemprego e miséria em outras áreas. Atividades que não apresentem competitividade em um país devem ser fechadas, mas o que fazer com as pessoas desempregadas e sem renda? A migração é uma saída natural, dos países que cedem atividades para os países maiores beneficiários da nova divisão espacial determinada pela globalização. Sem esse elemento equilibrador quase toda a justificativa para a globalização – um mundo mais rico, mais eficiente, mais justo e mais igual – perde-se. Argumentos em favor das chamadas vantagens competitivas e comparativas são válidos, mas limitados, se não ocorrer mobilidade do trabalho ao lado da dos outros fatores de produção.

Uma questão assemelhada é a da nacionalidade. Afirmações de nacionalidade, de pureza étnica, como ocorre atualmente na Europa, são a negação da globalização. Quando as fronteiras se esmaecem, a soberania nacional e a cidadania devem ceder paulatinamente espaço a um estado mais global, ainda inexistente, e a uma cidadania mundial, dando lugar ao “cidadão do mundo”. De certo modo, isto está a ocorrer em partes da Europa, mas com exclusão dos não-europeus. A não-aceitação dos estrangeiros, mesmo quando migrantes estabelecidos, e a volta de idéias de superioridade racial, são sintomas bastante preocupantes para uma

real globalização. Conflitos raciais, étnicos, religiosos pululam em todo o mundo. É possível falar-se, volto a insistir, em globalização nessas condições?

### 5. O Mercado de Capitais de Risco

Esta é das áreas atualmente mais controversas da globalização. Ao contrário do comércio de bens e serviços e das migrações, não há quase barreiras aos fugidios capitais de risco. A facilidade de comunicação possibilitou a inter-conecção das bolsas (de valores, mercadorias, futuros, etc.) em todo o mundo. Com essa facilidade, os recursos fluem, do dia para a noite, em grandes volumes, entre países.

Os economistas reconhecem que a teoria econômica desenvolveu-se voltada para a análise da produção e comércio de bens escassos, adicionando-se, aos poucos, modelos monetários (com moeda). Mas não há uma teoria estabelecida para análise do mercado de capitais de risco. James Tobin, prêmio Nobel de economia, reconhece que “a liberalização e desregulamentação das transações financeiras internacionais tem ajudado o progresso econômico nos países em desenvolvimento, mas diminuem a soberania monetária, particularmente dos países com taxas fixas de câmbio. Quando bancos privados e empreendedores podem tomar empréstimos em qualquer valor, duração e moeda que escolham, criam obrigações futuras para as reservas do país, forçando, como conseqüência, governos e bancos centrais a adotarem políticas fiscais e monetárias que sacrificam o crescimento para proteger as reservas” (1998).

Começa a surgir o consenso de que há necessidade de se criar instituições que regulem os fluxos dos capitais de risco, mas não se tem clareza em como fazê-lo.

Existem importantes diferenças entre os mercados financeiros e os outros mercados. Essas diferenças sugerem que, como bem colocou Stiglitz, “enquanto se acredita que a liberalização do comércio eleva o bem estar geral, o mesmo pode não ocorrer com os mercados financeiros” (1998). Sugere ainda que se há mecanismos reconhecidos para controle dos mercados de bens e serviços não há controles seguros para os mercados financeiros.

O nível de conhecimento é tão inicial que acredita-se que esses fluxos financeiros podem ser benéficos, por propiciarem oportunidades de investimento com recursos externos, mas desde que permaneçam por um período mais prolongado no país. O risco de fluírem com rapidez existe, sendo esta, inclusive, uma estratégia de obter ganhos pressionando a paridade das moedas. Por outro lado, tentativas de estabelecimento de tempo mínimo de permanência e de taxaço de ganhos têm sido ineficazes. A supervisão e o comportamento do sistema bancário tem de ser reforçados como pré-condição para convivência com os riscos decorrentes da globalização dos mercados de capitais. Enquanto isto não ocorre, a recomendação tem sido no sentido de uma abertura lenta e gradual dos mercados de capitais.

Retomando a questão dos ganhos e perdas, a expansão dos fluxos de capital ocorrida nos anos noventa permitiu superar as severas restrições externas que empurraram a América Latina para recessão nos anos oitenta. Mas, por outro lado, trouxeram efeitos não esperados sobre as taxas de câmbio, o balanço de pagamentos e o controle sobre a emissão de moeda e grande vulnerabilidade a choques externos. Em boa medida essas conseqüências negativas resultam de processos ainda recentes de estabilização e da carência de instrumentos adequados de supervisão do sistema bancário e de controle dos fluxos de capital.

Em resumo, há algum consenso quanto à necessidade de regulação mas muitas dúvidas, inclusive quanto aos modelos de análise adequados para identificar as possíveis conseqüências nas e das políticas fiscais e monetárias.

### 6. Conclusões

A globalização é um fenômeno novo, distinto da internacionalização que a antecedeu. Ao permitir a transferência, a tempo, de bens, serviços, capitais e pessoas aponta na direção da liquefação das fronteiras e no surgimento de um cidadão do mundo. Este tempo ainda está por vir. Há muitas restrições vigentes no comércio de bens e serviços, com destaque para os produtos agrícolas e novos mercados, como o comércio eletrônico. Pouco se avançou no sentido de permitir o livre fluxo de pessoas, exceto como turistas, e minimizar as diferenças sociais, étnicas e religiosas. Há enorme perplexidade no mercado de capitais de risco quanto às vantagens da globalização e suas conseqüências na economia e nas políticas. Há clareza quanto à necessidade de regulamentação mas não sobre como exercê-la.

De modo geral, a globalização tem ampliado a oferta de bens e serviços, uma conseqüência positiva. Tem agilizado e democratizado o acesso à informação e possibilitado o deslocamento das pessoas a um baixo custo. Todos esses são resultados que melhoram a qualidade de vida.

Mas a especialização tem favorecido determinadas áreas que reuniam condições mais adequadas ao novo contorno dos mercados globais. Em conseqüência, a circulação da riqueza se tem feito com reforço das disparidades existentes entre países, com algumas poucas exceções. Tem agravado a situação dos que perdem o emprego e a renda devido à transferência de suas atividades sem que tenham a

possibilidade de migrar para áreas com crescimento mais elevado ou que existam programas de benefícios que amenizem a transição. Caso houvesse flexibilidade plena de bens, serviços, empregos e pessoas, é possível que ao final do processo quase todos estivessem em melhor situação, o que em economia se chama eficiência de Pareto, mas dadas as restrições existentes não existe tal segurança. Uma política de não-abertura unilateral pode, em muitos casos, ser a melhor estratégia.

Em duas áreas há pouco conhecimento sobre as conseqüências da globalização. No mercado de capitais não há clareza sobre o balanço entre vantagens e desvantagens, pelo menos enquanto não existirem mecanismos adequados de controle dos fluxos. No aumento do fluxo de bens e serviços não há ainda uma visão clara sobre a perda de identidade de cada país em favor de uma maior homogeneidade global. Este risco é tanto maior quanto mais frágil for a identidade cultural.

A globalização é inevitável, mas não tão rápido quanto alguns querem crer – há muitos entraves e barreiras, determinados por interesses locais. Andou-se mais rápido nas comunicações, criando problemas ainda pouco equacionados, como o comércio eletrônico, menos rápido no mercado de produtos agrícolas e menos ainda no fluxo permanente de pessoas. Se as vantagens podem ser grandes, os riscos e custos atuais também o podem. A abertura deve ser gradual e orientada por análises claras das vantagens e desvantagens para cada participante.

7. *Bibliografia*

- Federal Reserve Bank of Saint Louis, Multilateral Trade Negotiations: Issues for the Millenium Round, 82 (4), 2000.
- French-Davis, Ricardo. *Reforming the Reforms in Latin America: Macroeconomics, Trade, Finance, trabalho* apresentado na LASA, Chicago, 1998.
- Ingco, Merlinda D., *Agricultural Trade Liberalization in the Uruguay Round: One Step Forward, One Step Back?*, Texto para Discussão, Banco Mundial, 1995.
- OECD, *Les Perspectives Agricoles*, 1997-2001, Paris, 1997.
- Sampaio, Yony, *Globalisation, the Theory of Second Best and Agriculture Trade Policy*, in *International Symposium on Globalization and AgriFood Systems*, 1998.
- Schott, Jeffrey J., *Toward WTO 2000: a Seattle Odyssey*, *Federal Reserve Bank of Saint Louis Review*, 82 (4), julho/ agosto, 2000.
- Schreiber, Jean Jacques. *O Desafio Americano*, 1967.
- Stiglitz, Joseph E., *Annual World Bank Conference on Development Economics*, opening address, [www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm](http://www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm).
- Tobin, James, *Annual World Bank Conference on Development Economics*, keynote address, [www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm](http://www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm).

## FILOSOFIA E CRÍTICA LITERÁRIA

## Considerações Sumárias Sobre os Conceitos de Experiência e Pensamento Reflexivo na Filosofia de Dewey

*George Browne Rêgo*

Muitas das formulações e idéias desenvolvidas pelo filósofo John Dewey têm sido analisadas com rigor, sempre que se busca compreender e interpretar a obra desse grande pensador norte-americano. Todavia, nenhuma delas tem maior significação para o entendimento do seu sistema filosófico do que os conceitos de experiência e pensamento reflexivo. Nascido no início da segunda metade do século XIX, sua presença é assinalada como nova força filosófica, no começo do século XX, ao tornar-se o principal fundador da "Escola de Chicago", em 1903, quando em colaboração com outros autores edita *Os estudos de teoria lógica*. A partir dessa obra, seu pensamento que já havia adquirido singularidade dentro da filosofia mundial, segue uma marcha ascendente e alcança seu ponto culminante em 1938, ao publicar, aos 79 anos, a *Lógica. The Theory of Inquiry*. É nessa obra filosófica, considerada a mais alta contribuição americana à filosofia, que Dewey, desafiadoramente, afirma ser a lógica, na época em que editara o seu livro, o campo mais atrasado de toda filosofia. E isso tanto é mais grave quando se sabe - pensava ele - ser a lógica do sistema científico, que é talvez a mais original de todas, um estudo dos fatores metodológicos e sua reelaboração, sem os quais não se poderia construir as matemáticas, as ciências da natureza, as ciências humanas, tampouco a filosofia do conhecimento representadas pela gnoseologia e a epistemologia.

*Experiência* - O conceito de experiência é de importância fundamental na filosofia de Dewey. É um substrato do qual a sua filosofia opera; é o ponto a partir do qual se estabelecem todos os problemas humanos e se analisam suas respectivas soluções. Não se relacionam apenas com a natureza, mas também com o próprio mecanismo, mediante o qual a natureza se manifesta:

*It is double barrelled in that it recognizes in its primary integrity no division between act and material subject and object, but contain them both in an analyzed totality<sup>1</sup>.*

Por outras palavras, a natureza se traduz para os seres humanos como natureza experienciada. Uma vez que o homem é um ser natural, o problema reside em ele compreender a natureza; e o modo como ele pode compreendê-la é por intermédio de suas experiências: experiências individuais que são sempre ligadas direta ou indiretamente ao mundo externo e objetivo.

Mas o fato de todas as experiências serem naturais, não implica que todas elas sejam humanas. As experiências atravessam todas as intersecções do mundo - de ordem física, humana e biológica. No campo físico, as coisas inanimadas parecem indiferentes aos seus próprios efeitos físicos ou mecânicos. A combinação hidrogênio-oxigênio, em certa percentagem, opera, quimicamente, a transformação dos dois elementos em água. Nessa combinação, não se verificam movimentos deliberados por parte desses elementos para ficarem ou permanecerem nessa combinação. O grau de interação e permanência independe de quaisquer esforços dos elementos em pauta. Os organismos vivos atuam de modo diverso. Suas experiências incorporam algumas características adicionais. Há neles um esforço visando à homeostase, ou seja uma

<sup>1</sup> John Dewey. *Experience and Nature*. Chicago: Open Court Publishing Co., 1925, p.8.

adaptação e preservação de seu meio interno. Lutam pela sobrevivência, restauração, satisfação e estabilidade de sua estrutura orgânica.

Os seres humanos são ainda mais complexos, por viverem em ambiente tanto da natureza quanto da cultura. Embora a base do comportamento seja orgânica é esta, em larga medida, influenciada pelo ambiente cultural. Com efeito, é a passagem do orgânico ao âmbito da cultura o que possibilita o comportamento intelectual.

A concepção naturalista da experiência professada por Dewey constitui uma rejeição de qualquer puro intelectualismo ou empiricismo. A razão, para ele, não tem nenhum poder *a priori* em separado ou independente da natureza. Nem as coisas possuem qualidades externas que sejam primárias ou secundárias, conforme lhe atribui o empirismo clássico. Até mesmo as qualidades chamadas, por George Santayana, de *terciárias*, como por exemplo, “belo” e “feio”, são essencialmente objetivas. A análise da concepção da experiência conduz a que lhe considere como um termo funcional e não um termo ontológico. Daí o dever-se entendê-lo de modo dinâmico, ou seja, em termos de ação e movimento, mas ação e movimento norteados por operações cognitivas. Embora as cognições humanas atribuam significação às experiências, essa atribuição é orgânica e real, como quaisquer outras que se encontrem na experiência.

Assim, as idéias de experiência e reflexão intelectual em Dewey afastam-se, consideravelmente, das conotações filosóficas tradicionais para se transformarem nas ferramentas básicas, responsáveis pela construção do novo edifício filosófico, segundo a imagem desenhada pelo pensamento de Dewey. Tais conceitos, diga-se preliminarmente, são instrumentos gerados pelo intelecto para a resolução de problemas práticos. Porque tais instrumentos são da maior importância para compreensão da filosofia de Dewey, é que o

seu entendimento reveste-se de uma crescente complexidade, e por isso demanda rigorosa análise de todos os fatores implícitos em sua estrutura conceitual. Implícita ou explicitamente, experiência e pensamento reflexivo estão inseridos na discussão de todos os temas e problemas que se inscrevem no universo filosófico desse pensador. Para aqueles que anseiam penetrar na densidade e, até mesmo, nos aspectos mais obscuros de sua teoria, estes dois conceitos são como faróis sinalizadores dos pontos focais, decisivos, à compreensão de seu sistema de pensamento. Embora esses dois conceitos guardem entre si relações e integrações bastante significativas (aliás, não há na filosofia de Dewey dualismos ou descontinuidades que estratifiquem conceitos, promovam cisões entre sujeito x objeto, separem homem x natureza. A filosofia Deweyana é um tipo de pan-naturalismo, análogo sob muitos aspectos, ao pan-logicismo hegeliano). Experiência e pensamento reflexivo serão, para efeito de uma melhor compreensão, aqui analisadas separadamente, embora não haja, na filosofia Deweyana, nenhuma instância divisória para cognição como alguma coisa fixa, contrastando com as contingências do mundo exterior. Ordem e recorrência, prazer e desprazer, são traços da experiência que, para Dewey, pertencem à natureza. E o conhecimento humano, desde suas estruturas mais incipientes até suas formas mais críticas e sofisticadas, é uma contínua tentativa em direção ao rompimento das hostilidades da natureza, tornando as experiências humanas mais estáveis e mais seguras.

Dewey distingue dois níveis de experiências humanas: a experiência *primária* e a experiência *reflexiva*. A primeira é o resultado de acontecimentos incidentais, com resíduos mínimos de pensamento. Muitas ocorrências e rotinas da vida cotidiana, se incluem nesta categoria. Embora pertinentes, elas não envolvem pensamento, são ricas em afeições e volições. O segundo nível de

experiência resulta de um exame cuidadoso das operações, das forças encontradas numa determinada situação. Essas forças refreiam seus atos impulsivos e tentam manter o mínimo de risco possível. Elas são experiências refletidas, mas a reflexão encontra respaldo existencial nas experiências primárias das quais derivam. A reflexão vem à superfície em virtude dos elementos de dúvida e conflito que criam situações problemáticas e sugerem a urgência de uma melhor organização. Assim, a reflexão é tanto um produto como um instrumento para a resolução dos distúrbios e das ambigüidades da experiência.

A teoria de Dewey, nessas circunstâncias, difere das outras por tratar o processo de pensar na sua relação com a experiência. Eles são interdependentes. Não há nenhum abismo entre conceber e perceber a experiência. A distinção entre elas pode ser considerada com base e dentro da totalidade do processo de investigação. Esse processo tem sua origem nos dados dos sentidos.

*From the experimental point of view, the art of knowing demands skills in selecting appropriate sense data on one side and connecting principles or conceptual theories, on the other. It requires a developed and constantly progressive technique to settle upon both observational data and the ideas that assist inquiry in reaching a conclusion in a particular case.<sup>2</sup>*

Esta conexão entre o racional e o sensível, o intelectual e o funcional é uma característica distintiva da teoria lógica de Dewey. Concepções não são formas preexistentes que moldem os dados dos sentidos (como por exemplo, em Kant), mas o "dado" ele próprio é

<sup>2</sup> John Dewey. *The quest for Certainty: A Study of the Relation of Knowledge and Action* (New York: Minton Balk and Company, 1939), p. 172.

um estágio ainda não desenvolvido da cognição. Uma nuvem, por exemplo, motiva a imaginação poética, como quando Shakespeare estabelece comparações entre nuvens e formas de animais; contudo, para o meteorologista, a cor da nuvem pode sugerir que vai chover e que, portanto, um guarda-chuva é aconselhável. A inferência de uma coisa a outra, não deriva da mente para o mundo. Pensar não é o resultado de uma “combustão espontânea”, mas experiências reais, uma vez percebidas, provocam e ocasionam pensamentos. Quanto mais complexa for a experiência, mais ricas e procriadoras são as sugestões. A correlação funcional entre percepção e concepção no âmbito da experiência é assim explicada por Dewey:

*In logical fact perceptual and conceptual materials are instituted in functional correlativity with each other, in such a manner that the former locates and describes the problem while the latter represents a possible method of solution. Both are determinations in and by inquiry of the original problematic situation whose pervasive quality controls their institution and their contents. Both are finally checked by their capacity to work together to introduce a resolved unified situation.*<sup>3</sup>

*Pensamento reflexivo* – A citação acima ilustra a contínua tentativa de Dewey de explicar a indissolúvel relação entre lógica e ação, pensamento e comportamento. Pensar acontece no contexto existencial e é caracterizado como uma resposta a condições externas, impostas pela situação. A resposta pode variar em duração e propósito: ela pode ser uma reação externa, imposta às condições do meio ambiente, provocado por um impulso cego, visando a uma satisfação imediata; ou pode ser uma resposta indireta cujo objetivo é

<sup>3</sup> John Dewey. *Logic Theory of Inquiry*. New York: Henry Holt and Company, 1938, p. 111.

– através do controle inteligente da situação – identificar seus constituintes e antecipar maneiras de agir.

Esta última forma de pensamento é o que Dewey chama pensamento reflexivo. Essa expressão “pensamento reflexivo” que é constantemente usada por Dewey, tem alguns equivalentes linguísticos, tais como *lógica, reflexão lógica, investigação lógica* ou *reflexiva, pensar, pensamento*, etc. O que substancialmente caracteriza o significado dessa concepção é o seu caráter dinâmico, como um processo natural. Conhecimento, para Dewey, é o resultado de um processo de inquirição ou de pensar reflexionante. O processo, ele próprio, é o que Dewey chama de lógica. Por conseguinte, lógica é o processo de pensar reflexionante, enquanto conhecimento é o seu resultado ou produto.

Através de uma breve análise da evolução do pensamento até atingir-se o estágio do pensamento reflexivo. Como um dos temas deste ensaio, o estudo conduz a algumas considerações a seguir enunciadas.

Teorias lógicas tradicionais lidam com o pensamento através de formas abstratas. A autoconsistência entre premissas é sua principal preocupação. Enquanto pensamento formal, a lógica é insensível à mudança. Ela é substantiva, final e definitiva. Difere, portanto, das formas de pensamento aqui apresentadas, as quais dirigem-se à experiência em seu caráter processual e contextual, enquanto guarda uma estreita relação com as coisas, elas mesmas. De acordo com Dewey, o pensamento formal, tem seu valor apenas como pensamento real, consiste em sua natureza como um processo. A aquisição do conhecimento é uma matéria de pensamento processual; mas quando o problema é testar o valor de uma experiência de pensamento, faz-se necessário reverter às formas ou produtos lógicos. Dewey clarifica analogicamente esta distinção quando afirma:

*Consider, as an analogy, the relation that a map sustains to the explorations and surveys of which it is an outcome. The latter correspond to processes. The map is the product. After it is constructed, it can be used without any reference to the journeys and expeditions of which it is the fruit, although it would not exist if it had not been for them.<sup>4</sup>*

Desta maneira, lógica, no sentido Deweyniano, inclui tanto o processo como o produto, e assim difere das concepções tradicionais. Donald Piatt<sup>5</sup> observou que Dewey difere da maioria dos filósofos mais do que eles diferem entre eles próprios, pelo fato dele ter desafiado as premissas dualísticas comuns àqueles pensadores. Além do mais, sua concepção de continuidade, articulando num todo unitário, formas não-orgânicas e orgânicas de interação, faz de sua lógica uma teoria genuína. Os objetos das teorias lógicas precedentes são puras possibilidades ou puras estruturas racionais, ou ainda, as últimas relações que ordenam a natureza. Em contrapartida, Dewey opta por condições hipotéticas como um substituto, à rigidez estrutural da lógica clássica. Tais condições atuam como processos inferenciais, como indicações de posições a ser desenvolvida. Elas são, portanto, dinâmicas e funcionais. Como hipótese, a matéria da lógica deve ser a “vera causa”, isto é, deve ter um certo nível de verificabilidade existencial; ademais, a lógica hipotética deve ordenar e dar conta dos objetos na sua manifestação imediata. Finalmente, ela deve explicar casos negativos e excepcionalidades, que nasçam ou brotem de teorias opostas. Portanto, para Dewey, a lógica se desenvolve dentro das operações da investigação. Ela é concernente com a forma de controle ordenado para atingir aquilo a

<sup>4</sup> John Dewey. *How We Think*. Chicago: Henry Regnary Co., 1933, p.73.

<sup>5</sup> Donald A. Piatt “Dewey’s Logical Theory”, in *The Philosophy of John Dewey*, ed. By Paul Schilpp (Chicago: Northwestern University Press, 1938).

que ele chama asserção (*Warranted Assertion*). Dewey assim classifica as implicações de sua teoria lógica:

*This conception implies much more than that logical forms are disclosed or come to light when we reflect upon processes of inquiry that are in use. Of course it means that, but it also means that the forms originate in operations of inquiry. To employ a convenient expression it means that while inquiry into inquiry is the causa cognoscendi of logical forms, primary inquiry is itself causa essendi of the forms which inquiry into inquiry discloses.<sup>6</sup>*

A lógica de Dewey é “metodológica” no sentido de que é um método experimental de ciência. Sob esse aspecto ela é diferente dos tratados formais de lógica, os quais concernem, principalmente a criteriologia, como os neo-escolásticos costumavam usá-la. Racionalidade, para Dewey expressa conexões que articulam meios e conseqüências. Os critérios lógicos são criados e criticados no curso e no próprio interior do processo investigatório, ou seja, dentro de um processo de investigação empírica, mas o princípio empírico, ele mesmo, também tem raízes racionais, as quais transformam as ações humanas em símbolos significantes, tornando o comportamento social possível. Para Dewey, como para George Mead, a consciência humana é o resultado da comunicação e não o contrário. A linguagem é comunicação entre o natural e o cultural, o que dá à inteligência o caráter social do comportamento humano. Como Dewey ressalta, a importância da linguagem reside no fato de que:

<sup>6</sup> John Dewey. *Logic: Theory of Inquiry*, p. 18.

*... on one side it is strictly biological mode of behavior, emerging in natural continuity from earlier organic activities, while on the other hand, it compels one individual to take the standpoint of other individuals and to see and inquire from a standpoint that is more strictly personal but is common to them as participants as 'parties' in a conjoint undertaking.<sup>7</sup>*

Segundo, todo pensamento encontra seus fundamentos no senso comum. Não há um abismo entre senso comum e investigação científica. Ambos crescem a partir das bases naturais, e enquanto o senso comum é diretamente relacionado aos usos práticos, ao caráter agradável, o pensamento científico reage sobre eles de um modo que "refina" enormemente, expande-se e libera conteúdos e os agencia, pondo-os à disposição do senso comum.

*in a way that enormously refines, expands and liberates the contents and the agencies at the disposal of the common sense<sup>8</sup>.*

Mas, uma vez que o conteúdo científico é entendido com base em suas próprias condições gerativas, não mais pode ser posto como separado do senso comum. Suas raízes deitam-se ali, enquanto seus refinamentos metodológicos e sistemáticos, operam naquelas raízes. Nessas circunstâncias as operações metodológicas aplicam-se aos diferentes estágios da evolução da cultura humana, não havendo, entre eles, nenhuma descontinuidade. Como assinala Dewey.

*The more the meaning of the experimental method is perceiving the more our trying out of certain ways of treating the material resources and obstacles which*

<sup>7</sup> Ibid. p. 46

<sup>8</sup> Ibid. p. 66

*confront us embodies a prior use of intelligence. What we call magic was with respect to many things the experimental method of the savage;<sup>9</sup>*

A discussão acima analisou o pensamento como relação ou, em outras palavras, como uma interação. O pensamento é afetado pelas coisas do mundo e, em contrapartida, tais coisas, também, são afetadas pelo pensamento. Assim, não há lugar para distinções radicais entre os elementos subjetivos e objetivos nas situações reais. Os conteúdos do pensamento são partes de um mesmo contexto, dentro do qual o conhecimento é possível. Ademais, pensar supõe um liame entre as coisas que estão presentes e as coisas que são sugeridas, de sorte que a garantia contida numa sugestão depende da sua evidência, que há de encontrar seu fundamento nas coisas que estão presentes. Dewey descreve sistemática e especificamente o processo do pensamento em seus sucessivos estágios e desenvolvimentos, como se seguem: primeiro, o pensamento tem sua origem em alguma perplexidade. A mente inclina-se para alguma coisa que suscita dúvida, que é enigmático. Obscura e inexplicável, como a situação aparece à primeira vista, ela sugere uma resposta que deve ser imaginada. É importante observar aqui que o pensamento não começa espontaneamente. É provocado. Há alguma coisa (um problema) que o produz; segundo é necessário alocar ou delinear as dificuldades responsáveis pela obscuridade e perplexidade da situação; portanto, a observação das condições que circundam o problema é requerida; terceiro, os fatos presentes nessas aludidas condições são então examinados; hipóteses são sugeridas e elaboradas, como tentativas de

<sup>9</sup> John Dewey. Democracy and Education in the World Today. Society of Ethical Culture, Felix Adler Lecture, 1938, p. 394.

respostas para o problema. Nesta altura, a procura por mais fatos é necessária e a observação implementada. O quarto estágio é aquele a que Dewey chama o raciocínio no sentido estrito. Ele implica um exame crítico dos fatos e sua interpretação. Aqui, a mente trabalha em cima das sugestões iniciais, cuidadosamente e bem focalizadas até que uma nova e bem elaborada sugestão resulte em uma nova idéia que irá ser diferente daquela com a qual a mente iniciou o seu trabalho.

*Reasoning has the same effect upon a suggested solution that more intimate and extensive observation has upon the original trouble. Acceptance of a suggestion in its first form is prevented by looking into it more thoroughly. Conjectures that seem more plausible at first sight are often found unfit or even absurd when their full consequences are traced out. Even when reasoning out the bearings of a supposition does not lead to its rejection, it develops the idea into a form in which it is more opposite to the problem.*<sup>10</sup>

Uma idéia, por conseguinte, deverá ser desenvolvida em termos de uma “constelação de significados” implicando uma ordem a ser encontrada fora das modificações necessárias as quais são requeridas pela sugestão originária. O quinto estágio do pensamento é a verificação experimental da idéia conjecturada.

Conclusões as quais nascem no curso de uma investigação irão, por conseguinte, ser testadas vis-a-vis à realidade. A relação de meios e conseqüências, hipoteticamente traçadas serão agora submetidas à corte das condições atuais. Neste último estágio, o caráter operacional da investigação é praticamente reconhecido num

<sup>10</sup> John Dewey. *How We Think*, p. 112.

grau em que os fatos e idéias são conectados com o experimento. O sucesso do experimento irá, naturalmente, depender do caráter da situação problemática e da maneira como a investigação será desenvolvida. A investigação conclui com o que é ou não é uma solução para a situação problemática. Visto assim, o problema se apresenta como um desafio ao intelecto. Se a conclusão não é satisfatória, a investigação deve re-arranjar suas etapas ou começar novamente. Quando uma solução satisfatória é alcançada isto não significa que a resposta esteja definitivamente estabelecida. Dewey usa a expressão asserção garantida (*Warranted assertion*) para indicar que não há nenhuma verdade subsistente ou absoluta, mas qualquer conhecimento é um resultado provisional de uma investigação e não o seu término.

Dois aspectos relacionados com estas considerações ainda merecem explicações: primeiro, a divisão acima do processo de pensamento em cinco etapas, não implica uma rígida sucessão de momentos compartimentalizados. Essa divisão tem propósitos meramente descritivos. Na realidade, o pensamento é unitário e esses estágios mesclam-se completamente, formando uma totalidade. Segundo, o pensamento opera em duas direções: indutivamente, a partir de fatos isolados a generalizações; ou dedutivamente, usando significados gerais para testar e confirmar a habilidade de integrar fatos isolados numa experiência unificada. Mas em cada caso, essas direções não são independentes e rígidas, mas se entrelaçam em seus diferentes processos.

A ilustração que se segue ajudará a tornar mais explícito a inter-relação desses dois aspectos do processo do pensamento.

Num dia quente, um homem está trabalhando numa sala de ar condicionado. De súbito, o condicionador de ar pára. Imediatamente, ele chega à conclusão de que o motor do equipamento queimou, uma vez que, há uma semana, ele havia sido

reparado. Fatos anteriores facultam essa inferência ou uma possível explicação para o evento. Nesse meio termo, entretanto, ele verifica que a luz também está apagada. O rádio, que estava tocando, também parou. Tais fatos adicionais o levam a outras conclusões capazes de explicar a falta de energia. Provavelmente um fusível queimado, pensa ele agora. Não seria a razão de todos esses fenômenos um colapso geral da usina geradora de força? Várias vezes tenta comunicar-se com a central telefônica mas esta, sobrecarregada, não atende a seu chamado. Ele está confuso. Hipóteses conflitivas forçam-no a suspender julgamentos e a postergar uma conclusão definitiva. Até esse ponto, a sua mente trabalhou de modo indutivo, em busca de dados observados e oferecendo a partir deles certas sugestões. O processo inverte-se agora. O homem decide a averiguar o estado dos fusíveis e verifica que nada de errado há com eles, descartando, assim, a hipótese de um fusível haver queimado. Aproxima-se então da janela e verifica que não há luzes na vizinhança. Não pode, contudo, confiar nessa observação pois ainda é cedo demais para que se acendam as luzes. Por fim decide novamente telefonar para a companhia distribuidora de força e é desta vez, informado de que efetivamente houve uma suspensão temporária de energia, corroborando assim a última hipótese.

A ilustração, de extrema simplicidade, demonstra não haver uma ordenação rígida no processo do pensamento reflexivo; e que indução e dedução podem intercambiar-se em meio às sugestões e conclusões. Mas desta ilustração surge também um novo e importante aspecto: o processo do pensamento reflexivo não é incompatível com as experiências do cotidiano. Tais experiências são tratadas dentro de um sistema lingüístico comum, do qual compartilham todos os indivíduos pertencentes àquela comunidade cultural, ao passo que na investigação científica exerce-se um maior

grau de sistematização, precisão e controle das condições envolvidas no processo. Além disso, o sistema de símbolos dotados de um puro sentido relacional, libera e amplia os usos e o desfrute imediato oferecido pelo senso comum. Cito Dewey:

*In science, since meanings are determined on the ground of their relation as meanings to one another, relations become the objects of inquiry and qualities are relegated to a secondary status, playing a part only as far as they assist in institution of relations. They are subordinate because they have an instrumental office, instead of being themselves, as in prescientific common sense the matters of final importance.*<sup>11</sup>

Dewey distingue o pensamento lógico de outras operações mentais denominadas erroneamente de pensamento. Em primeiro lugar, *lembrar* não é pensar. Os devaneios, lembranças que surgem, aleatoriamente, podem ser sequenciadas e prazerosas, mas não são pensamento. Não têm propósito definido nem qualquer problema a resolver, nem necessitam de sistematização nas seqüências dos acontecimentos rememorados. Em segundo lugar, a imaginação tampouco é pensamento, as imaginações são vãos de nossa fantasia. Podem constituir uma idealização da realidade: “Ah se eu fosse diretor desta companhia!”, “se eu fosse milionário compraria esta casa”; inversamente, podem ser de caráter estritamente criativo: a poesia ou as histórias feitas por crianças, ou certos contos de viés romântico, são exemplos de tais tipos de operações da imaginação. A imaginação pode possuir um alto nível de coerência interna. Todavia, isto não basta para caracterizar o pensamento. Para Dewey, o pensamento deve estender-se para além desses limites e considerar

<sup>11</sup> John Dewey. *Logic: Theory of Inquiry*, p. 116.

as coisas em termos de suas conseqüências práticas. Por fim, as crenças não constituem tampouco pensamento, embora comumente tender-se-á a confundi-las com o pensamento. Dewey, à semelhança de Peirce, tinha uma interpretação particular das crenças. Para os dois autores, a vida está repleta de verdadeiros embates visando pôr fim a dúvida e alcançar a crença. É fundamental, contudo caracterizar o que vem a ser genuína crença. E o elemento que caracteriza uma crença genuína é a sua capacidade de ser posta em prática, ou seja, o modo em que se pode transformá-la numa conclusão a ser verificada. A crença de Colombo na esfericidade da terra era uma crença genuína, uma vez que ele a podia pôr à prova e verificar sua exatidão. As crenças são de extrema utilidade para a comunidade científica, mas não para o comum dos homens, pois esses tendem a confiar em demasia na tradição e na força da autoridade.

Pode-se, em suma, caracterizar o pensamento reflexivo como uma operação de intelectualização da experiência, sem princípios *a priori* e formulada criticamente ao longo do desenrolar da própria investigação. Os dados observados durante o processo servem tanto para questionar quanto para complementar o conhecimento já adquirido. Portanto, o pensamento reflexivo controla e, ao mesmo tempo, é controlado, pelas condições em que o se processa. Nos termos de Dewey o pensamento é:

*... that operation in which present facts suggest other facts (or truths) in such a way as to induce belief in what is suggested on the ground of real relation in the things themselves, a relations between what suggests and what is suggested.*<sup>12</sup>

<sup>12</sup> John Dewey. *How We Think*, p. 12.

À luz das considerações sumariamente aduzidas neste breve ensaio, o que se pretendeu foi esboçar um sintético desenho da lógica metodológica de Dewey, apoiado em seus conceitos de experiência e pensamento reflexivo. Consciente da complexidade do tema, mas dentro dos limites que a natureza do trabalho impõe, poder-se-ia à guisa de conclusões chegar às seguintes premissas: a lógica Deweyana representa uma superação das correntes filosóficas do racionalismo e do empirismo. Como em Kant, o conhecimento humano é produto de uma síntese dos elementos racionais e dos elementos sensíveis. Todavia, diferentemente de Kant, a concepção de Dewey não separa o sujeito do objeto. Antes, os integra num todo, numa interação indissociável em que, causas e conseqüências, estão entrelaçadas, sem qualquer dualismo. Pensamento é ato orgânico integrado às demais funções do próprio organismo. Por isso pensar não é simplesmente uma atividade categorial, mas intelectual e psicossomaticamente dinâmica.

Neste sentido, a filosofia de Dewey é realista. Não um realismo clássico, ao modo dos gregos, mas um funcionalismo cuja origem reside no próprio meio ambiente (natureza) do qual o sujeito é parte integrante. Em conseqüência, a lógica Deweyana não se funda em categorias *a priori*, mas é uma lógica de mediação, uma lógica criativa, na medida em que se destina à solução de problemas suscitados em cada situação conflituosa. Portanto, é uma lógica da criatividade. É quase como se fora uma arte, a arte de integrar conteúdos, com vistas a dar respostas aos desafios que, a cada instante, o meio ambiente nos impõe.

Também não se alegue, como o fazem alguns, que esta concepção discrimine culturas nos diferentes estágios de seu processo civilizatório. Ficou demonstrado que a atitude inteligente, em suas formas superiores, é inerente à natureza do homem, manifestando-se evolutivamente em consonância com seu ambiente,

suas crenças, seus valores, enfim, com a sua cultura. A idéia manifestada por alguns teóricos da literatura, e até mesmo poetas, de que a poesia – por exemplo – é uma arte própria da juventude, não encontra apoio na *práxis* poética de grandes autores como Goethe e tantos outros cujas obras foram se tornando mais densas, mais fortes, à medida em que seus autores iam se tornando mais velhos, mais experientes, sempre apoiados no pensamento reflexivo. A lenda do *Faust*, antes de Goethe, foi tratada por dezenas de autores, alguns com surpreendente engenho, como é o caso do poeta inglês Marlowe, no século XVII, ou o alemão Lessing, no século XVIII. Esses poetas eram todos jovens, dotados de imaginação e espantosa fantasia, qualidades humanas que se confundem com pensamento, segundo John Dewey. Goethe, iniciou o *Doctor Faust*, demonstrando nos esboços iniciais a mais alta imaginação e fantasia que se pode observar na juventude. Todavia, não se deu por satisfeito. Em seus arquivos, foram encontrados vários esboços do drama, em diferentes idades do poeta, todos mostrando uma evolução contínua, a cada nova versão encontrada. Finalmente, depois de trabalhar 60 anos no poema, já aos 83 anos e faltando dois meses para sua morte, o concluiu. O que a análise dessa obra nos mostra é o crescimento da beleza do poema, à medida que Goethe nele trabalhava, enquanto envelhecia. Os originais revelavam, nas diferentes fases de composição da obra, um enriquecimento daquelas qualidades atribuídas à juventude, mas, unidas, agora, a uma força não observada antes: o pensamento reflexivo, que nos grandes poetas, é, também, poesia e beleza. Concluído o poema, Goethe declarou aos amigos haver colocado nele não só a experiência de seus 80 anos de vida, mas o universo inteiro. “*O eterno feminino nos leva para o alto*”, é um dos últimos versos escritos, verso em que ele considerava estarem presentes, graças a reflexão, todas as energias criativas da juventude associadas a anos de experiência acumulada numa vida longa. O próprio Dewey escreveu o seu famoso trabalho “*Knowing*

*and Known*”. O Conhecimento e o Conhecido aos 92 anos, obra ambiciosa que esboçou uma verdadeira síntese de toda sua produção intelectual anterior. É o componente reflexivo que parece dar às obras da velhice, uma garantia de eternidade. São preguiçosos ou de fôlego curto – talvez influenciados por idéias próprias do romantismo – os que consideram a poesia uma arte própria da juventude, tal como ocorre, por exemplo, em certos tipos de esporte. Se a vida intelectual se confundisse com a vida esportiva, em que as forças físicas, próprias da juventude, são as mais solicitadas, seríamos levados a acreditar que o poeta não utilizaria aquelas forças pelas quais sempre foi reconhecido o seu valor: intuição, pensamento, sentimentos e aptidão para representar, através de palavras, as imagens presentes no espírito, mas as mesmas que se exigiriam de um tenista ou jogador de futebol. Contudo, nas ações espirituais em que se envolve o poeta, as energias físicas são as menos solicitadas. O que leva o homem a realizar grandes obras na poesia, na música, nas artes plásticas são as forças da mente, do intelecto, da fantasia, como a conceituavam os gregos, ou a imaginação, na visão dos latinos. Se dependesse de forças físicas, como poderiam escrever suas obras imortais homens tão enfermos os Dostoiéwski, Proust, Kafka e até o próprio Goethe, que apesar de uma vida tão longa sempre se queixou de má saúde? Não se pode confundir, como foi dito, atividades criativas das estrelas dos esportes com as ações do poeta, do compositor, do artista plástico. Um encerra, compulsoriamente, sua carreira, o outro, não. Um homem de 80 anos pode escrever um poema tão bom ou melhor do que o *Bateau ivre*, mas jamais disputaria com Ayrton Senna uma corrida de F-1, no autódromo de Monza. Na vida intelectual, os exemplos devem ser de outra natureza. Quando o homem é saudável, ao envelhecer, fantasia e imaginação associam-se ao *pensamento reflexivo*, fazendo com que tanto na poesia como em toda e qualquer atividade intelectual torne-se enriquecido pela experiência e por um

humanismo concreto, pleno de sabedoria. Metaforicamente, aqui, poder-se-ia usar o aforismo do grande filósofo e pensador alemão Hegel, segundo o qual “A Ave de Minerva só alça vôo no crepúsculo.”

Quem poria em dúvida John Dewey, quando diz:

*The work of art is thus a challenge to the performance of a like act of evocation and organization, through imagination, on the part of the one who experiences it. It is not just a stimulus to and means of a an overt course of action. This fact constitutes the uniqueness of esthetic experience, and this uniqueness is in turn a challenge to thought. It is a particularly a challenge to that systematic thought called philosophy. For esthetic experience is experience in its integrity. Had not the term “pure” been so often abused in philosophic literature, had it not been so often employed to suggest that there is something alloyed, impure, in the very nature of experience and to denote something beyond experience, we might say that esthetic experience is pure experience.*<sup>13</sup>

Como vimos, ao fazer um paralelo entre a atividade artística e a lógica científica, Dewey destaca o papel integrador do conhecimento no qual inteligência, imaginação, fantasia e a própria razão, com todas suas potencialidades, constituem, efetivamente, uma arte. Concluindo estas breves reflexões – mais fragmentárias do que específicas e sistemáticas – diremos que os conceitos Deweyanos de experiência e pensamento reflexivo asseguram “visibilidade” a um processo que afeta tanto o homem comum quanto o poeta, o

<sup>13</sup> John Dewey. *Art as experience*. Capricorn Books. New York, p. 274, 1958.

cientista e o filósofo. Esse processo que afeta tanto o homem comum quanto o poeta, o cientista e o filósofo, reproduz-se na própria evolução de todo o gênero humano. Em síntese, a metodologia e a lógica Deweyana não são feitas para atender apenas determinados estágios do desenvolvimento científico e tecnológico de algumas culturas. Mas uma proposta que serve, evolutiva e universalmente, ao ser humano, em qualquer fase de seu desenvolvimento histórico.

Alguns temas e motivos de Thomas Mann  
(De Tônio Kroeger ao Doktor Faustus)

César Leal

A crítica moderna encontra na obra literária de Thomas Mann um dos campos mais férteis para a verificação de seus parâmetros, a eficácia de seus processos e experimentação contínua da escala de valores teóricos. Thomas Mann situa-se hoje como um ponto limite: a grande coluna de nosso tempo em cuja extremidade oposta se encontra Homero. Entre esses dois pilares se estende como uma ponte - para falar em termos metafóricos - a literatura do Ocidente. Isso não significa que Thomas Mann seja superior a Virgílio, Dante, Camões, Shakespeare ou Goethe. Uma ponte não se faz, apenas, com duas grandes colunas assim como uma literatura verdadeiramente forte não se faz, apenas, com dois grandes escritores. Em particular, quando se trata não de uma literatura nacional mas da literatura universal, cujos gigantes como Dostoiévski, Cervantes, Balzac, Proust ou Joyce, não pertencem à história particular de uma nação, mas de toda a humanidade.

Thomas Mann, sendo um escritor situado dentro de uma perspectiva temporal muito próxima da nossa, ainda não foi devidamente estudado em toda rica variedade dos motivos, temas e valores que sua arte apresenta. Certamente que ele tem sido investigado, mas o mundo de um grande romancista não é menos complexo do que o mundo empírico, com personagens que têm uma determinada duração, um ambiente constantemente mutável, uma ética e uma estética, um sistema de valores, uma simbologia particular, tudo rigorosamente unido entre si por meio de uma

estrutura lógica, uma organização que somente a arte, como criadora de uma realidade superior, pode assegurar.

O tema central da obra de Thomas Mann é a oposição entre a arte moderna e a sociedade burguesa. Essa engenhosa tese, discutível mas eficaz criticamente, é defendida por Lukács. Ao contrário de Baudelaire que indaga como pode a arte sobreviver em uma época de contínua “decadência do espírito e progressivo domínio da matéria”, Thomas Mann, de forma um tanto autobiográfica, narra, com enorme riqueza de pormenores, a tragédia do artista moderno, desde a malograda tentativa de conservar a “sociabilidade da arte” como se apresenta no *Tônio Kroeger* e na *Morte em Veneza*, até o refúgio de Adrian Leverkühn na solidão de seu castelo interior, onde o Demônio lhe oferece a glória em troca de sua alma. Essa tragédia do artista moderno - ou melhor, da arte moderna - como a definiu Lukács, mantém Thomas Mann ocupado durante mais de meio século. Mas, não há dúvida, de que o *Doktor Faustus* - demonstra-o a epígrafe de Dante com seu apelo às musas e à memória - constitui o ponto nuclear de toda sua obra. A análise de tal situação será feita na parte final deste ensaio.

*Tônio Kroeger e Morte em Veneza* Os materiais artísticos que motivam a atividade de Mann, como escritor, são o belo, o amor, a morte, o tempo, a enfermidade, as relações familiares, a música, a cozinha (compreendida em seu sentido antropológico como um bem da cultura), a arte como um dos instrumentos mais eficazes para expressar a vida e o seu sentido, a natureza e o mundo interior ou subjetivo de cada homem. O amor, em Thomas Mann, como em Dante, tem uma significação muito vasta. Se o amor é a força que move o Sol e as estrelas, que dizer de seus efeitos sobre o coração humano? O Amor, nos romances de Thomas Mann, é, freqüentemente, confundido por certa crítica impregnada de idéias freudianas como algo diretamente vinculado à sexualidade. Esse

desvirtuamento se observa particularmente no cinema, onde tal sentimento adquire um caráter mesquinho, sofrendo uma redução cujas conseqüências resultam no enfraquecimento do símbolo em suas relações estruturais com o todo da obra. Por exemplo, logo no início do *Tônio Kroeger*, diz o narrador “que Tônio amava Hans Hansen. Por isso já muito sofrera porque o que mais ama é o dominado e por isso sofre. Tal era a dura lição que sua alma de quatorze anos já aprendera com a vida. Era do tipo espiritual que guardava bem essas experiências. Interiormente, anotava tudo, por assim dizer, tinha alegria ao apreendê-las mas não se deixava conduzir por elas, nem buscava, em tais experiências, aprender lições de sabedoria prática.” Logo após, Thomas Mann mostra que Tônio Kroeger, apesar de sofrer por ser o que mais ama, o seu amor não é apenas aquele amor humano, mas um amor que se estende ao mundo da natureza e da cultura: a “velha noqueira”, “o mar Báltico”, “seu violino, enfim, aquilo que pode constituir-se em matéria para elaboração de poemas. Revela-nos, com isso, que sem o Amor a arte dificilmente poderia existir. Tal concepção do amor pode ser muito antiga mas onde eu a encontrei expressa com maior vigor foi em Dante, cuja influência evidencia-se nas melhores obras de Thomas Mann. O último capítulo do *Tônio Kroeger* é uma carta do protagonista a uma amiga, a russa Lisaveta Ivanovna. Há nessa carta, afirmações sobre o amor que nos lembram alguns trechos da *Vita Nuova*: “Admiro os soberbos, aqueles que friamente marcham pelos caminhos das grandes e demônicas belezas e sem invejar os homens, os desprezam. Porque se uma coisa é capaz de fazer de um escritor poeta, então é este amor burguês que sinto pela humanidade, pela vida e coisas comuns. Todo o afeto, todo o humor vem dele, e quer-me parecer que seja aquele amor do qual foi escrito que alguém poderia falar com voz angelical e, sem ele, nada mais ser do que um bronze soante, um signo sonoro”. Se no *Tônio Kroeger* o motivo central é o amor em suas relações com a arte, e a luta do

herói resulta de uma tensão bipolar motivada por sua vacilação entre os encantos da sociedade burguesa e a criatividade artística, que afinal triunfa, na *Morte em Veneza*, o amor se desloca para o sentido do belo na arte. Claro que a *Morte em Veneza* é uma obra complexa. Não comporta, portanto, apenas uma, duas ou três interpretações. Como criação estruturada em camadas simbólicas extremamente densas, seus níveis de significado são múltiplos, embora não se possa colocar de lado suas relações com o *Tônio Kroeger*. Segundo creio, o tema central da *Morte em Veneza* é a busca inútil do belo, no sentido grego da palavra, embora Thomas Mann haja conseguido, ele próprio, alcançar nessa obra tal objetivo. O motivo mais constante é a morte, mas quem morre não é o homem e sim o anelo, a esperança de um escritor que, mesmo sendo bem dotado, reconhece a impossibilidade de atingir na sociedade industrial e tecnológica aquela beleza ideal que somente os gregos - em alguns casos - atingiram em toda a plenitude.

Não é difícil descobrir que a transição do *Tônio Kroeger* para *Gustav von Aschenbach* não se faz sem um choque. Enquanto *Tônio Kroeger* termina jovem, relativamente bem sucedido, vigoroso tanto no corpo quanto na mente, *Aschenbach*, ao contrário, se apresenta, logo de início, como portador de uma tensão nostálgica da própria glória juvenil, deprimido, com o coração denotando os primeiros sinais de algo que o conduz a idéias hipocondríacas. E, se procura dar um passeio após o chá, simbolicamente, avista o Sol no poente, observando de súbito que caminha ao crepúsculo, junto a um cemitério, - o cemitério de Munique - onde lê na fachada da capela bizantina legendas como estas: "Eles entram na morada do Senhor"; "A luz eterna os ilumine". Tudo isso pode ser observado logo nas primeiras trinta linhas da novela. Mas, a figura da *Morte* é contemplada em pessoa pelo próprio *Aschenbach*. Surge na forma de

um homem imprevisível como as imagens do sonho, com uma aparência que nada tinha de comum.

Arrisco-me a uma paráfrase de algumas palavras do narrador sobre esse personagem sem nome. O homem não era alto nem baixo, delgado, sem pêlos na barba, nariz arrebitado; era ruivo e possuía a pele leitosa com sardas comuns a esses biótipos. Com certeza não era da Baviera, porque o chapéu de palha com aba larga e reta, parecendo um estrangeiro que fivesse vindo de muito longe, não autorizava tal suposição. Trazia a mochila usada no país, afivelada aos ombros, um terno justo na cintura, de cor amarelada, e uma capa de chuva dobrada no braço esquerdo que encostava na cintura. Tinha o pescoço magro deixando visível e muito saliente o pomo de Adão. Outra característica era fazer caretas para o sol poente, que ele não sabia se era em razão do ofuscamento pelo sol ou um defeito físico que tornava seus lábios curtos, deixando dentes e gengivas a descoberto.

Como se vê: *Aschenbach* observa o estranho nos mínimos detalhes. Este acaba por lançar-lhe um olhar tão feroz e agressivo que *Aschenbach* não se limitou a desviar a vista, mas a voltar-se em outra direção, procurando esquecer definitivamente o homem. Contudo, a impressão daquele estranho ficou como uma sombra, não nas retinas, mas no espírito e, ao mesmo tempo, um desejo compulsivo de fazer uma viagem, que recorda a ida de *Tônio Kroeger* à Dinamarca, só que desta vez o destino é a Itália.

A narrativa da viagem, desde sua partida de Pola até Veneza, é bem um testemunho do virtuosismo técnico-estilístico de *Thomas Mann*, não se podendo colocar em dúvida a intenção de alcançar a perfeição máxima na luta contra sua árdua matéria: a palavra. Acredito que nenhum livro de *Thomas Mann* concentra, em tão poucas páginas, a perícia artística que ele demonstra nessa curtíssima novela.

A presença no navio em que viajavam de um velho – um falso jovem – com o rosto pintado, sugere a decadência de tudo o que se encaminha rapidamente para a morte e Veneza, cujo poder político se perdera há séculos, vê na época do comercialismo burguês, o naufrágio de suas obras de arte nas “águas letais da cidade”, contaminada por sonâmbulos viajantes que povoam seus hotéis, seus restaurantes, suas praias, enquanto os seus tesouros artísticos vão sendo consumidos pela degeneração da mente moderna.

Aschenbach é o único a tomar consciência de tal situação. Ao chegar em Veneza, se livra do velho, bêbado e nojento, mas não menos horripilante, lhe pareceu o transporte que o levaria ao centro da cidade. “Quem não sentiria medo e opressão, ao entrar numa gôndola veneziana? O estranho barco, sem alterações no tempo - diz o narrador - é tão singularmente preto como entre todas as coisas só os são os ataúdes. Recorda caladas e criminosas aventuras em noites murmurantes, faz lembrar a própria morte, marcas de execuções sombrias e a última e silenciosa viagem”.

Ao tomar o barco, verificou que ele não estava dirigido para a cidade, mas para o mar aberto, para o cemitério de Veneza. Sua ordem é para que o gondoleiro se dirija para a estação das barcas. Mas o homem não lhe responde, o que o obriga a repetir a ordem voltando-se para o gondoleiro e fitando-o no rosto. Nesse momento, descobre que o homem tem as mesmas características físicas do que ele vira no cemitério de Munique. Também magro, descortês, chapéu de palha, nariz curto, ruivo, sardento, não parecia italiano assim como o de Munique não parecia bávaro. Também os dentes descobertos davam ao seu rosto a aparência de um crânio vazio. Talvez parecido com o de Yorick, que Hamlet segura numa das mãos, a conversar com os coveiros no cemitério de Helsingor, poucos instantes antes do sepultamento de Ofélia...

– O senhor vai para o Lido.

Observe-se aí, a técnica artística de Thomas Mann. Entre a ordem de Aschenbach e a resposta do gondoleiro, há um enorme trecho que deixa de ser descrição para tornar-se autêntica narrativa. O leitor desatento poderá até perder-se na leitura, pois seria capaz de julgar que o gondoleiro está fazendo uma interrogação, quando na realidade, o que ele faz é adivinhar o lugar para onde se destina Aschenbach. Não há dúvida que essa personagem é a mesma que ele vira em frente à capela bizantina do cemitério de Munique: ele está frente a frente com a Morte. Basta que se observe os caracteres e sinais que permitem o reconhecimento. Por exemplo: são comuns o nariz arrebitado, a magreza de ambos, a cor da pele, os lábios afastados dos dentes. No de Munique, os lábios curtos poderiam ser provocados pelas caretas que ele fazia diante do sol; no de Veneza, os dentes à mostra poderia ser o efeito do esforço que o homem fazia com os remos. Ambos estão com a cabeça coberta por um chapéu de palha. Quanto ao caráter, ou pelo menos à sua aparência, ambos eram agressivos e apesar de franzinos demonstravam uma força selvagem nos movimentos e atitudes. O primeiro não era bávaro, parecendo um estrangeiro vindo de “muito longe”; o segundo não parecia italiano e, ao chegar no Lido, ao procurá-lo o gondoleiro havia desaparecido. A ausência do gondoleiro, indica perda de “visibilidade” da Morte, levando Aschenbach a pressentir seu fim em Veneza.

Não há dúvida de que essa personagem foi introduzida por Thomas Mann como um recurso técnico-expressivo destinado a dar um caráter lúgubre ao motivo da morte. A personagem, nesse caso, seria a própria morte e o objetivo de Thomas Mann é criar a ambigüidade, frequente no estilo coleante de sua narrativa, a gerar crescentes dificuldades para uma interpretação literal da história de Gustav von Aschenbach. Ao desaparecer a motivação da morte,

Thomas Mann reintroduz o motivo do amor, com o aparecimento em cena do jovem Tadzio. Repete-se aqui o paralelismo Hans Hansen-Tônio Kroeger, Tadzio-Aschenbach. Assim como depois irá observar-se na *Montanha Mágica* o paralelismo no episódio Pribislav - Hans Castorp.

A beleza só pode ser revelada pelo amor, o amor é luz, é claridade, porque só a luz pode desviar a atenção do intelecto para os sentidos. Intelecto e memória, diante da claridade sobre um ser ou coisa bela, ficam em suspensão, porque a alma embriagada pela alegria fica presa no mais belo dos objetos tocados pelo sol; e só com o auxílio de um corpo ela consegue elevar-se para uma contemplação mais alta ainda. São palavras retiradas de um diálogo de Platão, que levam Thomas Mann a sentir que o “amante é mais divino do que o amado, porque no amante está Deus e no outro não”. É por isso que não concordo com os que falam em desestetizar as criações da grande arte. Aqui o estético é grande arte, e não esteticismo, como julgam alguns críticos não suficientemente informados sobre as ambições intelectuais desse grande poeta alemão. A estética transcendental - e falo em termos kantianos - é uma teoria da sensibilidade, acima da pura beleza.

Aplicando-se, por analogia, os termos técnicos de Aristóteles para definir o mito trágico, diríamos que Gustav von Aschenbach é um Tônio Kroeger “complexo”, numa analogia que se assemelha à de Georg Lukács, ao definir o Tasso de Goethe como um Werther “concentrado”<sup>1</sup>. O que se pode observar em ambas as novelas de Thomas Mann é a presença do conflito entre a sociedade industrial, burguesa, capitalista ou tecnológica de um lado e do outro a arte moderna. Contudo, o problema me parece mais complexo do que se apresenta nessa visão de Lukács. No caso, Aschenbach tanto pode

<sup>1</sup>. Essa definição do Tasso como um Werther concentrado foi do próprio Goethe, ao dizer que o “Tasso era um Werther subido de ponto”. Cf. Max Kock, *História de La Literatura Alemã*, V. II, Editorial Labor, Barcelona, 1927, p. 46. Tradução de Carlos Riba.

simbolizar a arte moderna como também a impossibilidade do artista moderno de captar a verdadeira beleza, por haver se divorciado das raízes da criação, como resultado de uma ordem imposta - contra a sua vontade - pela sociedade burguesa. Assim, Aschenbach, que é o mesmo que na juventude visita a Dinamarca com o nome de Tônio, - a Dinamarca que simboliza ainda a sociedade burguesa representada pelo seu pai - o consul Kroeger, numa época em que vacilava ainda entre os encantos que lhe oferece a vida social e a difícil tarefa do artista, acaba por decidir-se pela criação literária, tornando-se famoso por suas obras que tinham alcançado milhares de leitores. Mas, agora, ao sentir-se velho e doente, símbolos da dúvida sobre o valor do seu trabalho como escritor - busca encontrar a verdadeira beleza para expressá-la numa obra definitiva que o salve da morte. Daí sua viagem à Itália e a busca de Veneza, símbolo de uma arte magnífica já narrada antes por D'Annunzio. Pois os demais não podem ver essa beleza, já que a cidade está mergulhada nas brumas e emanações de uma peste: o turismo organizado pela moderna sociedade de consumo, inteiramente cega para a visão espiritual da beleza. Era natural que somente ele pudesse contemplar o belo de que é símbolo o jovem Tadzio. Por isso, ao perder a visibilidade de Tadzio, Aschenbach sente que a beleza que ele sonhara não pode ser mais captada pelo seu gênio, a certeza de que fora um escritor perfeito perante um público de filisteus está presente, mas também a consciência de que ele está sob o domínio da “peste” e jamais expressará o verdadeiramente belo. A morte aqui não é, portanto, a morte do homem, a morte do corpo de Aschenbach, mas a de sua alma, de seu espírito, uma espécie de Inferno de Dante. Sua morte ainda não é a morte de seu corpo: é a morte de seu espírito, a morte da alma, a pior das mortes.

*A Montanha Mágica* Quem lê um romance, assinalando cuidadosamente seus motivos centrais, esquece-se, quase sempre, de observar motivos diretos que podem passar despercebidos ao leitor mais exigente. Em Thomas Mann, especialmente na *Montanha*

*Mágica*, o tema central é o Tempo dentro de cujo fluir vão surgindo os elementos configuradores da decadência de uma época e das personagens que a vivem, nos anos que antecedem a primeira Grande Guerra Mundial. O local é o Sanatório Internacional de Berghof, situado em Davos Platz, no ponto onde a montanha mais se aproxima dos céus. Há um elemento comum a unificar essa comunidade de homens e mulheres para os quais o tempo medido pelo relógio se torna uma abstração. Esse elemento é a tuberculose. A personagem central é Hans Castorp, jovem engenheiro que sobe à montanha suíça, vindo da Alemanha, para visitar um primo enfermo: Joachim, oficial do Exército, “um modelo de força juvenil e como que talhado para o uniforme”. Após alguns dias em companhia do primo, Hans Castorp confessa que sua permanência vai ser longa: três semanas e, por isso, talvez Joachim regresse com ele, pois durante esse período Joachim poderá ter alcançado a cura. Joachim, espanta-se com a idéia do primo: “Regresso dentro de três semanas é uma idéia lá debaixo. Na verdade estou mais moreno. Mais isso resulta da reverberação da neve e não significa nada, conforme o Dr. Behrens sempre diz. Na última consulta geral, afirmou-me que tinha ainda de ficar por uns seis meses”.

– Seis meses? Estás louco – exclamou Hans Castorp. Enquanto subiam a montanha, com o veículo puxado por dois baio, em direção ao Sanatório, Hans Castorp sentia-se indignado desde que saíra da estação, ao ouvir o que sobre o tempo lhe dissera o primo. Agitando-se sobre o duro assento, indagou:

– Seis meses? Mas, já faz quase seis meses que te encontras aqui.

Não se pode dispor de tanto tempo...

– Oh! O Tempo! exclamou Joachim, e moveu várias vezes a cabeça para frente, sem preocupar-se com a indignação do primo –

Aqui se toma toda a liberdade com o tempo das pessoas. Não podem fazer idéia. Três meses são para elas um dia. Logo verás. Ficarás sabendo disso tudo. E acrescentou: – Aqui as opiniões se transformam.

Ora, quem já leu *A Montanha Mágica*, certamente está informado de que essa preocupação com o Tempo se apresenta de forma constante, não permitindo ao leitor deixá-la passar despercebida. Às vezes, o motivo se torna ligeiramente sutil e, a referência ao tempo pode não ser notada. E quando algumas das personagens, no decorrer de uma exposição oral, se referem ao Eterno, às coisas duradouras ou facilmente perecíveis. Ainda quando estão subindo a montanha, os dois primos conversam sobre a altura em que se encontra situado o luxuoso “hotel”. Verificam que o vale ao pé da montanha se alongava de forma sinuosa, cheio de edificações, principalmente na borda direita, onde as casas eram mais numerosas. Do lado esquerdo, se viam trilhas a subir através dos prados até se perderem na “negrura musgosa das selvas de coníferas”. Mas ao longe, apareciam outras montanhas em que se refletia uma tonalidade azul de pedra. Continuarei parafraseando o autor, em seu processo de citação.

A certa altura, Hans Castorp indaga pelos glaciares, as torres esbranquiçadas, os picos cobertos de gelo, “os gigantes da montanha”. E a tudo o primo enfermo via, lhe dando respostas. Diz-lhe, concordando com a intuição de Castorp, que tudo isso se encontra muito acima: “Podes ver quase que em toda parte o limite das árvores. Está marcado com uma limpidez surpreendente; já não há quase mais nada, nada mais que rochas, como podes perceber. Do outro lado, lá longe, à direita do Dente Negro, daquele pico que está encima, há um glacial autêntico, um glacial da Scaletta”. Essa conversação vai se tornar cada vez mais complexa e erudita à medida que Hans Castorp vai conhecendo outros habitantes do

estranho castelo de Berghof. Especialmente o jesuíta Naphta e o humanista Settembrini, um italiano extremamente culto e com quem Hans Castorp vai aprender muito, educar-se, seria melhor dizer, já que sua formação extremamente técnica (engenheiro naval) não lhe permite, no início de sua estada, quase nada entender sobre questões tratadas por Settembrini e Naphta em suas constantes discussões sobre todos os temas relacionados com o homem, a filosofia e a natureza das coisas.<sup>2</sup>

Ainda quando subiam a montanha, Joachim se refere ao glacial que lhe mostrara antes e, com ele, em outros pontos há picos que passam o ano todo mergulhados na neve. A essa altura, ressurgem a idéia do tempo, agora representado de forma sutil: “Sob a neve eterna” – diz Castorp, ao que lhe responde o primo: “Sim, eterna, se assim o queres. Tudo isso está bastante alto e mesmo nós nos achamos numa altitude espantosa. Hans Castorp, sentia que o seu coração batia mais ligeiro sob o efeito daqueles cinco mil pés de altura e ainda não haviam chegado ao Sanatório de Davos. A altitude ia sendo vencida mas o oxigênio escasseava.

Após atravessarem uma encosta ziguezagueante, avistam o portão principal do “Sanatório Internacional de Berghof”. São recebidos e Castorp se recolhe ao quarto número 34 que lhe fora reservado. É a partir dessa passagem, onde se nota que, além da preocupação com o tempo, há um outra, poucas vezes citadas pelos que estudam a obra de Thomas Mann: a sua paixão pela boa cozinha. As descrições sobre os alimentos servidos, os comentários que faz sobre os vinhos, tipos de queijos e até a propaganda que faz do fumo, dizendo que fumar se pratica entre todos os povos e nada melhor do que um bom charuto, saborear uma “Maria Mancini”,

<sup>2</sup> O leitor poderá observar que há em Thomas Mann, em especial nesse romance, certa semelhança com Goethe, em relação a técnica do “romance de formação”, tal como se apresenta no ciclo do Guilherme Meister. Apesar de ter sido um poeta de grande força, é difícil assegurar que Goethe é um escritor superior a Thomas Mann.

depois de uma copiosa refeição. Uma das preocupações de Thomas Mann é descrever o restaurante do Sanatório, o que faz com gosto e elegância. Diz que era claro e agradável. Revela como estava ele situado, parece-me que à direita do hall, em frente aos salões. Não era freqüentado por doentes graves. Apenas os que gozavam de uma situação física boa, ainda que as lesões fossem graves, e os hóspedes novos. Naturalmente que os visitantes sadios, ou até mesmo alguns pensionistas quando recebiam os parentes. No dia de sua chegada ao Berghof, ele entrou no restaurante acompanhado pelo primo. Escolheram a mesa próxima à janela. Ficaram sentados um em frente ao outro. O café da manhã se iniciou com uma garrafa de “Gruaud Larose”. Castorp pediu que fosse servida fresca. “A comida era excelente” – diz o narrador – e acrescenta: “Serviram caldo de aspargos, tomates recheados, assados, doces particularmente bem preparados, queijos variados e frutas. Hans Castorp comia muito, embora seu apetite fosse menos intenso do que lhe parecera. Tinha o costume de comer fartamente, mesmo quando não sentia fome, em consideração a si próprio”. Contudo, a leitura do romance vai mostrando o estado de espírito das personagens. Por exemplo, nessa primeira refeição, Joachim – o enfermo – “não fez muita honra a comida, desculpando-se do cansaço daquela cozinha”. Mas o costume de queixar-se da comida era geral, para quem se fixou aqui e já não tem em mente senão o que diz o verso famoso: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*. Mostrou-se alegre e bebeu o vinho com satisfação, dizendo que agora era agradável ter com quem dialogar sensatamente. A essa altura, a conversa entre os dois deriva novamente para o tempo, o seu passar lento ou apressado. Mas, agora, seria interessante revelar o prazer de Mann pelos temas relacionados com os alimentos. E Castorp recorda os tempos em que vivera com o tio, o cônsul Tenappel. O cônsul tinha um gosto especial pelas boas coisas da vida, suas roupas eram feitas com os melhores tecidos ingleses, os óculos com armação de ouro, “um

diamante resplandecente no dedo mínimo da mão direita”. Gostava da boa mesa tanto para o almoço quanto para o jantar: abundante serviço de entremesas, - afirma - caranguejos, salmão, enguia, peito de ganso e tomate *catsup* para o *roast-beef*, e quando havia convidados extras “eram acompanhados com olho vigilante”. Após dormir sua primeira noite no quarto 34, onde o primo lhe confessara haver morrido dois dias antes uma bela norte-americana, desceu com o primo ao restaurante para a refeição mais importante do dia, aquela que costumamos chamar o café da manhã. Havia de tudo sobre as mesas do bem cuidado restaurante: “potes de marmelada e de mel, bandejas de arroz com leite e flor de aveia, pratos de ovos mexidos, carne de fiambre. A manteiga figurava em abundância”. Há um momento em que Castorp observa quando alguém levanta uma campânula de vidro, segurando uma faca, corta um pedaço de um queijo suíço que espalhou o seu cheiro apetitoso e agradável pelo espaço inteiro do restaurante. Depois viu um fruteiro – ainda não havia notado – no centro da mesa, cheio de frutas frescas e secas. Uma empregada vestida de um branco imaculado indagou ao jovem Castorp o que ele desejava tomar: “chocolate, café ou chá”. Ele pediu chá, enquanto já devorava um prato de arroz com leite, temperado com canela e açúcar. Mas enquanto comia, já pensava nos outros pratos “e seus olhos vagavam em torno dos comensais das outras mesas”. Mas, como sempre ocorre nos romances de Mann, a doença e a música são temas comuns a todas as suas criações. No momento em que fazia sua refeição, ele olhou “os companheiros e colegas de Joachim, todos enfermos por dentro, comendo, conversavam”. Mas Thomas Mann não mostra apenas a variedade de alimentos que é servida. Também se refere ao ambiente, quase sempre requintado, o formato das lâmpadas elétricas e a riqueza dos móveis, a beleza das mulheres que se sentavam ao lado, os seus vestidos, suas jóias, a cor rosada das faces que a febre acentuava. É preciso não esquecer que por trás de tudo isso se encontra um grande simbolismo. E uma

revolução na técnica de narrar. O tempo adquire um caráter circular-espiralado, estruturando-se o romance em direção à altura, contrário ao da novela-rio, predominante antes. A arquitetura da novela, em forma de arranha-céu, possibilita a Thomas Mann construções surpreendentes, como varandas, terraços, largos balcões, etc, em fuga ao tema central da novela. A doença – no caso a tuberculose – representa a sociedade européia, uma burguesia de mente enferma que não chega sequer a se dar conta das proximidades de uma guerra prestes a explodir, envolvendo nela o mundo inteiro. Todos ali esqueceram o Tempo verdadeiro que flui na planície, tempo medido pelo relógio, enquanto ali, o primo lhe advertia no dia de sua chegada, quando conversavam pela primeira vez no restaurante, que o tempo, depressa ou devagar, “como quiseres, propriamente não passa de modo nenhum. Aqui não há tempo, nem há vida”. Levanta o copo de vinho e bebe um gole enquanto o rosto está a arder como um incêndio. Na realidade, ali não existe o tempo. É um estado do espírito assemelhado ao do Castelo do Canto IV do Inferno.

Mas *A Montanha Mágica* – como escrevi no ensaio *Literatura: a palavra como forma de ação* – é também um livro onde se pode construir toda uma teoria da conversação inteligente. Isso se observa nas conversas entre Settembrini e Naphta e até mesmo entre os médicos do Sanatório e os doentes. Certa vez, quando Castorp conversava com o médico Behrens, este fez uma explanação muito técnica sobre o processo de envelhecimento: “Nossa plástica – diz – a plástica do homem, se se pode falar dela, é também naturalmente gordurosa, mas, não na mesma medida que a mulher. Em nós (os homens) a gordura não constitui em geral, senão a vigésima parte do peso do corpo, enquanto que nas mulheres constitui a décima sexta parte. Com os anos, afrouxa-se a derme, e é então que se produzem as famosas rugas da pele. Esse tecido está carregado de gordura principalmente no peito e no ventre da mulher, na parte superior das

nádegas, em uma palavra, em todo lugar onde se encontra alguma coisa para ir ao coração e às mãos”. A discussão ocorre em razão de um quadro que o Dr. Behrens está pintando ou terminara de pintar de uma das enfermas. Impossível descrever aqui, nem há espaço para tanto, todas as considerações que são feitas pelo engenheiro e o médico Behrens sobre a arte, especialmente a preocupação que tinham os gregos pelo corpo, quando esculpiam, sendo a cabeça um elemento menos significativo. De qualquer forma, o leitor de *A Montanha Mágica* encontrará sempre muito sobre o que meditar, especialmente em relação aos temas: amor, morte, o tempo, a cozinha, a arte em geral, e particularmente a música e a pintura.

Nesse romance, os temas e motivos se desdobram, alcançando uma complexidade crescente. Alguns críticos e estudiosos da obra romanesca de Thomas Mann têm encontrado aqui cerca de seis motivos os quais merecem não apenas uma retificação quanto à interpretação de seus conteúdos mas, também, do número desses motivos básicos. Não há dúvida de que *A Montanha Mágica* foi composta obedecendo a uma rigorosa quantificação de seus elementos estruturais baseados no número, não tão rigorosa quanto a concepção da Divina Comédia, mas tão consciente, em suas intenções teóricas, quanto *As Flores do Mal*, de Baudelaire. No caso de Thomas Mann, ao contrário de Dante, o seu número preferido não é o 3 ou 9, mas o 7, ainda que o 7 esteja sempre presente em Dante. O leitor desatento da *Montanha Mágica* nem sempre poderá perceber o significado das palavras que ele escreveu no final do prefácio desse romance: Ei-las:

*Portanto, o narrador, não poderá terminar a história de Hans Castorp de um só golpe. Os 7 dias de uma semana não serão suficientes. Tampouco bastarão 7 meses. O melhor será não se perguntar de antemão quanto tempo transcorrerá sobre a terra enquanto a história ocupa o seu narrador. Esperamos, em nome de Deus, que não chegue a ser 7 anos.*

Procurando identificar os motivos presentes nesse romance, como o próprio título deste ensaio o exige, descobri 7 e não apenas 6 como têm observado alguns de seus intérpretes. Acredito que poderei dizer que além desses motivos não há mais nenhum, assim como dissera Aristóteles sobre as seis partes da tragédia grega.

1º – U’*a* Montanha Encantada, formadora de um espaço onde a história se organiza. Esta montanha é o símbolo do Purgatório tal como se apresenta em Dante. A idéia da purificação pelo fogo aqui também está presente através da febre purificadora dos 7 pecados capitais. A Montanha não podia ser o símbolo de uma sociedade europeia do futuro, como querem alguns críticos, ao afirmar que ali se encontram apenas europeus, pois quando, em uma passagem do romance, Hans Castorp indaga de Joachim quem é uma mulher enlutada que ele vê no jardim, ele responde, sem olhar:

– Ah! é “Tous-les-Deux”. Aqui todos chama-mo-la assim, pois é só o que se ouve. É mexicana, não fala sequer uma palavra de alemão e muito mal o francês.

2º – Um mundo tipicamente manniano, apoiado numa técnica naturalista de composição associada a um simbolismo que o coloca em posição singular em relação aos demais escritores naturalistas ou realistas europeus de fins do século XIX.

3º – Um personagem característico da novela pedagógica de Goethe – Anos de Aprendizagem do Guilherme Meister – que sobe à Montanha (assim como Enéias descera ao Inferno para adquirir sabedoria) onde se auto-educa não em uma Universidade, de onde já saíra como engenheiro naval, mas na escola da vida. Aqui poderia servir-lhe de lema os versos de Camões:

*A disciplina militar prestante  
não se aprende Senhor na fantasia,  
sonhando, imaginando ou estudando  
senão vendo, tratando e pelejando.*

4º – Dois humanistas – Setembrini e Naphta – representantes da divisão ideológica do mundo entre liberais admiradores da Revolução Francesa, e o comunismo primitivo. Esses dois personagens asseguram ao romance uma unidade de exposição de idéias através de uma verdadeira teoria da conversação inteligente. De um deles – Setembrini – diz o narrador: “Seus lábios formavam as palavras com um certo prazer. ouviam-se-as com satisfação”. Acusam Mann de não haver dado vida própria a esses personagens. Mentira. Eles são cheios de vida. Naphta é Lukács, embora seja jesuíta e Lukács marxista! Sem Naphta e Setembrini, a formação de Hans Carporp seria prejudicada. Poderíamos até dizer que a história ficaria um tanto insípida sem eles. Eles mostraram ao engenheiro que a vida é mais do que a tecnologia de fazer navios.

5º – Um episódio de amor entre o herói Castorp e uma estranha mulher de nome Clawdia Chauchat. Este motivo proporciona excursos sobre o amor e a beleza do corpo, ainda que este simbolize a doença e a morte. Para não voltar ao tema como a brevidade exige, permitam-me transcrever um trecho da declaração de amor que Hans Castorp faz a sua amante. Cito em tradução de Otto Silveira:

Oh! encantadora beleza orgânica que não se compõe nem de pintura a óleo, nem de pedra, mas sim de matéria viva e corruptível, cheia do segredo febril da vida e da podridão! Vê a simetria maravilhosa do edifício humano, os ombros e as cadeiras, os seios floridos em ambos os lados do peito, as costelas alinhadas por pares, o umbigo no centro, na brandura do ventre, e o sexo obscuro entre as coxas. Vê os homoplatas como se movem sob a pele sedosa das costas, e a coluna vertebral que desce até a dupla luxúria fresca das nádegas, e os grandes ramos dos vasos e dos nervos que passam do tronco às extremidades pelas axilas, e como a estrutura dos braços corresponde à das pernas. Oh! as doces regiões da junção interior do

cotovelo e do tornozelo, com sua abundância de delicadezas orgânicas, sob suas almofadas de carne, que festa mais imensa o acariciar esses lugares deliciosos do corpo humano! Festa para morrer logo sem um só lamento! Sim meu Deus, deixe-me sentir o odor da pele de tua rótula, sobre a qual a engenhosa cápsula articular segrega seu azeite resvaladiço! Deixa-me tocar devotamente com minha boca a artéria “femoralis” que pulsa no fundo da coxa e que se divide, mais abaixo, nas duas artérias da tibia! Deixai-me sentir a exalação de teus poros e apalpar teu velo, imagem humana de água e albumina, destinada a anatomia do túmulo e deixai-me morrer com meus lábios colados aos teus!

Não abriu os olhos, depois de ter falado. Permaneceu sem se mover, a cabeça para trás, as mãos, que seguravam a pequena lapiseira de prata, separadas tremendo e vacilando sobre os joelhos.

Ela disse:

– És, sem dúvida, um galanteador que sabe cortejar, profundamente, à alemã.<sup>3</sup>

6º – A presença do tempo, um tempo não só subjetivo e objetivo, mas um tempo mítico, simbólico, ou alegórico, um tempo que parecendo ser o passado ou o futuro não é mais do que o “presente”. Quando ele diz, no prefácio, que a história se passa num remotíssimo passado, significa apenas que a *Montanha Mágica* é a última crônica de uma época já morta para sua atividade artística. Por outro lado, um tempo tão distanciado, permite ao narrador exercitar mais livremente a sua ironia, tal como ocorre nos romances do Ciclo de José e até mesmo no *Doktor Faustus*.

7º – A numerologia, como uma espécie de *leitmotiv*, ou motivo diretivo, com ênfase no número 7. Ele chega ao Sanatório de

<sup>3</sup> Cf. *A Montanha Mágica*. Editora Panamericana, trad. de Otto Silveira, Rio, 1943.

Berghoff em julho, o 7º mês do ano. Ali fica no quarto 34, cujos números somados entre si formam o número 7. Ao fazer a primeira refeição, verifica que o refeitório tem 7 mesas. Ao observar o primo Joaquim tomar a temperatura na boca, indaga:

– Quanto tempo dura isto?

Joaquim mostrou 7 dedos.

Mas já se passaram os 7 minutos, diz Castorp.

Joaquim fez um sinal negativo com a cabeça. Depois tirou o termômetro da boca e disse:

– Sim, quando se vigia, o tempo passa muito lentamente. Gosto de tomar a temperatura quatro vezes ao dia, porquanto isto nos faz observar, propriamente, o que seja um ou 7 minutos, do mesmo modo que, aqui, não se faz nenhum caso dos 7 dias da semana.

Dai eu acreditar que a composição numérica chegou a Thomas Mann não através dos místicos ou dos neo-místicos, mas diretamente de Dante. Na Montanha Mágica há constantemente elogios a Virgílio, guia de Dante. Dante é louvado por seu espírito, por ser um cidadão ativo e lúcido com uma consciência profunda da arte e de seu valor como princípio do conhecimento das coisas terrenas e da vida. O sentido da presença de Dante torna-se, assim, um princípio para a compreensão da obra de Thomas Mann. Segundo ele, a crise da arte moderna resulta das condições histórico-sociais da época que obrigam o artista a refugiar-se nas sombras. Mas Dante é um exemplo de um escritor que resistiu esteticamente ao espírito da época e foi buscar num clássico, que vivera 13 séculos antes dele, o guia para sua revolução na poesia. O próprio Thomas Mann é um exemplo de artista moderno que não se entregou às seduções das massas mas tampouco se refugiou no gabinete como o fez Adrian Leverkühn.

*Doktor Faustus* O *Dr. Faustus* representa o ponto culminante da carreira literária de Thomas Mann. Possivelmente, é a obra mais complexa da literatura mundial, escrita nos últimos cem anos. Restrinjo-me a alguns aspectos desse romance, em que os temas artísticos, políticos e filosóficos se entrelaçam, formando um tecido estrutural representativo da mais nítida imagem do século XX. A obra foi concebida como uma biografia escrita, em 1943-44, por um suposto humanista –Serenus Zeitblom – amigo do compositor Adrian Leverkühn. A estrutura lógica da novela tem sua gênese nas duas Grandes Guerras e o espírito de autodestruição da arte contemporânea, tal como visto por teóricos das artes, inclusive Thomas Mann. O relato é feito três anos após a morte de Adrian, que por haver pactuado com o Diabo, identifica-se com o personagem de Marlowe e Goethe. Mas, o Diabo aqui não se parece tanto com o de Goethe. Lembra o da visão do Mal de Dostoiévski. Contudo, o Demônio de Dostoiévski não se apodera de todo o ser de Ivan Karamazov. Quando, por exemplo, se queixa de reumatismo, Ivan indaga:

- O Diabo com reumatismo?

Ele diz:

- Por que não? Se eu me encarno? Quando me encarno sofro as conseqüências *Satanás sum et nihil humani a me alienum puto* (Sou Satanás e nada do que é humano me é estranho).

O Diabo de Mann é mais terrível. Domina inteiramente o ser de Leverkühn. E quanto à vocação musical de Adrian? Na juventude, foi conduzido a um asilo e ali se refugiou no piano. Do ponto de vista do caráter, não é mistério o fato de um homem tão observador quanto Mann criar um tipo com poucos traços do espírito germânico. Comum a esse povo, Adrian tem a facilidade de

compreender e a inteligência de um arquiteto godo! O título do romance sugere uma analogia entre o mundo germânico e o mundo latino, a *Divina Comédia* e a Catedral de Chartres. Afinal, são muitas as obras baseadas na vida lendária de Johannes Faust, mas só o de Mann, se intitula *Doktor Faustus*.

Para Zeitblom, ele não parece ser vocacionalmente músico. Ama a ordem. Daí seu gosto pela teologia. Mas, podia dizer-se que o amor a ordem seria antes o resultado dos estudos teológicos. Seu mestre – Schleppfuss – ensina que a psicologia religiosa é uma demonologia influenciada pela sensualidade e o freudianismo. Como em outros romances de Mann, a caracterização de Schleppfuss, segundo o imaginário popular, sugere o Demônio. Falava sem anotações, barbicha bipartida, bigode revirado, deixando aparecer dentes pontudos, rachados, dando-nos a impressão de um vampiro. Dedicava parte de suas aulas a falar sobre sexo, narrando até o fato de uma mulher que nos “séculos clássicos da fé” fora queimada pela Inquisição, por haver fornicado com um incubo, três vezes por semana, durante seis anos, na cama, enquanto o marido dormia ao seu lado. Como havia prometido a alma ao Diabo, se aquelas cópulas se estendessem por sete anos, a Inquisição a salvara, pois ao ser queimada viva, antes do prazo prometido, agradecia a Deus o expiar seus pecados na fogueira.

O interesse pela música é estranho: as possibilidades de combinações infinitas, como um grande mestre do xadrez, a procurar na mente todos os lances possíveis a cada peça. Por isso Zeitblom tem dúvidas sobre a vocação musical de Adrian. Vive desligado do real, mostrando desprezo pela vida mundana e os mecanismos da propaganda. Afasta-se da tradição musical. Era natural que usasse o sistema dodecafônico, adotando a atonalidade. Contudo, Zeitblom compreende que a música do Dr. Faustus não foi feita para a sensibilidade e o sentimento alheio. Ela visa apenas

proporcionar ao espírito do autor um “prazer” e uma visão da ordem cósmica. Ama as idéias inéditas, musicou *Silent, Silent, Salent*, de Blake, para canto e piano. Imaginou orquestrações para as Odes de Keats - odes perfeitas - buscando apenas “acentuar a soberba” presente nesses poemas. A ode *Festa da Primavera*, de Klopstock é perfeita, mas presa à Terra. Deu-lhe tratamento orquestral de vanguarda, nos anos anteriores a 1914. Recebeu elogios de poucos e acentuou em muitos, com outras composições, a fama de hermético cujo mundo procurado era o mesmo que buscavam na época os astrofísicos: Planck, Einstein, Hubble. Mann não cita esses nomes, mas sei que eram esses os que Adrian procurava para ensinar-lhe algo sobre a “música das esferas”. Detestava a vulgaridade que o prendesse à Terra, e até o verso de Klopstock: “lançar-se ao oceano das nuvens” era, para suas ambições, como a “gota aderente ao balde” (nosso planeta). Como Baudelaire, busca a altura: *le feu clair qui remplit les espaces limpides*. A imagem da Terra como uma “gota d’água” é de surpreendente originalidade e beleza poética. Para quem observe a Terra do espaço não se pode negar a força da fantasia de quem nos mostre o planeta como se fora uma crisálida, cujo interior é formado de água e envolta nas formas do nevoeiro, dando-lhe a cor azul, já notada antes por Hans Pfaall, personagem de E. Allan Poe, em sua Viagem à Lua...

Quanto aos personagens principais, que o romance não podia dispensar sem que lhe ocorresse um certo enfraquecimento da estrutura, são exatamente doze:

Protagonistas: Adrian

Zeitblom

Símbolos da decomposição: Dr. Breisacker

Desajustados:

Saul Fetelberg

Rudi

Inês

Professores de Adrian:

Nonemmacher

E. Kumpff

Wendel Kretschmer

Schlepfuss

Uma análise comparativa mostra as diferenças entre o *Faust* de Goethe e o *Faustus* de Mann. Georg Lukács (1) identifica no *Faust* de Goethe a representação do “grande mundo”, o mundo social, objetivo e conseqüentemente épico. O *Faustus* de Mann, é a projeção do “pequeno mundo”, o mundo individual, interior e subjetivo. Para Adrian, a fala do objetivo, na arte, é a experiência interna expressa pela “subjetividade”. Será que um ser introvertido, inclinado à busca da realidade oculta, subjacente à realidade fenomênica não é capaz de ver melhor do que o outro? Possivelmente, sim. Creio que o *Dr. Faustus*, de Mann, vê melhor do que outros que antes dele dominaram a cena, desde Marlowe, passando por Lessing e Goethe.

Ao contrário do *Faustus* de Marlowe, sempre inclinado à fraude, o *Faustus* de Mann, às vezes, se apavora com a figura do Diabo. Quando no *Faustus* de Marlowe, o Demônio se apresenta de forma horripilante, o sábio ordena-lhe que se retire e volte com melhor aparência, “vestido de franciscano, pois a um Diabo convém piedoso aspecto”; mas Adrian descobre que a feiura do Demônio é a representação caricatural do impulso suicida do império nazista. Ainda segundo Lukács, essa feiura é também o símbolo da decomposição do homem, da obra artística e do espírito criador. Eis uma analogia entre o espírito de autodestruição nazista e o espírito

de autodestruição da arte moderna, simbolizada na música atonal de Adrian. Creio que Mann e Lukács falham em sua avaliação da arte moderna. As vanguardas do início do século desempenharam papel adequado ao espírito do tempo. Sem elas, todas as formas de arte teriam se deteriorado. O agente da dissolução artística é, no *Dr. Faustus*, ele próprio, ainda que não possua consciência de seu isolamento e da trágica representação de seu papel. O Diabo de Leverkühn – a observação é de Lukács – é um crítico com vastos conhecimentos de filosofia e história. Sabe tudo sobre a situação da arte no mundo contemporâneo. Falando a Adrian, o Diabo diz que não pode negar a satisfação que lhe causa a situação da arte (Cap.XXV). Reconhece as dificuldades de compor música, mas isso não lhe parece aplicável apenas à arte musical. A impressão que a arte moderna causa em seu espírito é de indiferença em relação às obras criadas. Na realidade, ele é contra quaisquer “obras”. É claro que *sente prazer diante do desconforto que atingiu a idéia da obra musical*. De quem seria a culpa? Ele aconselha a Leverkühn a não atribuí-la a causas sociais. Reconhece que Adrian não acredita que tais condições possam *oferecer algo de sólido para garantir as funções da harmonia*. Quem está contra a obra concluída é o próprio movimento histórico do material musical, diz o Diabo ao Dr. Faustus. O tempo é o espaço da obra musical, mas, como a obra recusa a expandir-se no tempo, é na própria coordenada temporal que se efetiva o seu inescapável aniquilamento. Estas considerações não refletem toda riqueza da arte narrativa de Mann. É magistral a descrição que Leverkühn faz a seu biógrafo do Sistema dodecafônico de Schönberg, no capítulo XXII, altamente representativo da técnica de composição serial, baseada no emprego livre dos 12 semitons da escala temperada.

Em relação ao conceito de dissonância, diz Stravinsky que ela está no estilo da música há mais de um século: Não é nem o anúncio nem a preparação de nada. Nem a dissonância engendra ordem, nem

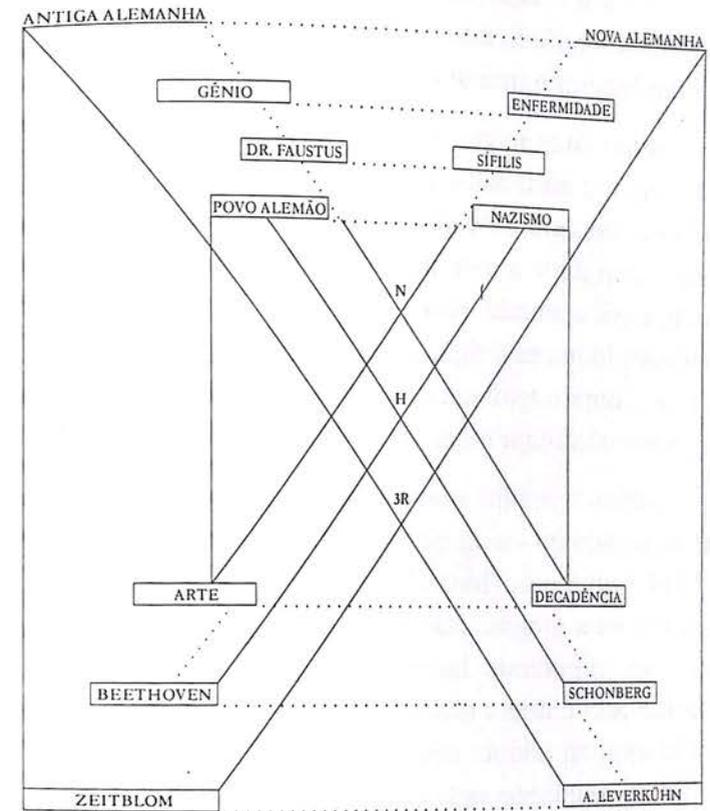
a consonância assegura qualquer garantia de ordem, de segurança (*Poétique Musicale*, Paris, 1945). No *Dr. Faustus*, Zeitblom analisando a música de Leverkühn relaciona-a com as tendências mais profundas da desumanização da arte na Alemanha sob o hitlerismo. A essência da obra musical do *Doktor Faustus* está na dissonância, na consciente destruição da harmonia. Em certa ocasião, o *Doktor Faustus* conversa com o seu biógrafo e diz que é preciso destruir. Zeitblom, surpreso, indaga o que é preciso destruir.

– O que dizem ser bom e nobre, o que afirmam ser humano, ainda que seja bom e nobre aquilo pelo qual os homens lutam, pelo qual derrubaram as Bastilhas, os fatos que os vencedores anunciaram vitoriosos. – Ouça-me, meu amigo, entendo-te mal. Que queres aniquilar? - A Nona Sinfonia.

– O Doutor Fausto compreende ser preciso destruir a Nona Sinfonia para que sua arte triunfe. Então a última obra é justamente uma sinfonia ao Faustus, composta em contraponto à Nona de Beethoven. Consegue, mas o triunfo é do Demônio. Tem consciência dessa realidade. Aqui os símbolos se cruzam em todas as direções. Beethoven não é só a música, mas o símbolo de toda a arte do Ocidente.

Contudo, o Faustus é, ainda, o símbolo da genialidade desse povo. Só que o gênio está enfermo, atacado de sífilis. A doença é outro símbolo e isso aumenta num crescendo impressionante a complexidade do romance, verdadeira epopéia, pois a Segunda Grande Guerra está presente nas passagens mais fortes de sua trama. As vitórias iniciais do nazismo, as batalhas nos diferentes “fronts”, a luta no Leste, a libertação da Itália, o desembarque na Normandia, a bomba voadora, a libertação da França, a tomada de Berlim pelos russos e a idéia nazista de “identidade nacional”, que levou Hitler a rocar o sonho de *uma Alemanha européia pela realidade de uma Europa alemã*.

## ESTRUTURA DO DR. FAUSTUS



O gráfico demonstra a estrutura altamente complexa do *Dr. Faustus*, em que os temas artísticos, filosóficos, políticos, científicos, sociais se cruzam em todas as direções, fugindo ao caráter linear da novela-rio predominante no século XIX. Os símbolos N, H, e 3R são Nietzsche, Hitler e o 3º Reich, constituindo pontos de interseção entre as duas Alemanhas: a “velha” e a “nova”, instaurada pelo nazismo. Beethoven representa não só a música, mas é o símbolo de toda a grande arte do Ocidente. É a própria Alemanha. O paralelismo mostra na outra extremidade Schönberg, o compositor austríaco, (como Hitler) cuja música atonal é adotada por Adrian, que agora pretende destruir Beethoven. Observe-se que Nietzsche é o “gênio-enfermo”. O gênio é Faustus atacado de sífilis. A sífilis (símbolo do Nazismo) é o mal que ataca o povo alemão. Zeitblom, representante da velha Alemanha, é o biógrafo do *Dr. Faustus*. As linhas pontilhadas identificam os paralelismos. (Diagrama de César Leal).

No final, Leverkühn é salvo, como foi salvo o *Faust* de Goethe. Salva-se o *Faust* pelo agir constante. O *Doktor Faustus* se salva porque reconhece, antes de mergulhar nas sombras da morte, o princípio demoníaco presente em sua música.

Reunindo os amigos, no leito da morte, Adrian confessa que há 24 anos está unido ao Demônio, mas a culpa não foi sua: *foi de sua época, uma época extremamente difícil para a arte*. O resultado é o artista entregar-se a uma embriaguez do Inferno, já que não é possível seguir o preceito bíblico: *sêde sóbrio e vigiai*. Como vigiar, quando não há paz para vigiar. O que vem por fim é perder a alma, deixando o corpo a apodrecer no monturo. Isso não se aplica apenas a ele, mas a todos os que buscam fazer arte em nosso tempo.

Adrian Leverkühn morre, quando a Europa foi envolta em chamas, no terceiro ano da guerra. Zeitblom escreve sua biografia em 1944. Anos depois, Thomas Mann dizia que o drama do Faustus ele sentira em si próprio. Não há dúvida de que a obra de Mann, possui um componente histórico-artístico que devia ser mais explorado pelos críticos e estudiosos da literatura. A “Nova Ordem” mundial exige tal reflexão. Basta um olhar sobre a Iugoslávia, onde seus líderes antinazistas estão sendo vendidos por dois vinténs aos kafkianos tribunais da Nova Inquisição.

## POESIA

(1) O ensaio de Lukács, *Dr. Faustus e a tragédia da arte moderna*, foi magnificamente traduzido por Carlos Nelson Coutinho, para uma coletânea de ensaios do filósofo húngaro, organizada por Leandro Konder e publicada pela *Civilização Brasileira*, 1968.

(2) Herbert Caro é autor de uma excelente tradução do *Doktor Faustus*, para a *Editora Nova Fronteira*. Em Seminário realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras, e Linguística da UFPE, na década de 70, com a participação de Curt Meyer-Clason e do prof. Luis Antônio Marcuschi, estudamos várias traduções alemães no Brasil, inclusive das obras de Thomas Mann, sendo algumas delas consideradas muito boas.

Deborah Brennand

LETRAS VERDES

Quando iniciei

*Letras Verdes,*

Ela me disse

- Lembre que sou arredia, repito sons destoantes, esqueço o que lembrar devia e sinto uma alegria triste brotar na safra de sonhos, quando uma andorinha por si mesma arrisca a vagar na luz asas de sombras.

Diga mais que, sem arte, decifro em sílabas o sítio onde a alma esconde a frágil estrutura do seu coração, não sob colunas marmóreas, sim sob pilares de ar que sempre caem. Não importam quedas, ponho outros no lugar e o tempo se encarrega de neles fazer crescer o novo das ramagens.

Confesse o desatar de minhas sandálias, quando juntas pisamos o inverno fazendo nos leirões plantios de chuva, ou como é sem volta o caminho do abandono.

Mostre o meu rosto sem disfarces acordando igual ao da camponesa que cedo vai aguar a horta e espanta a afoiteza de pavões bicando folhas, antes do sol em longínquos pomares salpicar luz nos laranjais.

Grife de encarnado a minha origem selvagem e mostre o avesso dos meus cuidados. Enfim, avise que me esqueço, com você, de lustrar as rimas. Uso só poucas e velhas palavras, elas me servem assim, denunciam a minha liberdade de só com o VERDE seguir um rio margeando os capins de janeiro quando se vê uma luz de marfim partida ao meio.

- Mas por que vou ser o arauto do já dito?
- Porque às vezes su tímida e silencio.
- Sendo assim, eu digo.

D.B.

## DIA E NOITE

Antes ou depois  
da sucessão das flores  
tudo foi escrito

em letras verdes.

Os caminhos do início  
eram o retorno  
e a chamaram - louca

só por dizer certas coisas.

Coisas assim

- O sol nas sombras  
é um fingido morto.

## UMA VISÃO DO MUNDO

Só a mudez de asas  
em vôos de nuvens soltas

uma briga de flores  
cravos assustando dalias

em fanado agosto.

E a terra tão esmagada,  
ainda sob passos,

ou aquele lodo nos matos  
escondendo da sede a água

e mais, muito mais, a água sufocada.

## TEU MAL

Esconder do verão  
sombrias na água.

Caçar raposas  
onde não havia mata.

Trazer no tapete  
rosas da Pérsia falsas.

Rasgar a bandeira  
antes de findar a guerra

porque tu venceste  
e eu... fiquei calada.

## SE

Por que não indagas?

- E, se em lugar das flores  
o jarro fosse ornado  
com o viço da urtiga  
e sangrentos botões de cardo?

- Talvez o tempo voltasse ...

Sujo de mofo e aragens,  
rolando em folhas secas,  
ainda assim seria o antes,  
o antes das flores

tão brancas assustarem a noite.

## BARCOS E PEDRAS

Ele me vê  
com duas pedras  
incrustadas nas pupilas.

Olhos gregos assim  
olham nas estátuas  
e nada vêem

mesmo com o sol da noite aceso.

Ele só quer  
o que já dei ao tempo  
antes muito antes

quando o mar era branco  
a lua bem negra  
e não voltou mais o barco

nunca mais...

## JÁ VI AMEIXEIRAS FLORINDO

Ameixa tão negra! Nunca vi,  
nem eu nem o meu concriz  
inquieto bicando a gaiola  
numa ousadia incontida

de plumas se abrindo.

Que sabor oculto  
vem de outras plagas  
fazer inveja ao sítio  
atordoar meu concriz

já sem cantar há dias.

O certo é dividi-la.  
O caroço jogo ao sítio  
a casca é só do concriz  
metade da ameixa é minha

e a outra dou a quem disse

- Já vi ameixeiras florindo.

## ELA O MAR E O TERRAL

Abriu a janela  
e viu o mar.  
Calado e sem navios  
estava só o mar.

Do outro lado ia o terral.

Sem pegadas  
não tocava em ramos.  
Tão só, tão só  
igual a ela e ao mar.

Assim não há o que reclamar...

## NO AREAL

De barro frágil  
o coração se viu em pedaços.  
Não, não foi o meu.  
Era o dela, vendo as águas

com amarras de barcos ao redor.

De outra vez, cautela,  
sejam mais sábios os da terra.  
Ao erguê-la tão alto  
com rosas e cravos

façam, no areal, uma santa de feno.

“O CAMINHO DO  
HOMEM COM A MOÇA”

Chega mais perto  
vê - são braceletes  
anéis de ouro e pérolas  
para ornarem o teu ser

longínquo.

Volta, recebe as tâmaras  
as mais doces do meu deserto  
que se une calado à relva  
sem medo, sem pedras,

chega mais perto.

Deixei no minarete branco  
uma águia vigiando  
e no pátio, soltos, os cães  
rastejam passos e sombras.

Só não posso te dizer o meu nome.

Abraça-me.

Ela não respondeu, foi adiante.

## O SINAL

Chovia, chovia,  
o gado mugia tanto no curral  
que parecia ser  
um sinal de lágrimas.

Então pensei – vamos,  
vamos também embora,  
chove chove demais  
o pasto está queimando em águas.

- E aonde vão vocês agora?
- Procurar uma estrela nas estradas.

## SOB UMA LUA PARDA

Fingindo-me de cega  
sonhei com os que matam  
só por matar, acordei.

O sol ia tão alto!

E o sonho? - Jazia na terra  
sem o lamento de estranhos  
coberto de um pano branco

igual igual ao morto  
esquecido por todos na estrada.

## NAS PROFUNDEZAS

Onde a luz não chega  
as serpentes de Medusa  
arrepiam-se negras.

E aqui, tão raso, no poço  
o sol lava os cabelos  
com extrema delicadeza.

Só os mortos não se contradizem.

## DO OUTRO LADO

De um leirão tão alto  
cai nas cercas  
a semente da luz.

Tudo para mim é claro.

Até os pássaros  
têm chagas nas asas  
e a novilha o couro ensangüentado.

## COM ABÓBADAS DE OURO

Deu-me um adeus  
que só agora  
depois, muito depois

respondo.

Obediente à sina  
o coração na relva  
não deu alarmes de sangue

calou-se

mas, além das pedras,  
alguém falou  
- Eu ia te dar um teto

com abóbadas de ouro.

## CIÚMES

De um tempo barroco  
com tantas curvas  
ondulando estradas  
surge uma lua nua

despudorada.

Por certo o sol irado  
com a efêmera audácia  
de rebentar o claro  
onde escuro foi seu ato

fique intrigado e reaja.

- Que ousadia!  
Só de mim depende  
e ainda exhibe vantagens.  
Amanhã ela me paga.

Finjo uma viagem e faço uma noite alva.

## ILUMINURA TARDIA

Entre arcos de boninas  
o caminho  
é um fulgor de andorinhas

chegando, chegando.

No vergar das ramagens  
um ninho apenas  
fervilha em cantos

cantos tardios.

E longe, bem longe,  
onde não sei,  
mal se distingue o vale

nem a lua vê a colina.

Tudo é tardio.

## O JAVALI

O sol caiu no açude

igual a um javali  
erica pêlos de luz  
vai às águas fundas  
depois flutua em juncos.

O seu dourado focinho.

As nuvens não ligam,  
ficam longe, arredias,  
as folhas se amoitam  
em sombras infieis.

Alguém diz

- Está ali a presa, atira,  
suja o juncal de sangue,  
no amanhã escuro  
dos beirais do charco

surgirá a caça morta.

- Nunca, é só engano  
o sol não dorme  
cai outra vez no açude  
vai em águas fundas

E novamente flutua eriçado de luz.

## SÓ FLORES

Entregou o silêncio  
e um feixe de petúnias.  
Que mal havia? Eram flores

    flores de roxo...

Ele as veria ressecarem  
arrancadas da sombra  
ao léu da luz queimando.

    Que mal havia?

- Eram só flores.

## A PARTIDA

    Não vês?

- As acácias, os gerânios  
lírios, margaridas  
o roseiral e os jasmíns

    todos de uma só vez

    dando adeus.

Ela fez que não via:  
e só além da porteira  
longe, bem longe, nas colinas  
onde nada mais se ouvia

    respondeu - Adeus.

## O SOL ESTÁ SOLTO

Não, não entres no sítio  
com os portões se abrindo  
em grades de ferro azul.

Os pássaros sabem disso.

Há um avanço raivoso  
de brutas garras de ouro  
sangrando caules e folhas,

depois um roçar manhoso

na mansidão dos bredos  
que cercam a casa  
com um letreiro aceso

Bem-vindo sejas

Não acredites - é puro enleio.

## NO BOSQUE AZUL DAS PAVOAS

Onde estão os meus mortos?  
Quero vê-los de novo  
no mais claro da luz  
mal o sol acenda as folhas

e saiam do ninho as pavoas.

De novo quero vê-los ou então... eu morro?

## O XALE VERDE

Talvez você nem saiba  
por que, uma vez, tão ligeiro  
voltou a face à esquerda  
sem responder – Adeus.

Eu sei,

mas ... digo só e somente  
- Você é rebelde,  
guarda lágrimas em lenços  
e deixa na gaiola

um sabiá com sede.

Se um dia, por algum revés,  
seu xale verde  
rastejar na lama a seda  
sem ninguém erguê-lo

não se queixe.

Quem lhe mandou dizer,  
assustando o vale  
em pleno sol de janeiro  
entre canteiros vermelhos

- O meu coração é de gelo.

## RUMO AO LESTE

No fim da manhã  
o seu único vôo  
ergueu-se ao leste.

Dúvidas ainda restam ...

Tão sombrio azul  
quem pode negar  
naquelas plumas?

disse alguém - É ave maligna.

Dúvidas ainda restam  
nas folhas do sítio  
e ele não voltou

Por quê?

## A CARTA

## Saudações

Aqui, a novidade  
são os confreiros quase negros  
assustando a horta.

Ao lado é a luz entrar  
sem nenhum pejo  
e sem bater nas portas,

num infundável entra e sai  
de criança azougada  
girando o amarelo da saia,

mostrando-se demais.

E aí, o que se passa?

Roxos beijos.

## SOLTO E SEM DESTINO

Onde a terra limpa  
cerca as raízes  
no amanhã do sítio,

o descuido planta malícias.

Na latada ao longe,  
iguais são o viço  
da vagem e da erva daninha

- antes tão arredia.

Dizem os espelhos  
em águas refletidos  
- O tempo já não é o mesmo,

a brisa tem asas partidas.

E fuçando as nuvens,  
como nunca se viu,  
o sol é um cão vadio

solto e sem destino

## AGORA

Lua de opala  
 cristal em águas  
 argola de luz

eis o vazio do que foram.

Agora só margaridas mortas  
 denunciam:  
 havia um verde de folhas.

Que pobreza!

Mas já se esperava  
 tal era o desperdício  
 de pássaros soltos

no chão à-toa.

## ANTES DA NOITE

Sem desgosto,  
 sinto e deixo  
 o odor da caneleira  
 perder-se à-toa.

Quem chega

e mais ligeiro volta  
 assustando abelhas  
 roçando os talos secos  
 de capins tão roxos?

- São asas, meu amor,

do agora para o depois  
 quando a luz se afoga  
 na barragem da noite  
 coberta de lodo e flores.

## ONDE A SOMBRA EXISTE

Antes do poente  
acolher o sono de vôos,  
quem oculta em folhas  
olhos de luto?

- Ela, que em ramos se debruça.

Todavia, isso não impede  
um jovem passar sorrindo  
com os cabelos crespos de luz  
e hálito maduro de uvas

Longe, onde passa o rio  
e a sombra não existe

## ONTEM

Disseram tantas coisas

que eu pensei: estou sob uma pérgola  
de uvas ácidas e verdes  
torturadas de mofo com abelhas

Nem oculta em folhas  
uma só penca se salva do agouro.  
e o verão, ainda, diz mais coisas.

Disfarço e finjo que não ouço.

## SE ALGUÉM CHEGASSE

Dizendo só para mim  
tudo o que não existe

- O sol e a lua unidos

vagueiam nas colinas  
colhendo cinzas.

Se alguém chegasse,

que perdida viagem!  
No ocaso brilham cascalhos.

E eu já não tenho casa.

## INSÔNIA

Viu nos pingentes  
o cristal  
facetar as lágrimas.

Viu até uma luz  
com ânsias de luar  
no lustre enferrujado.

Só não via o desejado.  
- A terra prometida  
beirando margens da água.

E o barco ancorado.

## ELE É ALGUÉM

De uma aldeia  
tão longe que eu não sei.  
E se lhe perguntarem  
- Onde pôr a lenha?

Responde

- Não em minha tenda,  
aqui eu não divido o tempo  
em estações mortais  
chuva e sol brincam irmanados.

Além do mais não há lugar.

## EM NOITES DE LUA BAIXA

Dizem que Hermione  
tão afeita à caça  
ainda rasteja  
o seu ventre escamado

nas ladeiras.

Lembranças gregas!  
A mim alegre que cheguem  
e ergam chamas  
de vetustas fogueiras

num sacrifício de lobos e ovelhas.

Em noites de lua baixa.

## ALÉM DO MURO NEGRO

Ontem uma abelha  
fugindo à-toa  
caiu, sem querer,  
na loca da caranguejeira

morreu.

Hoje longe do sol  
o cafezal amanheceu  
sem flores abertas  
só com ramos secos

morreu.

Agora, sinto dizer,  
um par de asas  
boiando sem sangue  
nos charcos da mata

morreu.

É muito para se chorar  
o que se perde em adeus.  
O tempo só finge surdez  
e vai em frente alheio

ao muro negro.

## QUANDO LEIO OS SEUS VERSOS

*“Com seu tom gentil ontem me disse alguém”*

Penso em tudo o que não nasce  
em meus leirões de barro.  
- Cerejas nozes amêndoas  
pêras macias de amarelo

e vejo chegar um longo inverno.

Então, ponho no centro da mesa  
aquela fruteira de vidro céu,  
- capaz, muito capaz de dar inveja  
aos frios amores que a cercam

no mais longo inverno.

E as almas chegam. Eu vejo  
dedos pousarem na renda irlandesa  
e vozes com antigas palavras  
- dizerem o que o vento tenta decifrar, mas

o vento não sabe o que eu sei.



## CORTESIA

Por cortesia,  
chegou o trator do vizinho  
e ... refez a estrada,

fiquei sem palavras.

O que tem a ver  
o velho caminho  
de capim e espinhos

com andanças fáceis.

Eu sabia me apoiar  
em caules frágeis  
vergar o destino à terra

sem tropeços fatais.

Agora, onde brilha o limpo,  
a luz não faz lagos sem água  
nas frestas de árvores

e eu já não sei caminhar.

## E SE FOR UMA LUA ESPIÃ?

Não, parece mais um elmo  
de aço e prata  
assustando os ramos

ou vendo nas gretas o vento  
com beijos errantes  
cortejar as flores.

- Mas se aquele pássaro  
mudo e acordado  
bem rente ao chão voar

quando os passos de uma volta  
esbarrarem numa porta  
reforçada de trancas novas?

Ai, não importa!  
Já foram soltos os cães  
e, se for a lua, eles uivam.

Senão, as sombras se decifrem lá fora

## BRIGAS

Eu já disse ao vizinho

- Esta cerca de hibiscos  
com flores vermelhas  
em ramos selvagens  
separa os dois lados.

- O meu é o do roseiral.

Então, não force os pardais  
a virem de lá para cá.  
Ferto, o mais perto possível  
o arrozal já cresce no charco

E eu não vou perder a minha safra.

## SEM PÁSSAROS

Uma manada de pedras  
longe, são búfalos negros  
imóveis esfriando o pêlo  
em águas.

No outro lado,  
a cerca do mar se parte  
e cascos invadem o areal afogueado  
de novembro.

Errado gira o mundo  
no passado e futuro  
rola de baixo ao alto

e as nuvens são pesadas.

O céu é floresta  
a mata azul azulado  
as chamas ramos peçados

os frutos estrelas.

E o coração? - É uma sombra  
muda e sem pássaros.

## JARROS DA TERRA

Ovais tão negros  
jogados no pátio  
sem flores abertas

agora são cacos.

Onde as saúvas  
ocultas da luz  
e pérfidas no escuro

devoram a relva.

Já me disseram  
a paz se faz com a guerra.  
Vejam lá, é certo

no canteiro as rosas se avermelham.

Há sangue e eu não sei.  
Por quê? Talvez....  
Não, não vou dizer.

## DÁDIVAS

Uma pedra d'água  
sem jaças  
em tempo invernos.

Um poldro  
alazão luzente  
com freios de ouro.

São dádivas selvagens. Mas ...

Cascos velozes  
além da noite  
chegam às margens

e a lua cheia  
no céu de breu  
é pérola real.

São dádivas selvagens, eu sei.

Só que ainda falta  
o verão chegar  
e eu te dizer certas coisas

Nunca faladas.

## QUEM SABE

De que serve a chuva  
os brotos se abrirem  
em mau presságio?

As raízes se desenterram  
os caules estão brocados  
dos insetos caem asas.

Quem passa não volta atrás

O', sina malvada!  
Chove tanto lá fora  
que tudo se transforma.

Breve, no açude, a água  
será ninho de terra  
e quem sabe se no verão

o meu coração seja pedra.

## ORIGEM

Quando a terra informe  
em bordas de mares  
esquarteja o azul  
ou a sombra é uma só tarja de luto  
onde não existem árvores  
a isso pode se chamar – caos.

Daí o coração justificar  
um pulsar

*des o r dena do*

Entre as flores de março.

## DEIXE O VENTO TIRAR A PROVA

- Velas são frágeis - Apago  
e do escuro volta o passado  
com a timidez de asas  
abertas ao acaso

sem voarem ...

Então você já sabe,  
do conluio do vento com o sol  
antes mal se tocavam  
hoje, estão juntos no rosal.

E agora?

- A sombra é que está contra nós.

## VÔOS SEM ASAS

Nuvens tão brancas  
assim, recordam sombras.

Onde as raízes  
sem rumo se unem  
ao húmus de asas  
esquecidas do sol

Ou

a mortais amores  
com o aroma arcaico  
de mofo e sangue  
na cinza das ramagens.

É quando as sombras  
já recordam as nuvens brancas.

## A VOLTA

A Portugal

Veio, veio do mar  
deixou o barco onde não há  
depois, cruzou os olivais  
já sem o coração mortal.

Eu vi

As suas botas luziam  
num alazão agitado  
passou e deu ao longe  
tão só a réstia alada.

Além, muito além das muralhas.

Cansado de ser alma  
ou ser tão esperado  
agora ou antes, nas margens,  
sozinho vê o azul de águas.

- Olhando águas?

For certo, de novo, volta ao mar ...

## SABEM AS CARPIDEIRAS NO VALE

Em véus de cinzas  
cortando de foice as flores  
eu te pensava. Mas,

só agora, tão perto,  
com botas de cano alto  
e manto em voltas

vejo - És um guerreiro  
de cabelos celtas  
muito, muito belo!

Estou abismada!  
Amanhã sem luz.  
No vale, as carpideiras sabem

que vão chorar mais alto

## NO SÍTIO QUE IA ATÉ O MAR

Foi, disse que ia  
lavar do tempo a face  
onde as ondas voltam  
de um escuro sem luar.

Lá, onde uma ancestral

envolta em florais de gaze  
sozinha com a solidão tocou  
uma vez e nunca mais  
um negro piano de cauda

levado por servos ao areal.

Eram canções tão alvas  
que os sonhos acordavam  
com lágrimas no claro  
e tudo era mar, mar,

quando ela tocou.

E nunca mais o piano de cauda.

## UM RISO TRISTE

- Depois?

Eu só recordo janelas  
e a mesa onde a fruteira  
era uma coroa de vidro  
ramada de tâmaras e figos.

Tudo esqueci!

O espelho onde o tempo via  
em réstias de véus  
um colar de ouro e marfim  
dar voltas sem fim.

- E agora?

Não sei quem eu sou ainda  
abril vem, abril volta,  
e, na minha face,  
se guarda um riso triste.

Diga, diga quem sou a mim.

## E SE VOLTAREM A INDAGAR?

Responderei - Não sei.

Eu nunca vi partidas  
não sei quem é alguém  
só e só ninguém.

Direi que em tempo

de copas sombrias  
e o vento dado a desmandos  
junto a mim nem almas chegam

nem longe se aviva o amaranto.

Mas ... se o silêncio contar  
tudo, tudo o que foi dito,  
sem erro, até eu mesma crer

sob o clarão de uma lua

adiante, muito adiante  
já não vais lembrar o pouso  
de tua cabeça meio louca

certa vez numa almofada de flores.

## ROSAS E VIOLETAS

Abrindo o verão  
a luz é aquela flor  
deixando cair em pedras

a corola de ouro

e violetas, depois  
num buquê de viuvez  
afrontam o inverno

que nem sequer chegou.

Verão de pétalas  
com violetas no inverno  
sucedem-se, mas há discórdia.

O' desalmados! Não digam isso à

Morte.

## CASSANDRA

Se me fazes mal  
arrasto os meus pés  
até sangrarem

os seixos brancos do vale.

Se me fazes mal  
as flores não retornam  
serão natimortas  
escuras e secas

no esplendor do claro.

Se me fazes mal,  
todos os beijos falsos  
voltam em tua face  
nódoas sombrias

que nenhuma água lava.

Se me fazes mal,  
o teu mundo é o caos  
de corações saqueados,  
um latejar em vão.

Cerca então os meus abismos  
com asas voando ao longe.

## SOL AZUL

Longe, muito longe, onde  
no calor de um estio  
irmãs bordam o linho  
sentadas em bancos de vime,  
vi cruzar a sombra  
um sol azul sem se ferir.

Embora aberta fosse a tranca  
do portão da varanda  
e fora os pássaros já dormissem  
sem nenhum ruflar de asas  
espantar o mormaço  
foi lá que o sol pousou em mim.

E eu disse sem as irmãs ouvirem  
- Eis aqui a serva do Senhor.

## A PRIMAVERA MORTA

São léguas e léguas de árvores  
cercando as margens. Mas ...  
faço de conta que tu voltas  
de coração aceso com medalhas.

Estou só, tão desarmada!

Escuto ruídos falsos  
ou são as lajes que se aclaram  
com estrelas de ferro  
tilintando em esporas?.

Chegas e tudo se acaba.

Nas rosas marrons de minha saia  
desolada sem o brilho do sol  
com um gesto e a vista baixa  
mostro em silêncio a primavera morta.

## COM NUVENS E PÁSSAROS

Hoje é um dia  
em que no anzol  
pode morrer o peixe

com guelras sangrentas  
arquejando o ar ar ar  
do último céu de águas.

É o dia do laço negro  
na sandália desatar-se  
bem no meio da estrada

que leva pássaros atrás  
nos sítios umbrosos  
de polpas soterradas.

Dia é de se tomar chá  
em xícaras desdouradas  
com trincos nos beirais.

É sempre o dia esperado  
quando podem dizer  
- Endoideceu por nada ...

Agora, porque voam, falo só  
com nuvens e pássaros.

## INSULTOS

Eu sei porque ele é assim  
 junta só flores vermelhas  
 passa por mim e não me reconhece.  
*É jovem demais este verão*  
 e eu – já velha

Certo está quem aconselha  
 - Faça também o mesmo  
 colha centenas de violetas

e enfeite de roxo bem roxo  
 um longo inverno.

## AONDE VÃO AS NUVENS

- Estou a prolongar-lhe a vida

Já com a luz extinta  
 lavrando tábuas de sucupira  
 com raios negros de verniz  
 do caule surge a mesa.

E que renda vai cobri-la?

Respondi - aquela  
 nascida em bilros  
 branca igual à louça  
 com borrões azuis de flores.

Ele disse - aonde vão as nuvens?

-Com tantos enganos  
 quem sabe aonde vão  
 se até os zangões do sítio  
 esqueceram o aroma

de um verdor de folhas.

- E se estou a prolongar-lhe a morte?

## DESATA UMA FITA LILÁS

Põe o aqui lá fora  
o hoje no amanhã  
desata uma fita lilás  
ou muda de jarro as flores

Facilita meu amor.

Na estação dos plantios  
em legítima defesa  
arames farpados se esticam  
nas estacas de aroeira

Antes de o sol ver a colheita.

Deixe então os pássaros  
sem remorso presos,  
em gaiolas de ferro e madeira  
sem indagar o porquê de

no além dos canteiros

brotarem os tinhorões vermelhos.

## CERTAS COISAS

Boiam as folhas.  
Isso confirma - O inverno chega.  
Mas ... o sol não dá sinais,  
esguio e atrasado

vagueia ao léu nos vales.

E ninguém lembra as jandaias  
sem o atar de correntes,  
amantes fiéis ao pouso  
de um jardim sem flores.

Ah! Nunca me dizem certas coisas ...

## NOS ROCHEDOS

Quando a luz chega  
lavando o negror da noite  
em nuvens vermelhas

meia-lua se vê.

Nas gaiolas de céu,  
pássaros acordam,  
arautos azuis

de novas alvissareiras.

E, sendo um leva e traz  
o vento pula as cercas  
tal um cabrito montês

faminto de folhas tenras,

pasto orvalhado  
florido de juremas,  
vagens, cascas, sementes.

Isso diz uma lavradora

quando a lua  
medalha frágil  
que se parte ao meio

tomba nos rochedos.

## EU NUNCA ME RESPONDI

Do meu rebanho  
sacrifício no areal  
o mais belo touro  
de chifres arqueados.

Na luz de março  
os cravos arranco  
de ourada grinalda  
que se desfaz.

Um nome me chamam  
e nunca respondi,  
não sei se tenho aura  
de esplendor azul.

No auge do sol  
o meu espelho se embaça.  
Em moldura de prata  
confessa só o vazio

Eu nunca me respondi ...

### ABRO TODAS AS PORTAS

Mesmo se os cães avançarem  
com dentes e patas nas flores  
e o azul do tapete escureça  
todo espojado de pêlos,

antes, muito antes,

do tempo dizer - Veja  
tudo é lixo - sonhos, folhas.  
E, sem ligar gentilezas,  
passe nas portas abertas

sem agradecer.

O tempo, meu bem, não se comove à-toa.

### CHUVA COM SOL

Tal nódoa em seda,  
as abelhas pousam  
nos lírios indefesos  
e a ninguém importa.

Até os pássaros aceitam  
o verão chegar nublado  
em fins de janeiro  
com as folhas já ciscadas.

Por que então o alarde  
de correrias no pátio  
quando nas moitas do ar  
o rapaz e a moça se abraçam

alheios à chuva com sol  
nas gretas das lajes  
onde os bredos se esmagam  
com o andar do tempo.

## FALEM DO QUE JÁ NÃO EXISTE

De um pavão vermelho  
bicando o lodaçal  
de um rio morto.

De flores tão leves  
que a brisa inveje  
e logo vergue os brotos.

Falem do que não se vê.  
- Um negro buquê de noites  
o longo véu sem a noiva.

Mesmo se depois  
as nuvens afoitas  
mostrarem o fulgor

de um céu em ouro.

Falem do que fui e já não sou.

## FAÇA A SUA ESCOLHA

- A ala rósea das flores  
outra que segue os sombreiros  
bem longe onde pássaros voam  
ou a do sol aberto em noite.

- Agora? Não há escolha ...

Ontem, a fogueira morreu.  
Sem nenhuma escolha feita, adeus.  
A lenha já não é brasa  
e as cinzas não acendem

a ala que surge a minha frente.

## UM DIA

Se os degraus levarem  
ao além da escada,  
eu sei que dois pilares  
com altivos bogaris

aguardam-me no jardim

de uma longa casa  
pousando tal asas  
abertas em terraços  
com o sol a pino

solto na estrada

onde tudo passa e repassa  
aves, novilhos, ovelhas,  
na romaria dos dias  
claros, muito claros, claríssimos.

Mas, se os degraus descerem

eu não devia dizer  
quem espera por mim  
lá, no canto sem flores  
de um relvado extinto.

O mesmo tempo sozinho.

## SOBRAS DE LUZ

Do areal  
um vazio no claro.

Do mar  
o adeus da viagem.

Do bosque  
o húmus das ramagens.

Da terra  
um plantio invernal.

Do céu  
a coroa de Ariadne.

Tantas e tantas coisas  
não cabem num arcaz.  
As trancas se envergam  
e, sobra luz por toda parte.

## LUA DESFEITA

- Perdeu-se sem caminho?

- Não. Sempre é assim.  
Em qualquer aldeia  
surge o erro  
de uma lua desfeita  
e as estrelas se apagam  
com tarjas de nuvens negras.

Ou

Longe, o odor da colheita  
foge dos celeiros  
invade as cocheiras  
onde os cavalos relinham  
e fuçam o ar que chega  
sem nenhum aviso.

Do mais longe, onde o escuro faz medo.

## FALSIDADE

Por mais que se lamente o vento  
enternecendo o vale  
não tenha pena  
veja só, depois o que ele faz

- Canta, canta no capinzal.

Por mais que chore a água  
um poço verde de lágrimas  
adiante, todos já sabem  
sufoca nos jardins as flores

com frieza mortal.

Assim, não me lastime, cale,  
quando o tempo longe me levar  
deixando as sombras pensarem  
que eu acreditei na eternidade

É a minha vez de ser falsa ...

## LOURO ~ PRETO

*“Árvore cuja madeira é estimada para  
uma série de usos, canela-baraúna”.*

O louro ainda não deu  
folhas de preto,  
nem estancou sua seiva  
que nodoa o verão.

E noite,  
é noite.

Faz do teu coração  
uma tocha de mato seco  
acende e vê - O chão se arrepiou.  
Quem foi morto? Que houve?

- Foi só uma queda  
uma queda sem dor.

- Foge, esquece o visto  
esquece caibros, ripas, vigas.  
Tetos se fazem de céus  
em pátios de pedras.

- Isso disse a moça a alguém que passou.

## ABRIL

Venha, devagarinho, pare.  
Mas volte ligeiro a buscar os lírios  
que deixei onde não devia.

Esquecidos,  
longe  
e...

Já não sei  
o  
lugar.

## JUSTIÇA

Não pode ser juiz  
quem não sonha dias claros.

Você é minha testemunha  
porque juntos estávamos na tarde  
quando em mar de prata  
vimos, com espanto, o sol boiar.

Pálido, morto, igual a um jovem  
de longos cabelos descourados.

Ah! Não tivemos culpa de nada!  
Além do mais, o dia era claro.

## PANOS NEGROS

Se tu morres  
cubro a face de panos  
tão pesados e negros  
que o sol não chega

onde o mundo se acaba.

Se tu morres  
nunca mais vejo o mar  
nem que as pedras sejam  
águas sufocando o areal.

Mas, se és imortal

Amor, amor quem sabe?  
Visto uma blusa vermelha  
saio a cantar no pátio

e os pássaros que se calem.

- Bela, belíssima tarde.

## ÍNDICE

Prefácio .....	1
Dia e noite .....	2
Uma visão do mundo .....	3
Teu mal .....	4
Se .....	5
Barcos e pedras .....	6
Já vi ameixeiras florindo .....	7
Ela o mar e o terral .....	8
No areal .....	9
“O caminho do homem com a moça” .....	10
O sinal .....	11
Sob uma lua parda .....	12
Ns profundezas .....	13
Do outro lado .....	14
Com abóbadas de ouro .....	15
Ciúmes .....	16
Iluminura tardia .....	17
O javali .....	18
Só flores .....	19
A partida .....	20
O sol está solto .....	21
No bosque azul das pavoas .....	22
O xale verde .....	23
Rumo ao leste .....	24
A carta .....	25
Solto e sem destino .....	26
Agora .....	27
Antes da noite .....	28
Onde a sombra existe .....	29
Ontem .....	30
Se alguém chegasse .....	31
Insonia .....	32
Ele é alguém .....	33
Em noites de lua baixa .....	34
Além do muro negro .....	35
Quando leio os teus versos .....	36
Alguém chegou .....	37
O que lembra a água .....	38
Cortesia .....	39
E se for uma lua espia? .....	40
Brigas .....	41

Sem pássaros .....	212
Jarros da terra .....	213
Dádivas .....	214
Quem sabe .....	215
Origem .....	216
Deixe o vento tirar a prova .....	217
Vãos sem asas .....	218
A volta .....	219
Sabem as carpideiras no vale .....	220
No sítio que ia até o mar .....	221
Um riso triste .....	222
E se voltarem a indagar? .....	223
Rosas e violetas .....	224
Cassandra .....	225
Sol azul .....	226
A primavera morta .....	227
Com nuvens e pássaros .....	228
Insultos .....	229
Aonde vão as nuvens .....	230
Desata uma fita lilás .....	231
Certas coisas .....	232
Nos rochedos .....	233
Eu nunca me respondi .....	234
Abro todas as portas .....	235
Chuva com sol .....	236
Falem do que já não existe .....	237
Faça a sua escolha .....	238
Um dia .....	239
Sobras de luz .....	240
Lua desfeita .....	241
Falsidade .....	242
Louro-preto .....	243
Abril .....	244
Justiça .....	245
Planos negros .....	246

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora  
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Helio Ramos, 26 • Nazaré  
Fone (0xx81) 3271 8397 • (0xx81) 3271 8933  
Fax (0xx81) 3271 8395 • CIP 507-40-530  
Recite • 19

